

Revista  
**guará**  
Pró Reitoria de Extensão - UFES

**OUTUBRO 2015**  
ANO III - Nº IV  
*SUPLEMENTO*

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

**Reinaldo Centoducatte**

Reitor

**Ethel Leonor Noia Maciel**

Vice-Reitora

**Maria Auxiliadora De Carvalho Corassa**

Pró-Reitora de Graduação

**Neyval Costa Reis Junior**

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**Angelica Espinosa Barbosa Miranda**

Pró-Reitora de Extensão

**Eustaquio Vinicius Ribeiro De Castro**

Pró-Reitor de Administração

**Anilton Salles Garcia**

Pró-Reitor de Planejamento e  
Desenvolvimento Institucional

**Maria Lucia Casate**

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas e  
Assistencia Estudantil

**Alexsandro Rodrigues**

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania

**Conselho editorial**

Adriana Madeira Alvares da Silva (UFES)

Brunela Vincenzi (UFES)

Donato de Oliveira (UFES)

Fernando Vicentini (UFES)

Gloria C. Aguilar Barreto (Universidade  
Nacional Caaguazú)

Ivan Robert Enriquez Guzman (UFES)

**Revista Guará**

Publicação Semestral da Universidade  
Federal do Espírito Santo  
Ano III - nº 4 - Outubro de 2015

**Angélica Espinosa Barbosa Miranda**

Editor Responsável

João Frederico Meyer (UNICAMP)

Maira Pêgo de Aguiar (UFES)

Maurice Barcellos da Costa (UFES)

Paula Cristina da Costa Silva (UFES)

Pedro Florêncio da Cunha Fortes (UFES)

Regina Lúcia Monteiro Henriques (UERJ)

Renato Tannure Rotta de Almeida (UFES)

Tânia Mara Z. G. Frizzera Delboni (UFES)

**Conselho técnico científico**

Aissa A. Guimarães (UFES)

Antonio Celso Ribeiro (UFES)

Aparecido José Cirilo (UFES)

David Ruiz Torres (UFES)

Darcy Alcantara Neto (UFES)

Ernesto Hartmann (UFES)

Fábio Goveia (UFES)

Gabriela Santos Alves (UFES)

José Otavio Lobo Name (UFES)

Mirna Azevedo (UFES)

Rafael Paes Henriques (UFES)

**Assistente editorial**

Paola Pinheiro Bernardi Primo

**Equipe técnica**

Claudia Rangel

Farley Souza

Thais Melotti

**Revisão**

Vera Lúcia Santa Clara

**Ilustrações**

Imagens da Artista Plástica Fabiane Salume

**Editoração**

Amanda Ardisson

**Pró-Reitoria de Extensão**

Editora

Tiragem: 500 exemplares

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Espírito Santo

Pró-Reitoria de Extensão

Av. Fernando Ferrari nº 514

# A ABORDAGEM DO CONHECIMENTO GINÁSTICA NOS CURSOS DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA CIDADE DE VITÓRIA/ES

Docente: Paula Cristina da Costa Silva

Discente: Franciny dos Santos Dias

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar quais os saberes gímnicos (BARBOSA-RINALDI; SOUZA, 2008) são abordados nas disciplinas que tratam da ginástica, nos cursos de Bacharelado dos Institutos de Ensino Superior (IES), da cidade de Vitória/ES, e averiguar se esses saberes são apreendidos pelos estudantes de Educação Física. Como objetivos específicos foram mapeadas e analisadas as disciplinas que são oferecidas sobre esse tema nos cursos estudados e foi averiguado, por meio de questionário, se os saberes ginásticos apontados pelos planos de ensino têm sido apreendidos pelos estudantes desses cursos. A pesquisa qualitativa foi adotada como metodologia de investigação e na coleta de dados utilizou-se a análise documental dos planos de aulas, obtendo-se 4 deles em duas IES. Foi realizada nestas mesmas IES a aplicação de um questionário estruturado, com questões abertas e fechadas. Os resultados dessa investigação foram muito positivos, pois dentre os 14 saberes estudados apenas 3 não foram abordados de acordo com a análise de dados. Notou-se uma repetição dos saberes nas disciplinas de cada curso, dando a entender que o que tinha sido aprendido nas disciplinas anteriores, poderia estar sendo aprimorado no decorrer das disciplinas seguintes.

## INTRODUÇÃO

Em 2013 iniciamos os estudos sobre a Ginástica<sup>1</sup> e a formação inicial em Educação Física com o foco nos cursos de Licenciatura, da cidade de Vitória/ES (SILVA, PINHEIRO, 2014). Entretanto, no decorrer da investigação mencionada, especificamente,

1. Quando utilizarmos o termo Ginástica com letra inicial maiúscula estaremos nos referindo ao campo de estudo que engloba as várias manifestações gímnicas como suas modalidades esportivas e sua prática em diferentes espaços sociais.

na imersão em campo, verificamos que na cidade de Vitória, atualmente, temos em funcionamento 2 cursos de Bacharelado (de uma faculdade particular e outra pública). Isso fez com que tivéssemos o desejo de inquirir, a partir da metodologia que vimos trabalhando, como se dá a apropriação dos saberes tratados sobre a Ginástica nesses cursos de formação.

Os cursos de Bacharelado em Educação Física no Brasil foram criados com a Resolução 003/87 que propunha as diretrizes para as Instituições de Ensino Superior (IES) para formar profissionais que atuariam em ambientes não-escolares.

O que se notou em alguns cursos de Bacharelado como o da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas/SP e na Universidade Estadual de Londrina (UEL)<sup>2</sup>, em Londrina/PR foi que:

*[...] um dos principais problemas encontrados na prática era seu caráter multidisciplinar e de grande amplitude, ou seja, a possibilidade oferecida aos professores formados por esse currículo de intervirem em diferentes campos de atuações (escolas, clubes, academias, hotéis, hospitais, entre outros). Essa formação generalista gerava problemas tanto para os futuros alunos quanto, na prática pedagógica, para os professores formadores (CESÁRIO; PEREIRA, 2009, p.04).*

Esse problema se refletia, portanto, na formação inicial, quando os alunos, mesmo sabendo que iam atuar em espaços diferenciados aos dos estudantes da Licenciatura, tinham uma formação bastante ampliada e, muitas vezes, sem uma especificidade, confundindo sua atuação ao dos Licenciados. Esse fato, também, se refletia no campo de trabalho no qual se inseriam, pois o mercado ainda não tinha clareza das diferenças existentes entre um Licenciado e um Bacharel em Educação Física, pois até aquele momento o único tipo de formação era a da Licenciatura.

Com o Parecer n. 009 do Conselho Nacional de Educação (CNE), Conselho Pleno (CP), de 2001, é realizada uma ruptura nos currículos existentes, nos quais seria possível cumprir uma grade curricular básica e, posteriormente, complementar com duas formações diferenciadas a da Licenciatura e a do Bacharelado, o conhecido 3+1 (PAIVA et al, 2006). Com esse parecer delimita-se um projeto específico para a Formação de professores para a Educação Básica, que é regulamentado com as Resoluções CNE/CP nº 1 e 2, de 2002.

Posteriormente, a promulgação dessas resoluções, em 2004, temos a Resolução CNE da Câmara de Ensino Superior (CES) que institui as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, que podemos chamar também de cursos de Bacharelado em Educação Física.

Nosso interesse, portanto, é investigar como está ocorrendo a abordagem dos saberes relacionados à Ginástica nesses recém-implementados cursos de Bacharelado, em Educação Física, na cidade Vitória/ES.

Essa investigação parte dos pressupostos escritos de Barbosa-Rinaldi; Souza (2008) que pesquisaram, através do método Delphi, quais saberes ginásticos são ne-

2. Esses cursos são mencionados dada a experiência pessoal da coordenadora do projeto formada Bacharel em Recreação e Lazer, em 1996, na Faculdade de Educação Física, da Unicamp. E pelo trabalho de Cesário; Pereira (2009) citado no texto.

cessários na formação inicial. As respostas foram fornecidas por treze professores doutores que atuam no ensino superior, responsáveis por disciplinas do campo gím-nico, e que tem uma produção científica relevante sobre o tema. Após a análise esta-tística das respostas foram elencados 41 conhecimentos gímnicos necessários para a atuação do professor/profissional da área. Em seguida, as autoras criaram quinze categorias e construíram um quadro no qual constam os conhecimentos apontados pelos pesquisados e a recorrência que apareceram nos questionários, são eles:

1. Ginásticas em academias e segmento não formal (de condicionamento físico, competitivas, de conscientização corporal e ginástica geral)
2. Conhecimentos técnicos (normas de segurança, especificidade dos movimentos, processos pedagógicos) das manifestações gímnicas
3. Estilos de ensino, metodologias emergentes e intervenções pedagógicas
4. Conhecimentos históricos, culturais e sociais das ginásticas
5. Conhecimento sobre os aspectos que as composições coreográficas abrangem: formação, direção, trajetória, harmonia etc.
6. Conhecimentos de fundamentos rítmicos
7. A construção de materiais adaptados à prática da ginástica
8. Técnicas de estímulo à criatividade corporal ginástica
9. Especificidades da organização de eventos na ginástica
10. O entendimento da ginástica no contexto da epistemologia da educação e edu-cação física. A transdisciplinaridade
11. Conhecimentos das áreas de desenvolvimento motor e aprendizagem motora nas manifestações gímnicas
12. A ginástica pela óptica da corporeidade
13. Conhecimentos que fundamentem a atuação profissional e a filosofia de traba-lho, de maneira que possibilitem autonomia, formando seres críticos, sensíveis e com preocupações sociais para atuar na sociedade
14. Conhecimentos de métodos e técnicas de pesquisa (ciências humanas-sociais e ciências biológicas) necessárias para o campo da ginástica<sup>3</sup>

## OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo foi averiguar quais os saberes (BARBOSA-RINALDI; SOU-ZA, 2008) que são abordados nos planos das disciplinas que tratam da Ginástica, nos cursos de Bacharelado, dos Institutos de Ensino Superior (IES), da cidade de Vitória/ES e verificar se esses saberes são apreendidos pelos estudantes de Educação Física desses cursos. Como objetivos específicos tivemos:

- Mapear quais disciplinas são oferecidas sobre o tema ginástica nos cursos de Ba-charelado em Educação Física em cada IES;
- Analisar os conteúdos dos planos de disciplinas obtidos no levantamento docu-mental nas IES participantes;
- Mensurar por meio de questionário estruturado quais os saberes ginásticos que os estudantes têm apreendido em sua formação inicial.

3. Adaptado do quadro de Barbosa-Rinaldi; Souza (2008, p. 232).

## METODOLOGIA

### Participantes

Participaram desse estudo 51 estudantes sendo 28 da IES 1<sup>4</sup> e 23 estudantes da IES 2. A escolha dos participantes teve como requisito básico que tivessem cursado todas as disciplinas que tratassem do tema Ginástica.

### Instrumentos da coleta de dados

O questionário utilizado nessa investigação caracterizou-se como estruturado, con-tendo questões abertas e fechadas e foi aplicado nos últimos períodos de cada cur-so das IES participantes. Ele foi validado em estudo anterior (SILVA, PINHEIRO 2014) e mostrou-se um instrumento adequado para a investigação.

### Procedimento

Trata-se de um estudo qualitativo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) com imersão em campo. Em um primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico na Biblio-teca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na Biblioteca Seto-rial do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), e em sites de pesquisa de periódicos da área como: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>, <http://seer.ufrgs.br/Movimento>, <http://gimnica.com.br/biblioteca>, entre outros; ten-do como base as seguintes palavras-chaves: Ginástica, formação inicial e ginásti-ca, Bacharelado em Educação Física. Nesta fase foram encontrados 50 artigos que contemplavam o tema.

A coleta de dados foi composta pela análise documental dos planos de ensino relativos às disciplinas que abordam o tema da Ginástica nos currículos de formação de Bacharelado em Educação Física, nas IES envolvidas.

A análise documental contou com a colaboração de 5 discentes, da IE 1, que cursaram as disciplinas sobre Ginástica em sua formação inicial. Os estudantes que contribuíram com essa análise não tiveram acesso a qual instituição o plano de aula avaliado pertencia, isso para manter o sigilo das instituições pesquisadas e manter a imparcialidade diante de suas respostas. Eles verificaram quais os saberes gímnicos eram contemplados nos planos de disciplina a partir da lista dos que foram selecio-nados para a formação inicial no Bacharelado em Educação Física, ou seja, 14 sa-beres. Nesse caso excluímos do questionário o saber no. 2 “Possibilidades gímnicas para a educação física escolar: ginásticas competitivas, de condicionamento físico, de conscientização corporal e a ginástica geral”.

Na coleta de dados o questionário estruturado foi respondido por participantes que cursaram todas as disciplinas que tratassem do tema Ginástica. As questões abertas eram relativas ao sexo, idade e período do curso e as 14 questões fechadas incluíam os saberes relacionados ao curso de Bacharelado. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e esse projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa<sup>5</sup>.

4. Identificaremos as IES pelos números 1 e 2 para preservar o anonimato dos locais onde foi desenvolvido o estudo.

5. Parecer consubstanciado do CEP, da Universidade Federal do Espírito Santo, no. 323.606, de 01 de julho de 2013.

Posteriormente, com os resultados da análise documental e dos questionários respondidos pelos alunos foram gerados gráficos para a comparação do que foi encontrado nos planos de aulas e nos questionários de cada disciplina, separadas por IES.

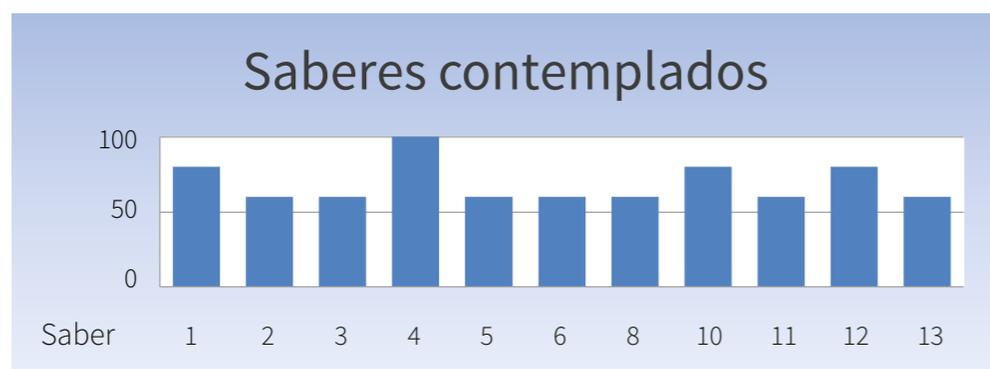
## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos os resultados obtidos nas análises documentais e nas respostas dos questionários estruturados. Optamos em realizar essa apresentação por IE e disciplinas cursadas pelos estudantes com as respostas acima de 60% para simplificar a visualização dos dados nos gráficos, proporcionando uma melhor leitura e interpretação.

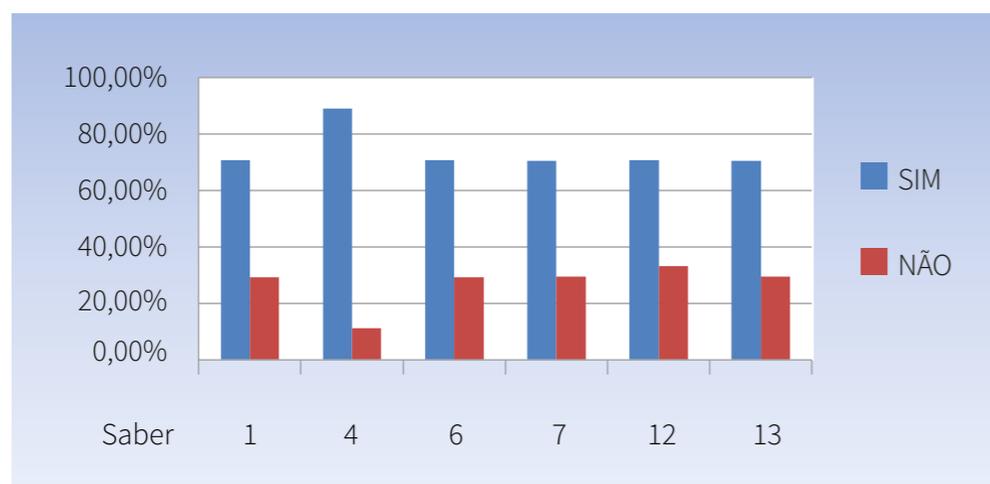
### Instituição de Ensino Superior 1

Pudemos encontrar 3 disciplinas oferecidas aos graduandos pela IE 1. Destas duas são obrigatórias e uma é optativa.

Na disciplina A encontramos:



**Gráfico 1**  
Saberes contemplados nos planos de disciplina - Curso 1 - Disciplina A

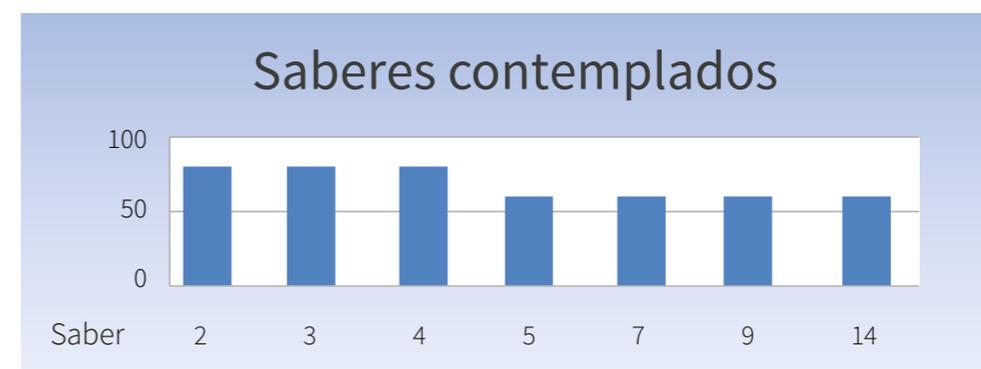


**Gráfico 2**  
Saberes contemplados nos questionários respondidos pelos estudantes - Curso 1 - Disciplina A

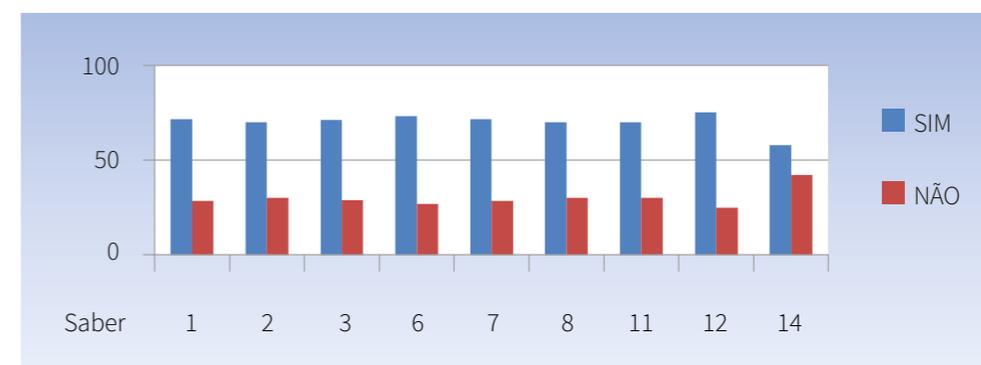
No cruzamento dos dados obtidos entre a análise documental e os questionários obtivemos para a disciplina A (obrigatória) os seguintes saberes acima de 60% apontados em ambos gráficos:

- Saber 1: Ginásticas em academias e segmento não formal (de condicionamento físico, competitivas, de conscientização corporal e ginástica geral);
- Saber 4: Conhecimentos históricos, culturais e sociais das ginásticas.
- Saber 6: Conhecimentos de fundamentos rítmicos.
- Saber 12: Conhecimentos que tratam a ginástica pela óptica da corporeidade.
- Saber 13: Conhecimentos que tratam de conhecimentos que fundamentem a atuação profissional e a filosofia de trabalho, de maneira que possibilite autonomia, formação de professores críticos, sensíveis e com preocupações sociais para atuar na sociedade.

Para a disciplina B (optativa) obtivemos os seguintes saberes:



**Gráfico 3**  
Saberes contemplados nos planos de disciplina - Curso 1 - Disciplina B.



**Gráfico 4**  
Saberes contemplados nos questionários respondidos pelos estudantes - Curso 1 - Disciplina B.

Destes os que foram encontrados em ambas coletas foram:

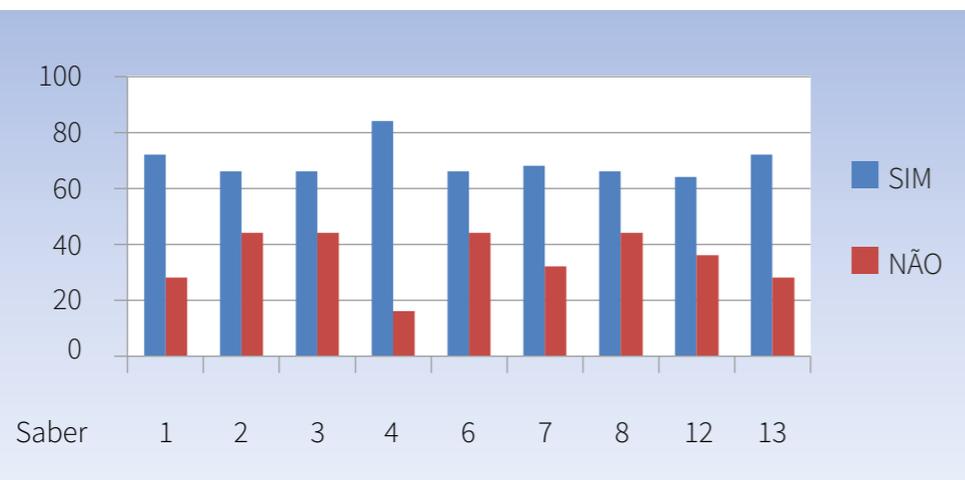
- Saber 2: Conhecimentos técnicos (normas de segurança, especificidade dos movimentos, processo pedagógicos) das manifestações gímnicas.
- Saber 3: Estilos de ensino, metodologias emergentes e intervenções pedagógicas (transposição didática).
- Saber 7: Possibilidades de construção de materiais adaptados à prática da ginástica.
- Saber 14: Conhecimentos que tratam de conhecimentos de métodos e técnicas de pesquisa (ciências humanas, sociais e ciências biológicas) necessárias para o campo da ginástica.

Já a disciplina C (obrigatória) obtivemos os seguintes saberes:

## Saberes contemplados



**Gráfico 5**  
Saberes contemplados nos planos de ensino – Curso 1 – Disciplina C



**Gráfico 6**  
Saberes com maiores porcentagens (questionários) – Curso 1 – Disciplina C

Os saberes obtidos em ambas as coletas foram:

- Saber 1: Ginásticas em academias e segmento não formal (de condicionamento físico, competitivas, de conscientização corporal e ginástica geral);
- Saber 2: Conhecimentos técnicos (normas de segurança, especificidade dos movimentos, processo pedagógicos) das manifestações gímnicas
- Saber 3: Estilos de ensino, metodologias emergentes e intervenções pedagógicas (transposição didática).
- Saber 4: Conhecimentos históricos, culturais e sociais das ginásticas.
- Saber 6: Conhecimentos de fundamentos rítmicos.

No caso da IE 1 temos uma abordagem considerável dos saberes necessários para a formação do profissional de Educação Física no âmbito da ginástica. Vale mencionar que a disciplina C tem a repetição dos saberes abordados nas disciplinas A e B.

Sobre os saberes na formação inicial que não foram contemplados na IE 1, considerando os planos de ensino e questionários, temos os seguintes resultados:

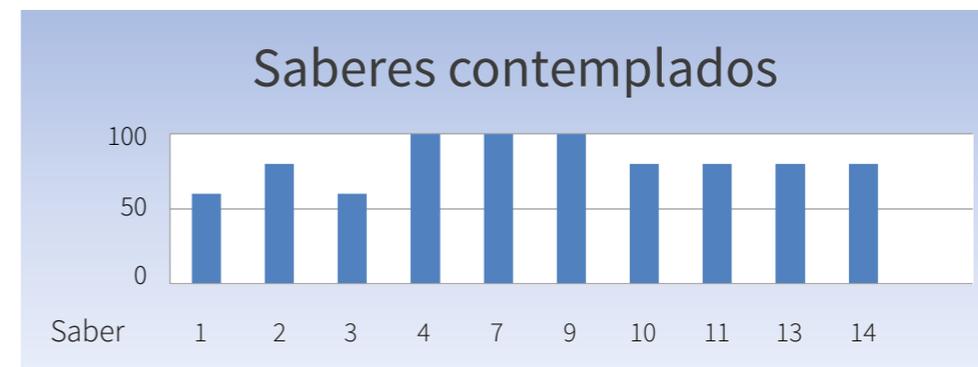
- Saber 5: Conhecimentos sobre os aspectos que as composições coreográficas abrangem: formação, direção, trajetória, harmonia etc
- Saber 9: Conhecimentos que tratam das especificidades da organização de eventos na ginástica.
- Saber 10: Conhecimentos que abordam o entendimento da ginástica no contexto da epistemologia da educação e educação física.

- Saber 11: Conhecimentos que tratam dos conhecimentos das áreas de desenvolvimento motor e aprendizagem motora nas manifestações gímnicas.

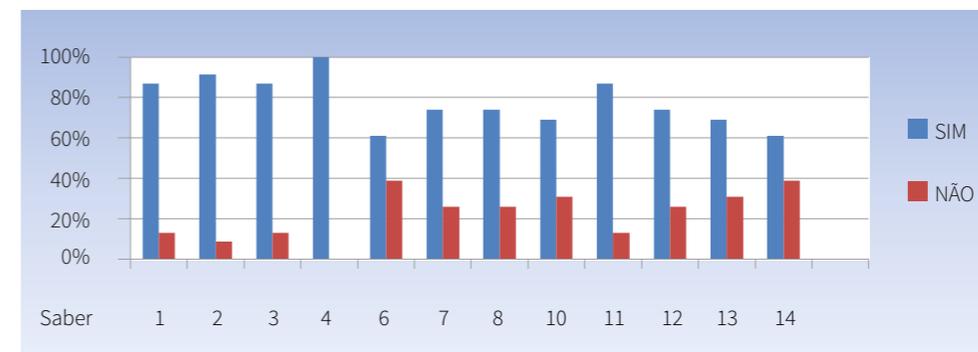
### Instituição de Ensino Superior 2

Na IE 2 são oferecidas duas disciplinas de caráter obrigatório.

Passamos a apontar os saberes contemplados com percentual acima de 60%:



**Gráfico 7**  
Saberes contemplados nos planos de ensino – Curso 2 – Disciplina A



**Gráfico 8**  
Saberes com maiores porcentagens (questionários) – Curso 2 – Disciplina A

A partir do cruzamento dos dados adquiridos na análise documental e nos questionários respondidos pelos estudantes para a disciplina A.

- Saber 1: Ginásticas em academias e segmento não formal (de condicionamento físico, competitivas, de conscientização corporal e ginástica geral);
- Saber 2: Conhecimentos técnicos (normas de segurança, especificidade dos movimentos, processo pedagógicos) das manifestações gímnicas.
- Saber 3: Estilos de ensino, metodologias emergentes e intervenções pedagógicas (transposição didática).
- Saber 4: Conhecimentos históricos, culturais e sociais das ginásticas.
- Saber 7: Possibilidades de construção de materiais adaptados à prática da ginástica.
- Saber 10: Conhecimentos que abordam o entendimento da ginástica no contexto da epistemologia da educação e educação física.
- Saber 11: Conhecimentos que tratam dos conhecimentos das áreas de desenvolvimento motor e aprendizagem motora nas manifestações gímnicas.
- Saber 13: Conhecimentos que tratam de conhecimentos que fundamentem a atuação profissional e a filosofia de trabalho, de maneira que possibilite autonomia,

formação de professores críticos, sensíveis e com preocupações sociais para atuar na sociedade.

- Saber 14: Conhecimentos que tratam de conhecimentos de métodos e técnicas de pesquisa (ciências humanas, sociais e ciências biológicas) necessárias para o campo da ginástica.

Na disciplina B da IE 2 encontramos os seguintes saberes contemplados:

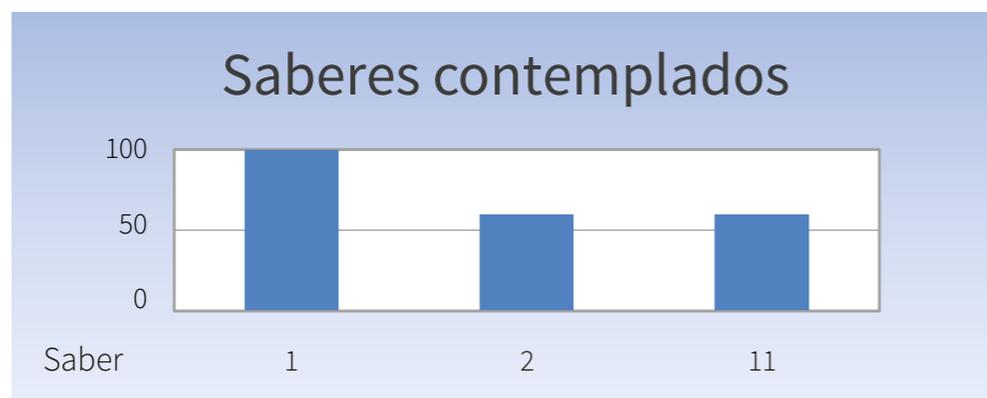


Gráfico 9  
Saberes contemplados nos planos de ensino – Curso 2 – Disciplina B.



Gráfico 10  
Saberes com maiores porcentagens (questionários) – Curso 2 – Disciplina B.

Cruzando os dados dos planos de aula e dos questionários temos:

- Saber 1: Ginásticas em academias e segmento não formal (de condicionamento físico, competitivas, de conscientização corporal e ginástica geral);
- Saber 2: Conhecimentos técnicos (normas de segurança, especificidade dos movimentos, processo pedagógicos) das manifestações gímnicas.
- Saber 11: Conhecimentos que tratam dos conhecimentos das áreas de desenvolvimento motor e aprendizagem motora nas manifestações gímnicas.

Na IE 2 os saberes que não foram contemplados foram os seguintes:

- Saber 5: Conhecimentos sobre os aspectos que as composições coreográficas abrangem: formação, direção, trajetória, harmonia etc
- Saber 6: Conhecimentos de fundamentos rítmicos.
- Saber 8: Conhecimentos que tratam de técnicas de estímulo à criatividade corporal na ginástica
- Saber 9: Conhecimentos que tratam das especificidades da organização de eventos na ginástica.
- Saber 12: Conhecimentos que tratam a ginástica pela óptica da corporeidade.

## DISCUSSÃO

Em um primeiro momento discutiremos os dados relativos à IE 1 e, em seguida, os que foram obtidos na IE 2.

A disciplina A de caráter obrigatório tem como ementa a “Introdução ao estudo da Ginástica e suas relações com a Educação Física. Historicização da construção dos sentidos atribuídos à prática corporal. Relação da Ginástica com a saúde. O lazer e a educação. Estudo e análise dos movimentos básicos. Incrementa a pesquisa, o trabalho de campo e extensão, enfatizando a ginástica como meio educativo no processo educacional dos indivíduos”.

Analisando os dados que foram coletados de acordo com os saberes obtivemos um percentual de 60% para o saber 1 no plano de ensino e 70,7% nos questionários respondidos pelos discentes. Esse saber se propõe a discutir as ginásticas em academias e segmento não formal de condicionamento físico, competitivas, de conscientização corporal e ginástica geral. Vale mencionar que ele é de grande importância ao graduando e se faz presente no currículo proporcionando a oportunidade de discutir os diferentes tipos de ginásticas, tanto no âmbito competitivo quanto no de condicionamento e de conscientização corporal. Mesmo elencando diferentes tipos de ginásticas esse saber deve estar presente na formação inicial, pois de acordo com Barbosa-Rinaldi (2005, p.10):

*Além das Ginásticas competitivas, há muitas outras denominações, principalmente nas academias, influenciadas por modismos ou, até mesmo usadas como estratégia de marketing para que os praticantes pensem estar fazendo algo novo, na moda. O fato é que é necessário um grande empenho para acompanhar o surgimento de tantas novas denominações. Assimilando esses aspectos de forma coesa quanto as mudanças advindas ao longo do tempo no âmbito da ginástica o discente terá maturidade profissional para lher dar com suas peculiaridades.*

Já o saber 4 obteve nos planos de ensino 100% de respostas e 80% nos questionários e trata da abordagem de conhecimentos históricos, culturais e sociais das ginásticas. Notamos que esse aspecto proporciona ao discente a possibilidade de compreender como se dá o processo histórico, cultural e social da ginástica, como afirma Figueiredo; Hunger (2010, p.189)

*[...] é a partir daquilo que se conhece sobre o passado que se pode tentar modificar o presente, bem como objetivar o futuro. Assim, conhecer o que foram as Ginásticas tanto em outros momentos históricos, quanto em outras nações poderá trazer benefícios significativos ao que estão sendo as Ginásticas atualmente.*

Desta forma conhecer os pontos históricos e culturais da ginástica resulta em um olhar mais sensível, crítico quanto sua prática.

Quanto aos conhecimentos de fundamentos rítmicos que o saber 6 faz referência foi obtido nos planos de ensino 60% respostas positivas e 70,7% nos questionários.

Entender como se dá a interação do ritmo com a expressão corporal é fundamental quando se trabalha com a ginástica. Há algumas modalidades como a Ginástica Geral, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica que trazem em sua prática os elementos rítmicos, pois há uma junção de ritmo musical, expressão corporal, coordenação, equilíbrio e demais aspectos que compõe as séries para competições e coreografias apresentadas em festivais e outros meios de demonstrações gímnicas.

A ginástica pela óptica da corporeidade apontada pelo saber 12 obteve o percentual de 80% nos planos de ensino e 70,7% questionários de respostas favoráveis. Segundo Manuel Sérgio (1994) “[...] a corporeidade representa a presença do homem no espaço da história: com o corpo, desde o corpo e através do corpo. Isto dá a ele (corpo) uma condição de transcendência – ser mais, agir para ser mais”.

Desta forma entendemos que o ser humano deve estar em conexão plena ao espaço onde atua, trazendo esse ponto de vista para a ginástica, entendemos que não se pode tratá-la visando apenas uma vertente, mas estudá-la por completo, pois devemos buscar no âmbito gímnico o ser humano como um todo e as implicações positivas e/ou negativas que essa prática pode trazer em sua vida, analisando suas emoções e buscando uma autonomia cotidiana.

*[...] voltada para o bem-estar, melhoria da qualidade de vida e expressão criativa da corporeidade, através da participação espontânea e consciente do indivíduo. O desenvolvimento deste processo de educação corporal é baseado na ludicidade e na preparação para a autonomia, de forma que o indivíduo possa desenvolver suas práticas corporais integradas às situações do cotidiano (CARMEN-LILIA, 2010, p.338).*

O saber 13, que foi o último saber contemplado com percentual de 60% nos planos de ensino e 70,4% nos questionários, se propõe a discutir a atuação do profissional e a filosofia de trabalho em busca de sua autonomia e a formação de professores críticos e sensíveis para atuar na sociedade.

Quando falamos de autonomia notamos que é importante que desde cedo os alunos possam se inserir no campo de trabalho seja atendendo a comunidade externa, por meio de projetos de extensão da universidade, ou fazendo estágios. No plano de ensino estudado foi possível ver essa preocupação, em não permitir que os alunos permanecessem somente nas atividades em sala de aula, mas que possibilitasse interagir com públicos diferenciados.

A disciplina B de caráter optativo “Introduz os métodos de iniciação em clubes, academias e outros espaços esportivos e recreacionais; introduz os fundamentos básicos da Ginástica; introduz aos fundamentos e aos processos de ensino e aprendizagem específicos nos diversos aparelhos; prioriza a construção de métodos para desenvolver experiências dos movimentos característicos da ginástica”.

Quando analisamos os saberes apontados podemos relacionar a proposta dessa disciplina com o saber 2 que trata dos conhecimentos técnicos (normas de segurança, especificidade, dos movimentos, processos pedagógicos) das manifestações gímnicas, esse saber, segundo o plano de ensino, obteve percentual de 80% e de acordo com os questionários 70% de respostas positivas.

Na análise desse plano quando nos deparamos com a abordagem do saber 2 vemos que há uma preocupação demasiada em discutir os aspectos técnicos em detrimento aos pedagógicos. Notamos que os discentes quando chegam na universidade estão preocupados em como fazer, quais as técnicas para determinados movimentos, os aspectos da segurança relacionadas a eles, entretanto discutir os processos pedagógicos não se faz presente de forma prioritária no plano de ensino estudado. Assim, consideramos que é importante o docente saber conduzir de forma coesa a transmissão de ambos aspectos desse conhecimento. Barbosa-Rinaldi (2005, p.9) afirma que

*[...] os conteúdos técnicos são a maioria e são transmitidos como prontos e acabados. Tal encaminhamento teórico metodológico leva os cursos a não prepararem os profissionais para a constante dinâmica de produção de conhecimento na área da Ginástica. É importante não tratar o ensino apenas na perspectiva técnico aplicada, mas discutir a objetividade metodológica e pedagógica do processo de formação.*

O saber 3 com percentual 60% nos planos de ensino e 70% nos questionários se propõe a discutir os estilos de ensino, metodologias emergentes e intervenções pedagógicas (transposição didática). Estudando as publicações mais recentes do campo da ginástica vemos que as metodologias de trabalho com a Ginástica Geral estão se sobressaindo com relação as demais modalidades. Por exemplo, em vários artigos foi notada a utilização de metodologias de trabalho específicas para os processos de composições coreográficas. Dentre esses trabalhos encontramos o de Perez-Gallardo (1995), Marcassa (2004), Santos (2009), Graner; Bortoleto (2010), Silva (2013), Ayoub; Graner (2013), Pacífico; Dias; Pinheiro (2013), dentre outros.

O Saber 7 trata das possibilidades de construção de materiais adaptados à prática da ginástica e obteve o percentual de 60% de respostas positivas nos planos de ensino e 71,5% nos questionários. Quando discutimos materiais adaptados nos remetemos logo a Ginástica Geral que é a modalidade que expressa maior produção de materiais não-tradicionais, por não se tratar de uma modalidade competitiva, e não ter materiais fixos como nas outras modalidades. Por sua vez, é necessário o uso da criatividade para cada processo educativo buscando ter um material inovador e adequado.

*Um ponto a ser enfatizado diz respeito a utilização de materiais ou aparelhos, tanto aqueles tradicionais na ginástica, quanto materiais denominados não tradicionais. Esses materiais são explorados intensamente com objetivo de potencializar a descoberta de novas possibilidades de ação, favorecendo a inventividade e enriquecendo o contexto educativo, além de ampliar o leque de opções de trabalho corporal (AYOUB; GRANER, 2013, p.27).*

O saber 14, o último saber contemplado nesse plano de aula, trata do conhecimento de métodos e técnicas de pesquisas (ciências humanas, sociais e ciências biológicas) necessárias para o campo da ginástica. O saber obteve porcentagem de acordo com os planos de ensino 60% e 70% de acordo com os questionários aplicados.

Atualmente, nos deparamos com a preocupação em formar profissionais para mercado de trabalho, entretanto, não apenas no campo da ginástica, mas em demais âmbitos, faz-se necessário o conhecimento científico, pois a prática da pesquisa amplia e enriquece o conhecimento do indivíduo quanto a área de atuação. No campo da ginástica, por muitos anos tivemos o conhecimento técnico privilegiado na formação inicial. Recentemente, é que o conhecimento científico, não só no âmbito das ciências biológicas, mas também na área pedagógica e humana passou a ganhar espaço.

Vemos que cada vez mais a área de pesquisa da ginástica tem crescido de forma considerável, atualmente temos congressos, fóruns voltados só para ela, onde os estudiosos do tema se reúnem para apresentar suas produções acadêmicas. A participação dos estudantes em eventos científicos é de suma importância para sua formação acadêmica. Seria, inclusive, importante ocorrer, cada vez mais, esse tipo de evento em instituições de ensino e Universidades, em diferentes regiões do país, pois em encontros como esses são divulgadas propostas inovadoras, o que é de grande contribuição para quem está iniciando na carreira, pois o indivíduo se depara com novas abordagens e oportunidades de trabalho.

A disciplina C também de caráter obrigatório em sua ementa “Discute o campo de trabalho da ginástica de aptidão nos diferentes espaços e o profissional de Ed. Física. Teorias básicas por meio de exercícios aeróbicos e modalidades de ginástica em academia e outros espaços. Meios e métodos. Princípios básicos dos exercícios ginásticos de aptidão. Equipamentos e instalações. Testes e avaliações. Aprendizagem-vivência prática dos exercícios em academia e os principais cuidados. Diferentes capacidades e tipos de ginástica. Saúde, estética e exercício”.

Por sua vez, essa disciplina contemplou 5 dos 14 saberes, são eles: saber 1, 2, 3, 4 e 6. O saber 1 já foi discutido anteriormente na disciplina A, mas vimos a necessidade de detalhar outros pontos mais ligados a essa disciplina. Esse saber que trata das ginásticas de academias e segmentos não formal, de acordo com o plano de aula, obteve percentual de 60% e de 72% nos questionários, a proposta da disciplina tem enfoque principal em discutir os trabalhos nas academias, diferente do enfoque dado pela disciplina A, pois ela se preocupou mais em desenvolver o conhecimento da ginástica de forma mais ampla, discutir os pontos históricos, seu mundo competitivo e demais fatores. Entretanto a disciplina C discute a prática e a técnica, as modalidades gímnicas direcionadas especificamente para academias.

As academias, por sua vez, vêm ocupando um espaço considerável na sociedade e a procura é grande sendo fundamental que os discentes tenham um amplo conhecimento e segurança quanto às modalidades trabalhadas nesse espaço de intervenção durante seu processo de formação. Temos que compreender que apesar das outras práticas gímnicas, a ginástica de academia tem uma forte presença na sociedade, afinal existe a preocupação com a saúde e bem-estar, com o corpo definido e demais aspectos. E cada dia aparece novas modalidades a serem implantadas nas academias tendo como referencial a base da ginástica. Um exemplo dessas tendências que surgem e se expandem rapidamente, é o sistema *body systems* que dividem em diferentes práticas, de acordo com o site da empresa (BODY SYSTEMS, 2005) sendo os mais populares: *Body pump*, *Bodybalance*, *RPM*, *Bodyattack*, *Bodystep*, *Bodycombat* e *Bodyjam*. E dois programas especificamente brasileiros que são o *powerjump* e *powercool*.

A *Body Systems* é uma franquia que comercializa na América Latina programas de ginásticas produzidos no mercado mundial e propõe para as academias uma mão de obra qualificada em seu método. Entretanto, compreendemos que esse serviço qualificado pode ser questionado, pois o profissional irá apenas reproduzir determinada técnica, ministrando uma aula padrão, independente da academia e do público, ou seja, o serviço oferecido será sempre o mesmo. Assim, podemos nos perguntar: qual o papel do profissional além de reproduzir algo já montado? Por que estudar tantos anos para não exercer um papel crítico e reflexivo na sociedade?

Um dos objetivos do programa é trabalhar com a plasticidade na substituição de professores, pois todos sempre irão executar o mesmo serviço padronizado, sempre tendo um profissional para atuar no mercado, já que é facilmente substituído, e a academia nunca deixando de obter lucros, ou seja atendendo aos interesses dos empresários, donos de academia, na busca de lucro na exploração da força de trabalho dos professores. (BRAUNER-VERA, 2007, p.212)

Os demais saberes apontados para essa disciplina na coleta de dados (2, 3 e 6) já foram discutidos na disciplina B e consideramos desnecessária uma nova discussão sobre eles.

Já o saber 4 que trata os aspectos históricos, culturais e sociais das ginásticas também foi mencionado anteriormente, entretanto nos chamou a atenção, pois de acordo o plano de ensino ele obteve o percentual de 100% de respostas positivas e 84% de acordo com os questionários. O que nos leva a refletir que as disciplinas anteriores contribuíram de forma significativa para esse resultado. Como a disciplina C é ministradas para os períodos finais, consideramos que os alunos saem da formação inicial com uma boa noção do que é a ginástica situada historicamente, o papel dela na cultura, na sociedade, isso amplia a visão do futuro profissional.

Finalizada a abordagem detalhada dos planos de ensino e sua relação com os resultados obtidos na coleta de dados da IE 1 passaremos a tratar dos planos de ensino da IE 2. A disciplina A do curso 2 é de caráter obrigatório e tem como ementa “Evolução histórica da Ginástica Artística. Estudo e vivência de exercícios elementares da Ginástica Artística, voltados para o “aprender e ensinar”. Estrutura e regulamentos básicos da Ginástica Artística como esporte olímpico. Planejamento, organização e vivência de eventos de popularização da Ginástica Artística. Intervenção do professor/profissional de Educação Física na área da Ginástica Artística, considerando a atuação em escolas, clubes, academias e projetos sociais”. A disciplina A do curso 2 por sua vez contemplou 10 saberes gímnicos.

Dos saberes contemplados apenas o saber 10 e 11 não foram discutidos, pois não foram contemplados nas disciplinas A, B, C do curso 1, por sua vez os demais saberes já foram mencionados e consideramos que não há nenhuma outra consideração a ser feita a respeito deles.

O saber 10 aborda o entendimento da ginástica no contexto da epistemologia da Educação Física e obteve 80% com base no plano de ensino e 69,6% nos questionários. É satisfatório nos deparamos com um percentual positivo quanto a esse saber, pois somente nessa disciplina ele se fez presente.

Tratar a epistemologia na formação inicial é de grande contribuição para formar um professor crítico reflexivo, não apenas no âmbito da ginástica, mas nas demais

áreas, propondo ao indivíduo condições de compreender como se estabelece a produção de um conhecimento científico. Bracht (2013) afirma a importância que a epistemologia tem na formação inicial.

*Outra questão é o sentido do “ensino” da epistemologia nos cursos de formação. Advogo a ideia de que se deve buscar uma nova relação com o conhecimento, até porque o discurso de formar um professor crítico-reflexivo é quase um novo sendo comum no debate sobre a formação inicial na área. (BRACHT, 2013, p.40)*

Nesse caso o desafio de formar um professor crítico-reflexivo, não cabe apenas a uma disciplina específica de epistemologia, mas sim como se dá essa transposição de conhecimento nas outras disciplinas. O autor faz uma comparação com o voleibol, mas podemos citar a ginástica que ao invés de ensinar a ginástica como de costume, apresentando as técnicas, como fazer corretamente os movimentos, seria importante começar a discutir outras possibilidades de aprender ginástica, em diferentes contextos, trabalhando assim a curiosidade dos alunos, a vontade de conhecer mais sobre o tema apresentando novas perspectivas. Assim, a epistemologia estaria inserida não de forma explícita, direta, mas articulada em como transmitir esses conhecimentos, os alunos estariam envolvidos a partir de metodologias diferenciadas desenvolvidas pelo docente.

O saber 11 trata dos conhecimentos das áreas de desenvolvimento motor e aprendizagem motora nas manifestações gímnicas, com porcentagem favorável de 80% nos planos de ensino e 86,9% nos questionários. Quando pensamos em ginástica, logo nos remetemos as habilidades motoras, a coordenação, pois são aspectos importantes na sua prática. O profissional poderá utilizar elementos da ginástica como contribuição para um melhor desenvolvimento motor da criança, elementos como “[...] saltar, equilibrar-se, rolar/girar, trepar, balançar/embalar.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.78). Com essa contribuição da ginástica no desenvolvimento e aprendizagem motora, acreditamos que a dedicação do discente em disciplinas que trabalhem esse aspecto, como crescimento e desenvolvimento, por exemplo, é muito válido, pois um completa o outro.

A disciplina B do curso 2 de caráter obrigatório trata em sua ementa “Ginástica de Academia: bases biomecânicas, fisiológicas e metodológicas aplicadas. Metodologia das atividades coletivas relacionadas à saúde, qualidade de vida e bem-estar. Estrutura de aula e estratégias relacionadas às atividades cardiorrespiratórias, neuromusculares, de mobilidade articular e funcionais”. Desta forma a disciplina contempla dos 14 saberes apenas 3 tanto nos planos de ensino, quanto nos questionários, que são o saber 1, com percentual de 100% de acordo com o plano de ensino e 90% de acordo com os questionários; saber 2 com 60% de acordo com o plano de ensino e 85% com base nos questionários e o saber 11 com porcentagem de 60% com base nos planos de ensino e 82,9% nos questionários.

Não apresentaremos uma nova discussão, pois esses saberes já foram mencionados, por sua vez, todos esses saberes foram tratados no curso A, do curso 2. Vale enfatizar que a porcentagem obtida no saber 1 foi de 100% o que talvez se explique por se tratar de uma disciplina obrigatória específica da área.

## CONCLUSÕES

Após a análise pudemos notar que ambas as IES abordam a maioria dos saberes em seus cursos de formação inicial. Entretanto, pudemos notar que três saberes não foram contemplados em nenhuma disciplina tanto do curso 1, quanto do curso 2, que são os saberes 5, 8, 9.

Um deles é o saber 5 que trata dos conhecimentos sobre os aspectos que as composições coreográficas abrangem, formação trajetória, harmonia. Em alguns cursos de acordo com o plano de ensino, obteve-se até uma porcentagem acima de 60%, entretanto, de acordo com a análise dos questionários nenhuma disciplina apresentou resultado positivo. Talvez o que notamos é que pode existir a discrepância em se apontar um aspecto no plano de ensino, mas no dia a dia em sala de aula, ser outra a realidade, ou até mesmo os alunos em determinados momentos não ter compreendido a proposta da disciplina. Entretanto, é importante fazermos menção do quanto é importante esse saber, e a lacuna que o mesmo pode causar na formação quando não abordado. Graner; Bortoleto (2010, p.351), dão exemplo da importância da composição coreográfica na GG, “[...] a experiência da elaboração de uma coreografia é ‘única e irrepetível’, sendo essencial a uma prática coletiva e plena da Ginástica Geral”. Sendo assim acreditamos que o aprender a trabalhar em conjunto, buscando os aspectos de harmonia, direção, tendo a contribuição criativa de várias pessoas, para elaborar uma coreografia é uma prática enriquecedora, que precisa ser bem assimilada na formação inicial, para que o discente possa adquirir segurança e saber futuramente conduzir esse processo de composição coreográfica no espaço onde irá atuar.

Outro saber não contemplado foi o saber 8 que discute técnicas de estímulo e a criatividade corporal na ginástica. Pensamos que é preciso desenvolver esse estímulo para o aluno se sentir confortável e usar sua criatividade, expor suas ideias, é preciso trabalhar com uma metodologia que proporcione a valorização do aluno. Souza (1997) afirma que a Educação Física só tem sentido quando for dirigida para a promoção do ser humano, através da valorização de suas potencialidades, do respeito à individualidade, do estímulo à criatividade e da busca do prazer na atividade desenvolvida.

O último saber não contemplado em nenhuma disciplina foi o saber 9 que aborda a especificidades da organização de eventos na ginástica. Esse saber com base nos questionários respondidos pelos alunos obteve um percentual baixo em todas as disciplinas, o que nos leva a pensar que não é discutido durante a formação, o que deveria ser diferente, pois atualmente eventos de ginástica são bem frequentes, seja um campeonato, uma amostra, congresso, eventos nacionais e internacionais.

Entretanto, vale ressaltar que os resultados dessa investigação foram muito positivos, pois dentre os 14 saberes estudados apenas 3 não foram abordados. Notamos uma repetição dos saberes nas disciplinas de cada curso, dando a entender que o que tinha sido aprendido nas disciplinas anteriores, poderia estar sendo aprimorado no decorrer das disciplinas seguintes. Por exemplo, na disciplina C do curso 1, todos os saberes mencionados se fizeram presentes nas disciplinas A e B, e na disciplina B do curso 2, todos os saberes se fizeram presente na disciplina A.

Desta forma, pretendemos, com essa pesquisa contribuir, com uma formação inicial de qualidade quanto aos saberes ginásticos, para que os mesmos sejam tra-

tados, discutidos de forma coesa, onde os docentes busquem uma metodologia eficaz, que possa contemplar todos eles, para que as atuações dos futuros profissionais sejam adequadas e que proporcione segurança aos mesmos e aos seus alunos.

## REFERÊNCIAS

- AYOUB,,E.; GRANER, L. Transformando poema em gesto, corda em estrela, conduíte em flor. In: TOLEDO, E.; SILVA, P.C.C. Democratizando o ensino da ginástica. Várzea Paulista: Fontoura, 2013, p. 23-48.  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Programa Institucional de Iniciação Científica  
Relatório Final de Pesquisa
- BARBOSA-RINALDI, I. P.; SOUZA, E. P. M. de. Saberes ginásticos necessários à formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 29, p. 227-243, 2008.
- BARBOSA-RINALDI, I. P. A Ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- BODY SYSTEMS. Disponível em:<http://www.bodysystems.net/> Acesso em: Jul. 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer n. 0058/ 2004, de 18 de fevereiro de 2004. Diário Oficial da União, Brasília, fev. 2004.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução n. 02/ 2002, de 19 de fevereiro de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, fev. 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução n. 01/ 2002, de 18 de fevereiro de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, fev. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 009/2001, de 18 de janeiro de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, 18 jan. 2002.
- BRACHT, V. Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos. IV Colóquio de Epistemologia da educação física. Nova Petropolis: Nova harmonia,-2013.
- BRAUNER PEREIRA, V. L. Novos sistemas de aulas de ginástica procedimentos didáticos (?) na formação dos professores. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 211-219, jan. 2007.
- CARMEN-LILIA. Ginástica Rítmica e formação inicial no CEFD-UEPA: Lembranças avaliadas e esperanças avalizadas. V Forum Internacional de Ginástica Geral Campinas. In: Anais..., SESC/Unicamp, 2010, p.338.
- CESÁRIO, M.; PEREIRA, A. M. A ginástica no ensino superior: (re) definindo seus contextos de formação e de atuação profissional. Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. In: Anais... Londrina, 2009, p. 01-11.
- GRANER, L.; BORTOLETO, M. Sobre o processo criativo: descrição da elaboração da coreografia “caixa de brinquedo” do Grupo Ginástico Unicamp (GGU). V Forum Internacional de Ginástica Geral Campinas. In: Anais..., SESC/Unicamp, 2010, p. 351-356.
- FIGUEIREDO J. F.; HUNGERD. A. C. F. A Relevância do conhecimento histórico das Ginásticas na formação e atuação do profissional de Educação Física. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.189-191, jan./mar. 2010.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. Revista Pensar a Prática, Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v. 7, n. 2, p. 171- 186, jul./dez. 2004.
- MANUEL SÉRGIO. Motricidade Humana. Lisboa: Instituto Piaget. 1994.
- Metodologia do ensino em Educação Física/ COLETIVO DE AUTORES. São Paulo: Cortez, 1992 – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

PAIVA, F. S. L. de; ANDRADE FILHO, N. F.; FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação inicial e currículo no CEFD/UFES. Pensar a prática, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 213-230, jul./dez. 2006.

PEREZ GALLARDO, J. S. Proposta de uma linha ginástica para a educação física escolar. In: NISTA- PICCOLO, V. L. (Org.). Educação física escolar: ser... ou não ter? Campinas: Papirus, 1995. p. 117-129.

SANTOS, J. C. E. dos. Ginástica para todos: elaboração de coreografias e organização de festivais. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2009.

SILVA, P.C.C.; PINHEIRO, A. G. A ginástica na formação inicial em Licenciatura em Educação Física. 2015. No prelo.

SOUZA, E. P. M. de. Ginastica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. 1997.

# A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE RETIRO: UMA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DA VISITA DE ESTUDOS COM OS ALUNOS DA EMEF “JOSÉ ÁUREO MONJARDIM”

Docente: Patrícia M. Merlo

Discente: Anderson Patrick Ferreira Alves

## RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar a experiência de visita dos alunos do IVC1 A e B (8º ano) do Ensino Fundamental II da EMEF “José Áureo Monjardim” à Comunidade Quilombola de Retiro, no município de Santa Leopoldina/ES. A partir de estudos teóricos objetivou-se problematizar questões como o Estudo do Meio, territorialidade, comunidade, tradicionalidade e pertencimento junto à experiência vivida pelos alunos na visita de maneira interdisciplinar, e tentar entender o que são Comunidades Tradicionais de acordo com a Constituição Federal.

## Palavras-chave

*Quilombo. Retiro. Santa Leopoldina. Territorialidade.*

## INTRODUÇÃO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental José Áureo Monjardim (JAM) situa-se na cidade de Vitória, no bairro Fradinhos. Desde 2002, a escola trabalha com Educação Patrimonial Local, discutindo temas como Patrimônio Histórico, Ferroviário, Natural, Material e Imaterial desde os ciclos iniciais. Ao longo dos anos, os projetos vêm se estruturando com o objetivo central de trabalhar a importância do patrimônio em sala de aula e por meio do estudo do meio com os alunos da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental, que recebem a nomenclatura de IVC1. Devemos ressaltar que as visitas promovidas pelo projeto são sempre em um sítio Histórico Estadual. Pois busca-se, desse modo, oportunizar aos alunos o contato com os espaços históricos, culturais e de preservação ambiental. De acordo com o Currículo de História para a educação básica da SEDU-ES (2009)

*[...] a educação patrimonial (observação, registro, exploração e apropriação) como uma das estratégias do ensino*

*no da História ao considerar o meio ambiente histórico e o patrimônio vivo; o espaço historicamente construído e, portanto, inserido no processo do ensino da História em suas múltiplas temporalidades; as questões concernentes à memória (individual e coletiva, fragmentada e reconstruída, singular e plural), ressaltando a importância da consolidação de paradigmas identitários.<sup>1</sup>*

Portanto, partindo dessa premissa é que se organizou a atividade de 2015. Trata-se de um projeto interdisciplinar, envolvendo as disciplinas História, Matemática, Geografia e Arte. Elegeu-se como tema as Comunidades Tradicionais do Espírito Santo: indígenas, quilombolas e pomeranos. É importante destacar que o projeto considera como objetivo específico o diálogo com as fontes históricas, culturais e naturais existentes enquanto recursos para obtenção de informações e saberes acerca da cultura capixaba. Além disso, procura também conhecer as tradições culturais presentes nas Comunidades em estudo, identificando os elementos naturais e econômicos do lugar, analisando criticamente a importância da conservação da identidade local para manutenção do equilíbrio ambiental, e estimulando nos alunos a experiência em narrar relatos de viagem a partir da sua vivência.

As etapas do projeto possuem desdobramentos ao longo de todo ano. Nesse artigo, contudo, focaremos nossa atenção na etapa realizada na Comunidade Quilombola de Retiro, em Santa Leopoldina.

Foi a partir dessa percepção que o atual projeto foi elaborado, sobre a coordenação da professora de História Mônica Cardoso de Lima, responsável pela turma. Assim, a questão inicial foi o *pertencimento* dessas pessoas que se autodeclararam membros de uma etnia e se definem como comunidade tradicional. Com esse foco, alguns objetivos foram traçados previamente: compreender a noção de pertencimento e territorialidade, verificar quais são as formas de subsistência dessas comunidades e, por fim, observar o processo de reconhecimento para se tornar uma comunidade tradicional a partir da Constituição Federal.

Sabe-se que “comunidade tradicional” é uma categoria relativamente nova, tanto na esfera governamental, quanto na esfera acadêmica ou social. As pesquisadoras Eva Martins Terra e Arlinda Cantero Dorsa vão explicar que a expressão “comunidades ou populações tradicionais” surgiu no seio da problemática ambiental, no contexto da criação das unidades de conservação (UCs) [áreas protegidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama], para dar conta da questão das comunidades tradicionalmente residentes nestas áreas: Povos Indígenas, Comunidades Remanescentes de Quilombos, Extrativistas, Pescadores, dentre outras.

## A PREPARAÇÃO E A VISITA DE ESTUDOS

A professora de História Mônica Cardoso discutiu e trabalhou com os alunos a leitura de documentos sobre a Comunidade Quilombola de Retiro, dialogando com os conceitos de “território”, “identidade” e “pertencimento”. Além disso, em outras aulas fo-

1. Espírito Santo (Estado). Guia de Implementação (Currículo Básico Escola Estadual) Secretaria da Educação. Vitória: SEDU, 2009.

ram apresentadas a problemática da demarcação de terras e as lutas que envolvem essas comunidades. Sejam elas quilombolas, indígenas ou pomeranas.

Após o estudo desse conjunto de fontes documentais escritas, os alunos tiveram a oportunidade de assistir o documentário “Estradas Silvestres” (2010), de Ricardo de Sá. O objetivo era facilitar a compreensão da vivência numa comunidade quilombola, buscando entender quais são as características daquele grupo étnico, seus traços comuns e as peculiaridades de seu estilo de vida em relação a outros grupos, especialmente do meio urbano.

No dia 23 de junho, por volta de sete horas da manhã, num sábado, ocorreu a concentração de alunos, professores, pedagogos e bolsistas na Praça do bairro Fradinhos. Por volta das 07:30h, o grupo pegou a estrada rumo à Comunidade de Retiro. A chegada ao local aconteceu em torno de 8:40h, com acolhimento e recepção realizada pelo guia Elimar Barreto que é da região. O dia estava chuvoso e frio e os alunos mostraram-se acanhados. Buscando facilitar a interação, o guia passou alguns informes e regras do quilombo e imediatamente realizamos o café da manhã em um espaço reservado para refeições coletivas.

Aproximadamente as 09:20h teve início uma palestra feita pelo próprio guia, contando a história, falando sobre os descendentes, das manifestações culturais presentes no quilombo e da luta pelo direito à terra na região. Mais à vontade, os alunos começaram a participar, compartilhando sua percepção em relação à visita de estudos ao Retiro. Alguns alunos manifestaram sua crítica à falta de pavimentação pública até o local e a falta de apoio financeiro para construção da Igreja, pois os custos das obras são dos próprios membros da comunidade. Outros disseram que imaginavam que os moradores fossem, em sua maioria, “como os negros africanos”. Outros indagaram sobre a questão da identidade cultural, dado que muitas das manifestações locais foram introduzidas por meio de projetos sociais.

Após a palestra, foi feita uma caminhada exploratória para conhecer o entorno da Comunidade Quilombola. Foi possível conhecer a primeira ponte lá construída, apesar de mal preservada. Outro lugar que chamou bastante atenção foi o quitungo, local onde produz a farinha de mandioca para consumo próprio. O próximo local de visita foram às casas de moradores da comunidade. Os moradores se mostraram bastante receptivos. Em uma das casas tivemos a oportunidade de conversar com “Seu Mario”, um antigo morador da região e bisneto de Benvindo. Ele contou histórias e curiosidades sobre dia a dia no quilombo no tempo de sua juventude. E fez questão de destacar que ainda não aconteceram muitas mudanças. Seu Mário falou da importância da terra para o grupo e como sua família vivia da pequena produção local.

Logo após o meio dia, o grupo se dirigiu para almoçar. A comida havia sido preparada pelas mulheres do quilombo. Com aquele clima chuvoso e frio, os alunos se sentaram à mesa enquanto comentavam sobre o cheiro que vinha da cozinha. E quando as panelas iam saindo da cozinha para serem servidas, os alunos logo formaram uma enorme fila. Era um almoço bem caseiro: arroz, feijão, ensopado de galinha com batatas, uma atraente farofa colorida com milho, passas, maçã e banana frita, uma bacia com salada de alface e tomate e purê de mandioca produzida no próprio quilombo. Foi um momento de interação com as cozinheiras e degustação da comida, que foi mais que aprovada pelos alunos. Por fim, os alunos se despediram da comunidade.

## OS DESDOBRAMENTOS DA VISITA TÉCNICA: RESULTADOS PARCIAIS

Após a visita técnica, os alunos foram reunidos em grupo com a proposta de criar um teatro de bonecos e entrevistas com relatos dos alunos discutindo qual a ligação, o sentimento de pertencimento que eles possuem com a história do seu bairro. Esse curta metragem e o teatro serão apresentados na Mostra Cultural da escola. O objetivo do teatro é despertar a criatividade dos alunos procurando, desse modo, fazer uma ligação com o que foi analisado na visita de estudos à Comunidade de Retiro. Dentre os temas selecionados para a apresentação, teve destaque a produção da farinha de mandioca no quitungo e manifestações culturais como o congo, a capoeira, o maculelê, entre outros. Houve também, momentos que chamaram a atenção dos alunos durante a visita, como por exemplo, a conversa com o “Seu Mário” e suas histórias. Por hora, os alunos estão trabalhando na montagem do teatro e concluindo as visitas às outras comunidades tradicionais que compõem o projeto. A esse respeito, explica a professora supervisora Mônica que

*A visita na comunidade de Retiro é um desdobramento de um projeto interdisciplinar que estamos realizando em 2015, que inclui também pomeranos e indígenas. Ainda nos resta visitar uma comunidade Guarani, em Aracruz. No estudo dessas comunidades tradicionais pretendemos identificar e discutir com os estudantes quais são os elementos que levam seus moradores a terem uma relação de pertencimento com o lugar, e com isso, colocar em pauta questões do indivíduo e de sua história, tais como: a memória a ancestralidade, os costumes e a atitude de resistência. Acredito que com tais discussões possamos passar a levantar a problemática de como os estudantes se colocam diante dos lugares onde habitam e se eles têm uma relação de pertencimento com suas histórias e trajetórias pessoais a partir do lugar onde se situam.*

Ao final do projeto, se buscará analisar quais as percepções que o aluno de Ensino Fundamental tem sobre uma comunidade tradicional e, quiçá, tal compreensão ajude a pensar a realidade em que estão inseridos. Cabe, contudo, ressaltar que o projeto ainda está em andamento e só teremos as conclusões definitivas ao seu término.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível notar que o conceito de Estudo do Meio apresentado traz a importância de debate sobre o tema e as novas metodologias de pesquisas pedagógicas, fazendo com que a vivência em campo, dos pesquisadores junto aos alunos proponha novas linhas de pensamento para o ensino de História.

Assim como o Estudo do Meio, o termo Comunidade Tradicional é bastante plural e é um assunto que deve ser discutido, pois ele trata de grupos que vivem de maneira particular e que vão sofrendo influências externas ao longo do tempo. Entretanto, é preciso enfatizar que apesar disso, seu território deve ser defendido principalmente para preservação da identidade. A Comunidade Quilombola de Retiro é um dos

exemplos vivos disso. Seu autorreconhecimento como Comunidade Tradicional é visível na conservação do sobrenome Benvindo, tornando seus herdeiros mais unidos na luta pela preservação de seu território.

A visita foi de suma importância para os alunos, que, através dela, puderam conhecer mais de perto como uma comunidade tradicional vive e debater sobre vários aspectos, como o meio de vida dessa comunidade e como muitas de suas características foram se alterando ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. ; ALVES, R. C. ; SILVA, A. Ch.de M. Ensino de História. São Paulo: Cengage Learning, 2010. MONTENEGRO, Jorge. Povos e Comunidades Tradicionais, Desenvolvimento e Decolonialidade: articulando um discurso. OKARA: Geografia em debate, v.6, n.1, p. 163-174, 2012.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. O Projeto Político do Território Negro de Retiro e Suas Lutas pela Titulação da Terra. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Florianópolis- SC, 2005.

## A CULTURA POPULAR: PROBLEMATIZAÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA

Rodrigues (2009) em suas pesquisas sobre violência compreende esta como um fenômeno social, multicausal e multifacetado, e portanto o desafio está em pensar políticas públicas que promova o desenvolvimento humano, para tanto é necessário que as pesquisas sobre violência avancem para além da dicotomia racionalidade e irracionalidade assim como,

*(...) dar conta da dimensão do imaginário e da fantasia (inerente ao humano), na ação política a partir de pistas ou sinais tomados como sintomas. Buscamos a interface interdisciplinar que remete ao campo dos estudos de fronteira entre História, Sociologia, Teoria Política e Psicanálise para o estudo do fenômeno da violência. (RODRIGUES, 2009, P.155)*

Para o enfrentamento e problematização da violência o projeto realiza as seguintes atividades: oficinas de cultura da dança para 150 alunos de 7 a 12 anos da ONG em Inhanguetá, Vitória-ES. Mas como o trabalho com a cultura popular pôde contribuir com essa perspectiva defendida? As atividades envolvendo o forró, o hip hop, e a dança contemporânea em que são estudadas o contexto de criação destas danças, trazendo a figura de Luiz Gonzaga e a luta pelo Nordeste, a análise do Happer do Marcelo D2 “Qual é”, problematizando o artista diante dos processos de violência individual e coletivo; a criação de Happers pelas crianças, o passeio pelo bairro vendo contradições entre os espaços que tem acesso a cultura e os que não possuem essa possibilidade. A narrativa de cada criança compondo um vídeo coletivo sobre o bairro em que vivem nos aproxima das discussões de Bosi (1992) um dos maiores estudiosos da cultura popular, para o autor a universidade precisa promover em um encontro “amoroso”, pois um projeto democrático não deixará de ser pluralista e o mais abrangente possível.

Docentes: Rosely Maria da Silva Pires e Karen Calegari S. Igreja

Bolsista: Lucas Yuri Silva Reis

Estar nesse espaço, com estas crianças e educadores da ONG, tem ajudado a todos os bolsistas a problematizar e enfrentar a violência buscando oportunidade da expressão das necessidades e reivindicações daqueles sujeitos. Temos também como afirma Hanna Arend (1994) buscado vivenciar a sadia busca do dissenso e da diferença pela criação de espaços coletivos de discussão. Este trabalho tem possibilitado a toda a equipe estreitar a relação entre ensino, pesquisa e extensão, pois os alunos que participam do projeto têm experienciado a relação com o ensino-aprendizagem da dança junto as criança e também participado nos momentos de formação junto aos educadores.

A partir de revisões de literatura e planejamentos semanais, iniciamos o projeto. Trabalhei com duas turmas, uma pela manhã e uma a tarde, com idades variando entre 6 e 12 anos. O formato se diferenciou do semestre anterior, pois experimentamos deixar as próprias crianças escolherem a atividade que gostariam de desenvolver. Sendo assim, obtivemos grupos heterogêneos, com crianças de ambas as turmas da ONG (mirim, infante e juvenil).

Para a abordagem dos eixos temáticos, foram pensadas diversas atividades lúdicas, com desenhos, pinturas, jogos, escrita e dança.

Na dimensão cultural, trabalhamos com o desenho a partir do aprendizado das letras do grafite, desenhos para colorir no estilo e proporcionamos um momento para os alunos criarem o seu “próprio grafite”. Conversamos sobre as roupas do hip-hop (boné, calça larga, tênis, etc) e tivemos um momento em que todos experimentaram e brincaram com bonés. Com o rap, lemos, ouvimos e analisamos músicas de hip-hop (Marcelo D2 – Qual é? e MV Bill – Causa e Efeito) e depois, ao longo dos encontros, as crianças tiveram a oportunidade de criar suas próprias letras de rap.

Todas as atividades foram direcionadas e pensadas de forma a estimular as crianças a falarem sobre elas mesmas e a região onde moram, portanto problematizando a violência e aliando as atividades a este segundo eixo. Uma das mais interessantes e benéficas à proposta foi o jogo de trilha, em que as crianças, para avançar as casas, respondiam questões sobre violência e o meio em que viviam. Destacaram-se as atividades do desenho direcionado, em que pudemos detectar diversos indícios que se relacionavam as violências sofridas pelas crianças, ao questioná-los porque tinham escolhido aquela figura.

A abordagem da violência na região com os alunos progrediu bem, e ao longo das semanas os alunos criavam vínculo e maior proximidade com o projeto, o que os garantia certa segurança ao falar sobre a violência do bairro, até mesmo violência doméstica. Com isso, fizemos um mapeamento de onde eles moravam e eles retratavam as dificuldades, na maioria dos casos era o mesmo: tiroteios constantes, assassinatos diários, não poder ir a casa de outro amigo que morasse em outra “área” pois eram proibidos por traficantes e se caso descumprissem iriam sofrer represálias, não poder brincar na rua por medo, dentre outros.

Por ultimo, o movimento humano, onde realizamos a confecção de uma coreografia com a música do MV Bill – Causa e Efeito. A proposta era trabalhar passos básicos de hip-hop dance e break, e aliá-los aos modos de se expressar dos próprios alunos, que tiveram certa liberdade para criar comigo a sequência coreográfica. Houve

pouco problema em relação a adesão do trabalho. Nas duas turmas, todos os alunos participaram, mesmo que não dançando diretamente.

Com a turma da manhã, entretanto, o trabalho foi um pouco mais complicado, pelo grande número de alunos e por ocasionais brigas entre eles. Não raro, viam-se cenas das crianças brigando e reproduzindo a violência que viam fora do projeto, por meio de ofensas verbais ou agressão física, mas todos os casos foram trabalhados no fim as crianças se apropriaram dos passos e dos desenhos de palco rapidamente.

Confeccionamos juntos camisas para todas as crianças, que puderam preparar seu grafite antecipadamente e escrever na camisa uma palavra ou frase relacionada a dança (amor, paz, não a violência, etc) e desenhar nela como quisessem. No dia do encerramento, todos dançaram com a sua camisa e foram motivo de orgulho para os pais e parentes presentes, para os bolsistas e para os professores da instituição.

Esse trabalho nos inspirou em outros momentos, um desses foi no CONESEF (Congresso Espírito Santense de Educação Física) também apresentamos o espetáculo de dança “O homem criativo intervendo na violência”, onde o grupo de dança apresentou uma sequência de 30 minutos no teatro universitário com forró, afro, dança de rua, samba de gafieira, balé e hip hop. E atualmente estamos fazendo outra coreografia para os próximos congressos.

Em 2015, mudamos o local de intervenção para o Instituto Joana D’arc em São Pedro III. Como o Instituto estava há um tempo fechado, o público está sendo um pouco menor que na ONG LBV por falta de conhecimento dos moradores da região, então estamos buscando parcerias com escolas para mandarem seus alunos.

Nosso projeto continua acontecendo nas terças-feiras, com o novo horário de 08h20min às 10h40min. Atualmente temos 6 meninas e 2 meninos, com idade de 8 a 12 anos que moram próximo ao local de intervenção. A maioria já se conhecia anteriormente ao projeto, e por serem vizinhos e amigos convivem bem durante as aulas e gostam muito de dançar. São aplicados, e o número reduzido facilita o controle para evitar eventuais confusões.

Com essa turma, começamos trabalhando o eixo da dança, no intuito de fornecer as crianças um vocabulário e uma forma de se expressar anteriormente ao trabalho direcionado a violência. O projeto ainda está em progresso, portanto estamos finalizando essa primeira parte para trabalharmos os demais eixos.

Finalizaremos com a confecção de uma coreografia de hip-hop dance, com vários passos e deslocamentos que trabalhamos ao longo dos encontros. A coreografia está pronta, com data de apresentação marcada. A turma foi determinada, portanto terminamos rapidamente a dança. Os colegas se ajudam e se desafiam de forma saudável, tentando sempre melhorar..

Paralelamente a isso, demos continuidade ao Laboratório Instrumental de Dança (LIDA), que ocorre todo semestre na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) a fim de ensinar e/ou aprimorar as danças urbanas. O projeto ocorre todas as segundas e quartas, de 17h: 00min às 18h: 00min na sala 10 de dança no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD).

Todo o inicio de semestre realizamos inscrições para o laboratório, que vem tendo bastante adesão. A procura para as danças urbanas não era tão grande quanto a

do forró, então abrimos o curso (que era só para estudantes de educação física) para toda a comunidade.

A proposta foi apresentar um pouco dos mais variados estilos de danças urbanas e aliar os passos ao ensino dos fundamentos técnicos das danças (deslocamentos, giros, saltos, mudança de planos, etc), através de confecção de coreografias, treino de steps e improvisação. O foco foi em hip-hop dance, mas experimentamos também funk styles, dancehall e house dance.

Várias coreografias foram produzidas, e as levamos para apresentações de divulgação dos projetos do FORDAN. Atualmente, estamos finalizando a coreografia para o próximo espetáculo com a música O Rappa – Minha Alma.

Na turma de 2014/2 foram feitas 15 inscrições, dos quais 9 alunos participaram ativamente e receberam certificados ao final. Em 2015/1, foram 20 inscritos. Dos que se inscreveram inicialmente, 12 participaram efetivamente e receberam certificado até o final. Ocorreu algo curioso, em que algumas pessoas que conheceram o curso após o início começaram a frequentar as aulas e agora dançam conosco as coreografias.

## REFERÊNCIAS

- ARENDE, H. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345:
- PIRES, R; Et.all. PROSADANÇA: O Encontro entre pessoas que dançam para Dançar e Prosear. In. Anais do V Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte – CIPE eo II Congresso Internacional de Educação Física e Esporte Olímpico. UEM. Maringá – Santa Catarina. 2014.
- PIRES, R; GONÇALVES, G; ARAUJO, L. Formação em dança:a experiência do laboratório instrumental em dança. In: Anais do 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belem - Pará, , 2014. PIREs, R; GONÇALVES, G; ARAUJO, L. Formação instrumental em dança. In: Anais do 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belem - Pará, , 2014.
- PIRES, R. M. S. Dança; poética Popular In: X Congresso Espírito-Santense de Educação Física: Megaeventos esportivos no Brasil: Implicações para a prática pedagógica em Educação Física., 2010, Vitória ES.
- PIRES, R. M. S. Dançando para um mundo melhor: uma pesquisa-ação In: VI Jornada Científica. FAESA, 2007, Vitória-ES.
- PIRES, R. M. S. Narrativas de Professores: Um caminho Para Reinventar a Educação Básica. Guarapari ES : Psiquê, 2010, v.600. p.134.
- PIRES, R. M. S. Projeto de extensão Dança e Educação In: VI Jornada Científica FAESA, 2007, Vitória-ES.
- PIRES, R. M. S., PAIVA, F., CAPARROZ, F., DELLAFONTE, S. S., BRACHT, V. Pesquisa em ação: educação física na escola. Unijuí : Ijuí, 2002
- PIRES, R. M. S.A Pesquisa-intervenção: Narrativa do Projeto Escola Sonhos do Futuro In: Saude, educação e cidadania: múltiplos olhares.1 ed.Vila Velha-ES : Psique, 2009, v.II, p. 123-130.
- RODRIGUES, M.B.F. Metodologia e Pesquisa em Projetos de Intervenção Social: A experiência capixaba no município de Serra/ES. In: SINAI S - Revista Eletrônica – Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.06, v.1, Dez. 2009. pp. 154-178. 160
- RODRIGUES, Márcia B.F. Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: Revista Dimensões. Vitória:Universidade Federal do Espírito Santo- CCHN, nº 17, 2005, pp.213-221.

## A DANÇA NA RECONSTRUÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

Essa experiência esta sendo realizada no “Instituto Joana D’arc”, localizado na Grande São Pedro, no município de Vitória- ES que atende crianças das escolas públicas da região, o conteúdo escolhido foi a dança e a expressão corporal por ter um caráter construtor de autonomia, que possibilita a criança conhecer seu corpo, seus limites, criatividade, construção e a possibilidade de se trabalhar diversos temas além de promover a experimentação de culturas através da dança e ampliar seu repertório motor através da educação do movimento. O texto que baliza o trabalho expõe a correlação entre o artigo “Consumo e Violência: o fetiche no jogo de dominação da juventude” Rodrigues, Marcia B.F. In Sociedade e Consumo: Múltiplas Dimensões (2010),e meu objeto principal de pesquisa que é individuo que se encontra às margens da sociedade e como a dança, mais especificamente a expressão corporal, trabalhada de forma construtiva pode auxiliar na construção social do individuo.

Diversos estudos revelam que a dança é uma arte muito antiga como a própria vida humana, ela nasceu da expressão das emoções primitivas, nas manifestações e nas comunhões místicas entre homens com a natureza. PORTINARI (1989). O Brasil é um País repleto deabismos sociais, e a dança pode ser vista como um instrumento de resgate e inclusão. Ao mesmo tempo étão seletivo o acesso á essa arte e cultura, sendo assim, nossas intervenções tem o objetivo também de ampliar, possibilitar e estimular a produção e o consumo da arte e cultura nos instrumentalizando dela para o saber sobre e pela dança, ensinar a dança e através dela explorar temas transversais como conjunto de valores sociais e ações que contribuem para a construção da cidadania e promovema inclusão social. Sendo eu proveniente de zona periférica da grande Vitória e sendo negra, sei das dificuldades que uma criança, adolescente pobre encontra ao ir em busca de oportunidades culturais e até mesmo educacionais. Meu contato com a dança antes da faculdade se deu por fins particulares e religiosos, é difícil

Orientadora: Rosely Maria Silva Pires

Bolsista: Mirian Azevedo Lyrio

uma criança pobre ter contato com a expressão corporal ou dança contemporânea gratuitamente esse fato também me motivou na escolha do conteúdo. Com base em meus objetivos pautei um plano de ação direcionado às demandas do Instituto, que se localiza em uma região de periferia onde a maioria da população é de classe popular e negra. Essas ações iniciaram em Julho de 2015, onde á principio foi feito um diagnóstico através de atividades de expressão corporal em que as crianças expuseram seus maiores medos e sonhos. Fazendo uma análise e resumo dos relatos podemos concluir que o medo generalizado das crianças desta região de Vitória é ligado á criminalidade e desconstrução familiar, seus sonhos são limitados e oprimidos pois, demonstram não acreditar que um dia alcançaram tais objetivos de vida que almejam, pois se veêm em uma posição social desfavorecida, incapazes de alcançar sonhos.

Problematizando essa questão pesquisamos que em 2011 a ministra de Desenvolvimento e Combate à Fome, Tereza Campello, anunciou que o Brasil tem 16,27 milhões de pessoas em situação de extrema pobreza, o que representa 8,5% da população. O texto de Rodrigues (2010) nos faz compreender que a violência pode ser algo relativa e presente de diversas formas na cultura capitalista brasileira, onde o individuo reconhecido e valorizado é aquele que tem e não o que é. Sendo assim qual o reconhecimento daquele que não participa da elite, da pequena parte nobre brasileira? Está ás margens da sociedade se tornando um agente consumidor, muitas vezes sem condições, para também se tornar, um agente ativo nessa sociedade consumista onde o ser só existe a partir da sua posse, essa cultura então se caracteriza como uma violência ao individuo esquecido, que não possui grande capital que se representa ás margens da sociedade, que não podem se inserir em tal cultura por meios legais.

Considerada ainda uma das principais causas motivadoras da criminalidade, a desigualdade social e todos seus tentáculos pode ser percebida na desigualdade na qualidade de educação, lazer, saúde, oportunidade de empregos entre outros. Mas não podemos colocar o jovem pobre somente como vítima da sociedade. Mas também o jovem de média e media alta que em muitas vezes adentram á vida criminal, ao tráfico por exemplo para satisfazer suas vontades que não são sanadas com aquilo que foi predisposto á ele. Gramsci (Apud Rodrigues, 2010) diz que o modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloqüência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”.

Um dia assistindo á um programa televisivo sobre esportes me deparei com uma reportagem de um lutador que não me recordo o nome, nessa reportagem ele relatava sobre sua vida e como ela mudou através do esporte e um ponto que muito me chamou atenção em seu relato foi ele dizer que as pessoas que o cercavam diziam que aquele menino cresceria e se tornaria um bandido, um traficante, um ninguém por naquele momento estar passando por situações financeiras tão complicadas e por ser negro. Naquele momento parei para refletir sobre como um professor pode auxiliar essa criança á vencer esse bombardeio de perspectivas negativas, podemos dizer que esse sujeito está completamente excluído das “boas perspectivas” de individuo, nosso país, onde se quer gerar cidadãos de bem, formados, com boa educa-

ção e boa índole, afinal nas diretrizes está pautado que o professores deve auxiliar na construção de caráter de seus alunos. Chamei esse movimento de pré-definição de um sujeito a partir de seu estado social atual, sua etnia e sua formação de Predisposição social.

A partir dessa visão, minha intervenção vem sendo não somente de educação do movimento, mas utilizando a educação do movimento da dança contemporânea para trabalhar o conceito que podemos, que não devemos desistir e que podemos ir além. As músicas escolhidas para as aulas também possuem caráter pedagógico e construtivo.

Minha intervenção está apenas no início, pois no mês de Setembro recebemos novos alunos e o trabalho de adaptação está sendo realizado novamente.

O improviso na dança explora a autonomia e as crianças se sentem realizadas por estarem executando algo criado por elas, em todas composições tentamos efetivas a participação das crianças na construção, pois a coreografia ser um produto delas as faz perceber que são atores sociais naquele espaço e capazes de construir, mudar e executar aquilo que foi proposto para elas na dança, o que contempla a necessidade que a criança tem de ser vista e percebida, através da dança e das apresentações a criança ganha papel de destaque, aquela que está sendo observada, admirada e prestigiada positivamente, algo necessário para o ser humano, ser visto e reconhecido.

Nesses três meses de intervenção as crianças do Instituto tiveram aulas de iniciação á dança contemporânea através da expressão corporal, alongamento e brincadeiras e dinâmicas com a dança, fizemos diversas aproximações á dança contemporânea através de movimentos do cotidiano delas e também passos de danças que elas já haviam vivenciado, junto com os alunos construímos seqüências coreográficas, releituras de histórias, reflexão sobre letras de musicas, contagem de compasso, ritmo, construção de objetos para serem utilizados na dança e técnicas como: tendu, demi-plié, posições de pé, rolamentos, saltos, extensões, equilíbrio, chasé, arabesque entre outros. Para finalizar o primeiro ciclo de três meses, os alunos do Instituto fizeram apresentações em suas escolas e também para a comunidade no Festival de Dança realizado pelo Projeto de Extensão dentro do Instituto, neste dia as crianças foram os destaques, estavam todos arrumados, com figurinos de dança e os pais reconheceram e prestigiaram o trabalho que está sendo realizado.

Para minha pesquisa o texto de Rodrigues está sendo essencial para compreender sobre o individuo que está ás margens da sociedade, aquele exposto abertamente e mais próximo da realidade da criminalidade. A leitura e abordagem desses temas, nos fez compreender que a resposta não é ignorar os problemas sociais em que estamos inseridos, mas sim entender, discutir e pensar em ações para que nossas crianças não se entreguem para ser abatidas pelo sistema capitalista mas que também possa entendê-lo e usar ele positivamente para sua formação social e intelectual.

O resultado esperado em minha pesquisa, é que a criança consiga vencer e desconstruir no seu consciente e inconsciente a predisposição social que ela está exposta, que através da dança essa criança possa ter contato com diversas culturas e experimentações corporais, e que possa de expressar, se conhecer e perceber que ela pode se tornar uma construtora de sua própria identidade, cultura e sua história

como cidadã, podendo alterá-la e transformá-la, independente do resultado esperado pela sociedade, externando e vencendo seus medos, imposições, e buscando se instrumentalizar de objetivos a serem alcançados, querendo sim melhoria de vida, mas com o crédito de que o Ser é mais eficaz que o ter, e sendo ele pode ter.

## REFERÊNCIAS

DE PELLEGRIN, Ana. Filosofia, estética e educação: a dança como construção social e prática educativa. 2007. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.

RODRIGUES, Marcia B.F. In Sociedade e Consumo. Múltiplas Dimensões. Pimenta, Solange Maria org. et al. Curitiba : Juruá, 2010.

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/brasil-tem-1627-milhoes-de-pessoas-em-situacao-de-extrema-pobreza.html>

HASELBACH, Bárbara. Dança ,Improvisação e Movimento- Expressão Corporal na Educação Física, Rio de Janeiro, 1989

## JORNADA INTEGRADA DE EXTENSÃO E CULTURA

### AS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO PROJETO DE EXTENSÃO: GRUPO ANDORA.

Lorraine Ferreira e Marina Leone E. M. de Assis.

A Cia de Dança Andora – UFES, também denominada Grupo Para-folclórico Andora, é fruto de um projeto de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Espírito Santo, sediado no Centro de Educação Física e Desportos. Tem como objetivo a formação de professores para atuação direta no ensino do folclore em escolas e comunidades do estado do Espírito Santo. Nesse sentido, o grupo é um dos braços ilustrativos do método de formação adotado pelo projeto, promovendo a pesquisa nas comunidades, nas festas e apresentações; tratando os dados em laboratórios e oficinas, produzindo o material didático, e sistematizando as danças e as apresentando em eventos de oportunidade social e cultural. A produção é registrada, armazenada e colocada à disposição pública, com objetivo de preservação, resgate e divulgação do patrimônio imaterial destas manifestações.

O grupo é orientado pelo professor Antonio Carlos Moraes que também é professor na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A partir de 2008 assumiu o papel de expandir o conhecimento acerca do Folclore e da Cultura Popular, para além das fronteiras da universidade. Nos últimos dois anos o grupo teve uma grande experiência, em junho de 2014 fez apresentações em Manaus ( AM), em que integrou a programação cultural da copa do mundo de futebol. A Cia de Dança Andora UFES foi selecionada pelo Ministério da Cultura para fazer parte da programação cultural da Copa. O objetivo do concurso consistiu na escolha de no mínimo duzentos e seis trabalhos artístico-culturais, relativos à participação de artistas, grupos coletivos e agentes culturais, no intuito de promover a cultura brasileira no período do mundial, evento de visibilidade internacional, tornou-se um momento oportuno para a divulgação e promoção da diversidade cultural brasileira.

O grupo Andora fez apresentações em diversos espaços da capital do Amazonas, tendo anuência da Prefeitura Municipal da cidade. O espetáculo folclórico “Tem Moqueca e Tacacá: o Capixaba tira o Manauara pra Dançar” que retratou as manifestações tradicionais do Estado do Espírito Santo. Ainda em 2014 o grupo Cia de Dança Andora realizou sua primeira amostra pedagógica de dança, em que o objetivo do evento era dar visibilidade e incentivar as iniciativas de professores e escolas que desenvolvem atividades relacionadas a dança nas instituições de ensino. Além das apresentações do Andora, para o evento foram convidadas a EEEFM Rosa Maria Reis, de Cariacica, a UMEI Padre Edmundo, de Vila Velha, e do município da Serra estavam presentes o CEMEI São Patrício, a Estação do Conhecimento e o Colégio Siena. O evento possibilitou aos alunos, a conhecer e entender como realmente funciona uma apresentação no teatro. Além disso os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e praticar a cultura popular brasileira através das aulas de Educação Física, enriquecendo assim a sua cultura com as danças Folclóricas.

Através do projeto de extensão, a dança é adotada, em todos os estilos possíveis, assim acaba garantindo uma formação para o magistério de qualidade. Caso ela for trabalhada na escola o conhecimento do professor é essencial para o desenvolvimento do aluno.

No ano de 2015 o Grupo Cia de Dança Andora foi convidado para a participação em um festival em terras mexicanas, o XIV Festival Internacional de Folclore de San Pedro de Atocpan, que foi realizado na cidade de mesmo nome. O evento idealizado por uma associação cultural e ligado ao CIOFF, órgão da UNESCO, teve como objetivo maior a promoção e preservação da diversidade cultural, possibilitando o intercâmbio entre grupos de várias partes do mundo, e acontece há 16 anos. O festival teve uma programação muito ampla e variada com apresentações em diversos espaços da cidade, como teatros, palcos e hospitais, por exemplo, além de desfiles pelas ruas da cidade. Outra característica importante é a de que os artistas ficaram hospedados em casas de famílias nativas durante alguns dias do evento, ampliando o intercâmbio entre os participantes e a comunidade local.

Nessa viagem ao México o Projeto participou de um festival que é organizado por um grupo de corajosas Mulheres (as Mulheres de Atocpan). Em contraste com essa tamanha inspiração, o grupo se deparou no primeiro trimestre de 2015 com a confirmação de que o Estado do Espírito Santo é o território brasileiro com o maior índice de assassinato de mulheres. Com dobro da média nacional, o Espírito Santo se transformou em um dos territórios com a maior quantidade de assassinatos de mulheres no MUNDO, confirmando estatísticas de anos anteriores.

Diante desse cenário, o Projeto decidiu se manifestar com arte e ação política. Dedicamos esse espetáculo e suas participações nos festivais de 2015 ao combate à Violência contra as Mulheres no Planeta, no Brasil e, sobretudo no Espírito Santo.

Cientes do nosso papel, o grupo planejou **três ações concretas**:

- Incorporou e aprofundou em suas peças a presença de personagens que identificam o cotidiano e a liderança das mulheres na arte, na organização comunitária e na luta por um mundo melhor.

- Decidiu transformar seus espaços físicos nos festivais internacionais para expor os índices da violência contra a mulher e reforçar as denúncias de organismos que se que manifestam contra essa situação;
- Vamos abrir uma lista de assinaturas internacionais contra a violência contra a Mulher no Estado do Espírito Santo que será entregue às Comissões de Direitos Humanos em nível nacional e regional.

A lista foi aberta no espetáculo de Abertura para viagem ao México, no Teatro Universitário, e a partir de então, correu os festivais com a adesão de assinaturas no âmbito nacional e internacional. Aproveitando a presença da Maria da Penha no estado, o grupo teve a oportunidade de ter um contato e uma interação com a mesma, dando continuidade a lista que ainda encontra-se aberta, para que futuramente seja entregue a algum órgão sobre os direitos humanos ou da mulher, como um símbolo mesmo da luta contra a violência contra a mulher. O grupo reforça a questão de que a lista é em apoio contra a violência da mulher, e também através da dança mostra a força da mulher na cultura popular, ou seja, não se trata apenas de mostrar um caráter de denuncia ou colher assinaturas contra a violência, é através das ações artísticas como as danças, que o grupo vem mostrando o papel da mulher e a força dela.

Dando seqüência ainda em 2015, logo após a chegada da viagem internacional, a Companhia de Dança Andora não pode deixar de comparecer ao Festival de Folclore de Olímpia, pois foi convidada para representar o Estado do Espírito Santo na 51ª edição do Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), em que se apresentou pela quinta vez nesse mesmo festival. Com essa participação no festival de uma maneira geral, contribui para a formação cultural de alunos e professores, possibilitando conhecimento das diversas regiões do Brasil, que participam do festival, trazendo uma bagagem cultural diversificada, com costumes, danças, vestimentas, culinárias e tradições. O grupo foi para Olímpia representar o Estado do Espírito Santo, mostrar a cultura capixaba, pois o objetivo desse festival é que cada grupo, de diversas regiões do país, represente a cultura de seu estado. A cada ano na data do festival sempre tem um grupo que é homenageado, mostrando a cultura de sua região. A penúltima noite de apresentações no 51º Festival de Folclore de Olímpia, o grupo Andora foi anunciado como o grupo homenageado da próxima edição do evento em 2016. O Andora no período pré evento trabalhará com pesquisas e projetos a fim de buscar maior conhecimento das tradições culturais do Espírito Santo.

# BRINQUEDOTECA: APRENDER BRINCANDO

Coordenadores: Dra. Maria das Graças Carvalho Silva de Sá e Dr. José Francisco Chicon

Bolsistas: Rosely da Silva Santos, Gabriela de Wilhena Muraca e Luyene Martins Rodrigues

## RESUMO EXPANDIDO

O presente projeto de extensão tem por objetivos: a) Promover campo de estágio em Educação Física inclusiva para os acadêmicos do Curso de Educação Física; b) Promover a formação de professores a fim de atuarem em brinquedotecas institucionais ou não considerando diferentes grupos de crianças no processo de mediação pedagógica no jogo infantil; c) Expandir os serviços de Educação Física a comunidade, por meio do atendimento às crianças, tenham elas necessidades educacionais especiais ou não e a seus familiares; d) Desenvolver estudos e práticas pedagógicas inclusivas no atendimento educacional às crianças; e) Incrementar a prática de pesquisa (disciplinares, interdisciplinares, trabalhos de conclusão de curso, monografias e dissertações) nesta área de interesse em Educação Física.

O momento da educação física brasileira é de transformação, construção e (re) significação dos conhecimentos e práticas corporais. Hoje, a área do conhecimento Educação Física promove sua universalização e prática em todos os segmentos de nossa sociedade. Por isso, o LAEFA tem adotado como princípio para o desenvolvimento de seus programas e projetos o que preconiza a Carta Internacional de Educação Física da UNESCO (1978, p. 3), em seu Art. 1º: “A prática da educação física e do desporto é um direito fundamental de todos”. Na alínea 1.3 estabelece que “Devem ser dadas condições especiais aos jovens, inclusive às crianças em idade pré-escolar [educação infantil], aos idosos e às pessoas com deficiência, a fim de permitir o desenvolvimento integral da sua personalidade, através de programas de educação física e de desporto adaptado às suas necessidades”. Em seu Art. 3º preconiza que “Os programas de educação física e de desporto devem corresponder às necessidades dos indivíduos e da sociedade”. Na alínea 3.1 orienta que “Os programas de educação física e de desporto devem ser concebidos em função das necessidades e das

características pessoais dos praticantes, assim como das condições institucionais, culturais, socioeconômicas e climáticas de cada país”. E ao finalizar a alínea, destaca: “Eles [os programas] devem dar prioridade às necessidades dos grupos especialmente carenciados no seio da sociedade”.

O processo de inclusão desencadeado na década de 1990 tem enfatizado as potencialidades das pessoas com deficiência em detrimento de suas limitações, o que tem contribuído para ressignificar os valores socioculturais da população, demonstrado com o reconhecimento de que a sociedade é que precisa se modificar para atender aos seus cidadãos e não o contrário, aumentando a tolerância, a aceitação da diversidade/diferença.

Considerando os aspectos acima evidenciados e entendendo estar contemplando na execução deste Projeto a Tríade: Ensino, Pesquisa e Extensão, missão da Universidade Pública e Gratuita, é que pretendemos manter nosso compromisso profissional com a formação de recursos humanos melhor preparados para atuar com a Educação Física Adaptada e de estender estes serviços à comunidade, no atendimento às crianças, jovens e adultos que apresentam deficiências e na produção e socialização do conhecimento.

## METODOLOGIA

O Projeto permanente “BRINQUEDOTECA: aprender brincando”, desenvolvido no Laboratório de Educação Física Adaptada - LAEFA/CEFD/UFES, têm como propostas pedagógicas para o atendimento educacional inclusivo de crianças de 3 a 7 anos, que buscam em todos os seus momentos, não apenas um compromisso com o movimento e suas implicações diretas, mas também com os aspectos sociais, culturais, afetivos e perceptivos. Razão da necessidade de constituir nas atividades, momentos de diálogo, de compartilhar as brincadeiras, de trabalhar com valores de respeito pelas diferenças/diversidade, colaboração, etc., compreensão de conceitos e regras, em que a liberdade de expressão e apropriação da cultura corporal de movimento é a tônica.

Iniciado em março de 2009, o projeto de extensão “Brinquedoteca: aprender brincando”, vem se configurando como um espaço significativo de intervenção pedagógica, formação profissional e de pesquisa no atendimento educacional de crianças com e sem deficiência em processo de inclusão, vem se consolidando na UFES como um eficaz agente na formação profissional, produção de conhecimentos e extensão universitária em Educação Física Adaptada.

O projeto é desenvolvido na brinquedoteca organizada no espaço do Laboratório de Educação Física Adaptada e na sala de ginástica olímpica, no período de fevereiro a dezembro de 2015, com a participação de professores coordenadores, professores colaboradores internos e externos, bolsistas, estagiários e voluntários oriundos do próprio curso de educação física.

Os encontros são realizados todas as quintas-feiras, das 14 às 15h para o atendimento. Das 15 às 16h, grupo de estudo. Das 16h às 17h30min, avaliação e planejamento.

Participam do projeto atualmente 51 crianças, de ambos os sexos, com idades de 4 a 8 anos, sendo 40 do Centro de Educação Infantil Criarte-Ufes (grupo 4 e grupo

5) e 11 crianças que apresentam deficiência intelectual e transtornos globais do desenvolvimento (autismo), oriundos da comunidade dos municípios da Serra e Vitória, constituindo turmas inclusivas, com idades de 4 a 7 anos.

#### **As atividades estão organizadas no seguinte esquema:**

- *“Aprender brincando”, realizada no espaço da brinquedoteca: 14 às 15 horas.*

Nesse momento, as crianças com deficiência (autismo e síndrome de Down) oriundas da comunidade, se juntam as crianças da CMEI CRIARTE e formam uma única turma (inclusiva), para explorar os brinquedos e realizar brincadeiras no espaço da brinquedoteca.

Os estagiários recebem as crianças e organizam-nas em uma rodinha de conversa (ritos de entrada), na qual, dialogam com elas, lembrando fatos e acontecimentos da aula anterior e sobre as regras de uso desse espaço (10min.). Em seguida realizam atividades dirigidas com duração máxima de 15 min. Na sequência as crianças são incentivadas a explorar os brinquedos de forma espontânea, a partir do interesse (20min.), os estagiários atuam como brinquedistas, ou seja, aqueles que incentivam a brincadeira infantil, procurando enriquecê-las, brincando junto, em parceria com a criança. Próximo ao término do atendimento (15 min), os alunos são incentivados a organizar a brinquedoteca, avaliar o realizado e em seguida, retornar para seus ambientes.

- *“Brincando e aprendendo com a ginástica”, realizada na sala de ginástica artística: 14 às 15 horas.*

Na sala de ginástica artística o procedimento foi semelhante com os ritos de entrada e saída para garantir o diálogo e a fala dos alunos, refletindo sobre os fatos e acontecimentos da aula. Em seguida, os alunos são convidados pelos estagiários a experimentar diferentes formas de se movimentar com e sem o uso de aparelhos (como saltos no trampolim, andar na trave de equilíbrio, rolar nos colchões, pendurar, andar, correr, balançar, empurrar, puxar, arrastar, balançar, relaxar, escorregar, combinar movimentos como correr e saltar, subir e descer, etc.). Os estagiários nesses espaços são bem orientados quanto à segurança das crianças.

Logo após o atendimento as duas equipes de trabalho se reúnem, das 15 às 17h30 min. para o grupo de estudo, avaliação e planejamento das aulas da semana seguinte.

#### **Quanto à indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, o Laefa está organizado nos seguintes moldes:**

- *Quanto ao ensino: oportunizar aos acadêmicos do Curso de Educação Física da Licenciatura e Bacharelado, processo de aprendizagem consistente, crítico e reflexivo, por meio do estudo de teorias e conceitos, capaz de fornecer os aportes teóricos e práticos para o desenvolvimento das práticas educacionais inclusivas e do esporte e lazer para pessoas com deficiência e seus familiares. No Laefa são ministradas as disciplinas: “Atividade interativa de formação: Educação Física e Programas Sociais I” (Licenciatura) e a disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Física, Esporte e Lazer” (Bacharelado). Além dessas, no Laefa se produz material didático para fomentar o ensino na disciplina Educação Física, Adaptação e Inclusão (bacharelado e licenciatura), disciplina de “Conhecimento e metodologia do Ensino do Jogo”.*

- *Quanto à pesquisa: Incrementar a prática de pesquisa nesta área de interesse em Educação Física, com a produção pelos acadêmicos dos trabalhos de final de curso (mais de 100 TCCs), bem como produção e socialização de conhecimento, com apresentação de trabalhos em eventos científicos e publicação de artigos em anais e revistas (mais de trinta trabalhos produzidos e socializados). Participação no Congresso Espírito Santense de Educação Física, Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, com apresentação de trabalho na forma de comunicação oral e publicação de texto completo dos anais do evento.*

- *Quanto à extensão: oferecer serviço de qualidade e gratuito a comunidade em geral, na forma de práticas corporais de esporte, lazer, danças, ginástica, lutas, jogo infantil a crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência e seus familiares. Zelar para manter estreitos os laços entre Universidade e comunidade. Promover campo de estágio em Educação Física Adaptada para os acadêmicos do Curso de Educação Física e seus egressos.*

#### **Relevância da proposta/impactos e melhorias sociais/implicações nas políticas públicas**

O projeto vem suprir uma lacuna existente na comunidade no que se refere à ausência de oferta de serviços públicos e privados para o atendimento no âmbito da saúde, esporte e lazer para as pessoas com deficiência, melhorando por esta via, a qualidade de vida destas pessoas. Além disso, é necessário fomentar princípios que contribuam para uma sociedade que não só reconheça a diversidade humana, mas também, e, principalmente, a conceba enquanto uma premissa de vida. Quantitativamente realizamos 67 atendimentos semanais, 268 mensais e 1072 semestrais, totalizando no ano 2.144 atendimentos. Com relação à participação dos alunos do Curso de Educação Física e seus egressos será de oportunizar a experiência prático/teórica do exercício da função docente com toda sua complexidade no atendimento educacional, esporte e lazer de pessoas com deficiência e seus familiares, transformando em potência sua condição de atuar de forma mais qualitativa no campo profissional futuro, tendo a sensibilidade e a preocupação de defender e oferecer os seus serviços a todas as pessoas, tenham elas deficiência ou não. A cada semestre temos um número de 30 acadêmicos participando deste projeto.

Além disso, contribuimos para ampliar a produção de conhecimento na área, constituindo subsídios teórico-práticos que possam auxiliar o governo em relação a organização de políticas públicas coerentes, para melhorar a qualidade de vida dessa população tão sofrida e marginalizada e de formação continuada aos professores que atuam nas diferentes redes de ensino, sejam municipais, estadual e federal. E com isso, marcar nossa posição política a favor da redução da desigualdade social que tanto assola o país. Destaca-se na produção científica: produção de dois livros, organização de seis livros, sete capítulos, dez artigos publicados em revista de qualis A2 e B1, mais de 20 trabalhos apresentados em congressos com publicação de texto em anais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A carência de serviços na comunidade para o atendimento de crianças, jovens e adultos que apresentam deficiência é notória, principalmente quando se trata de indivíduos que não conseguem acompanhar o currículo escolar referente à sua faixa etária. Normalmente estas pessoas apresentam dificuldades em diferentes áreas do desenvolvimento, exigindo para o seu melhor atendimento a ação conjunta de uma equipe interdisciplinar.

Nesse sentido, a Universidade por meio do Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA/CEFD/UFES) vem cumprindo seu papel social oferecendo à comunidade, por meio da extensão, um serviço de qualidade no atendimento socioeducacional dessas crianças.

Nesse âmbito, cabe enfatizar também a importância do projeto para a formação inicial e continuada de professores que vem se consolidando com a possibilidade de enriquecer a experiência crítico-reflexiva do acadêmico participante da extensão, oportunizando a este um ambiente multivariado, no qual pode colocar em evidência seus conhecimentos, por meio do planejamento, execução e avaliação de atividades organizadas para atender crianças em turmas inclusivas e, simultaneamente refletir sobre suas ações conjuntamente com os outros membros da equipe.

Nas considerações sobre o resultado do trabalho, observamos que crianças com deficiência adquiriram mais independência e autonomia, melhorando a autoestima e superando obstáculos e barreiras que consideravam difíceis de serem transpostas por eles no dia a dia. Enfim, as práticas corporais, quando bem orientados, proporcionam um ambiente rico para a conquista da independência nas atividades da vida diária e nas relações familiares e sociais dos participantes.

## REFERÊNCIAS

CARTA INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO DA UNESCO, 1978. Disponível em: < <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc119.pdf> >. Acesso em: 18 maio 2010.

SOARES, Carmem Lúcia et al. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

## PROJETO CAPOEIRA UFES

### INTRODUÇÃO

A história da Capoeira está ligada a luta de libertação dos escravos no Brasil. Mesmo havendo entre os historiadores um debate com relação à sua origem, se foi na África, no Brasil Colonial ou no período do Império Brasileiro, a Capoeira notadamente configurou-se como uma prática escrava (SOARES, 2001) e sofreu a perseguição da sociedade escravagista e, posteriormente, capitalista até meados da década de 1930 no Brasil. Por sua vez, a prática desta manifestação cultural vem sendo desenvolvida no Centro de Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, há 34 anos e no decorrer desse período sua inserção na universidade ganhou uma dimensão significativa e importante. Como fruto desse trabalho é possível observar que houve uma produção quantitativa e qualitativa de trabalhos acadêmicos sobre Capoeira, com contribuições por parte dos responsáveis dos projetos de extensão de Capoeira dos anos anteriores nas orientações de pesquisas e nas monitorias de acadêmicos.

O projeto Capoeira UFES conta com dois professores responsáveis: Fábio Luiz Loureiro do Centro de Educação Física e Desportos e Yfifah Peled do Centro de Artes. Bem como colaboradores internos, que são bolsistas e/ou voluntários alunos do curso de Educação física e externos, que são praticantes de capoeira que dominam o saber cultural através da aquisição cotidiana com o mestre do fazer cultural apropriando-se do saber experiencial da capoeira e sua principal intervenção é na instrução nas aulas de capoeira.

### OBJETIVO E METODOLOGIA DO RESUMO

Este trabalho tem por objetivo expor os resultados parciais obtidos no projeto no primeiro semestre de 2015, envolvendo as turmas de crianças, jovens e adultos tomando como ponto de

Docente: Nathany da Rocha Damasceno

partida o documento que norteia o projeto, fazendo análises específicas dos objetivos e resultados esperados, evidenciando todos os resultados alcançados e toda a abrangência do projeto.

Os recursos utilizados para elaboração do trabalho consistem em reuniões de orientação com o Professor responsável Mestre Fábio Luiz Loureiro e entrevista com o acadêmico Tales Newton Gomes Alvarenga Soares que atuou como bolsista no período mencionado. Além de um amplo e rico levantamento de arquivos referentes ao projeto que contém dados consideráveis acerca do desenvolvimento do projeto e do número de alunos diretos e indiretos.

### O QUE O PROJETO APRESENTA

Para 2015 o objetivo que temos é estreitar os laços entre extensão, pesquisa e ensino, e a partir do ano que vem será desenvolvido pelo professor do CEFD e alunos de graduação do CEFD orientados por um professor do Departamento de Desportos, organizar grupo de estudos em capoeira, formar professores de capoeira e aproximar a comunidade do CEFD/UFES.

Desta forma notamos a necessidade que a Educação Física vem demonstrando no sentido de compreender melhor a inserção da Capoeira na sociedade. Neste sentido os professores de Educação Física que desejam trabalhar com a Capoeira, seja como conhecimento a ser desenvolvido nas aulas nas escolas ou em outros ambientes, percebem a necessidade de vivenciar esta manifestação cultural de forma mais aprofundada.

Assim a proposta deste projeto de extensão é a de propiciar para alguns alunos os cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) a oportunidade de aprofundar sua prática pedagógica, cultural, histórica, política e filosófica relacionada à Capoeira. Além disso, oferecer à comunidade em geral uma ampla vivência desta manifestação não restringindo-a somente ao viés esportivo mas, procurando aumentar seu contato com a cultura popular brasileira.

### Da justificativa e referencial teórico do projeto

Atualmente são encontrados muitos estudos que visam abordar diferentes aspectos relativos à Capoeira na área de Educação Física como os de: Castro Júnior (2002), Falcão (2004 e 1996), Loureiro (2013), Brito (2003), Abreu (2005), Silva (2008), Textos do Brasil (2008), Moura (2009), Silva (2010) e Vieira (2012), todos eles de alguma maneira abordam problemáticas que dizem respeito à Capoeira e sua inserção na Educação Física, seja como área de conhecimento, prática pedagógica ou campo profissional.

Buscamos desenvolver os principais elementos da Capoeira, tais como a gestualidade, a musicalidade, a expressividade, a ritualística. Voltados para o desenvolvimento integral do indivíduo dentro de um contexto lúdico e envolvendo os aspectos ligados a criatividade individual e coletiva.

Apesar de termos nos currículos de formação em Educação Física disciplinas que abordam a Capoeira, compreendemos que a vivência do ensino-aprendizado pelos alunos desta manifestação cultural poderá tornar mais sólida sua a formação profissional.

## RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

### Dos objetivos do projeto

No primeiro semestre de 2015 o projeto contou com um aluno bolsista. O motivo de haver somente uma bolsa trata das competências específicas para a prática das lutas. É preciso corresponder às especificidades das lutas para que se tenha um vantajoso retorno tanto para o aluno contemplado quanto para a universidade. Do mesmo modo, o projeto contou apenas com um voluntário.

Segundo o acadêmico Tales Newton, o projeto capoeira UFES contribuiu de maneira significativa para seu desenvolvimento humano e acadêmico, proporcionando possibilidades para construção de seu conhecimento. Atualmente o acadêmico se percebe mais capacitado e sente que seu repertório pedagógico está mais vasto e diversificado. Em relação ao valor da bolsa, o aluno relata que apesar de ajudar na permanência na universidade, o dinheiro é pouco e apoia que deve ser aumentado o valor.

O projeto é bem conhecido pela comunidade do CEFD, pois a prática da capoeira existe nesta perspectiva há 35 anos no Centro de Educação Física e, além disto, o projeto sempre organiza eventos no local com devida divulgação, possibilitando a participação dos estudantes. Também existe a tentativa do professor Fábio Luiz Loureiro de fazer uma ponte entre o ensino e a extensão convidando os alunos matriculados em disciplinas obrigatórias ministradas por ele tanto no curso da licenciatura como do bacharelado para participarem das aulas do projeto ou até dos eventos quando há oportunidade.

Considerando que um dos objetivos mais relevantes do projeto seria promover intercâmbio e eventos sócio-culturais, fez-se necessário mencionar algumas situações como a recente vinda de capoeiristas da Polônia para o Encontro de Docentes de capoeira, onde eu como bolsista do projeto pude participar. Eles também compareceram em uma aula do projeto para trocar experiências e fazer este intercâmbio. Com anos de trabalhos desenvolvidos dentro da universidade, conseguimos fortalecer o projeto ainda mais desenvolvendo trabalhos na Suíça, na Polônia, Itália, Austrália e estudos na África.

O Mestre Fábio Luiz Loureiro coordena os trabalhos de capoeira na Universidade Federal do Espírito Santo desde 1985. Desse trabalho formaram-se a Contramestre Sabrina e o Mestre Pedro (não está atuante momentaneamente) que formou o Contramestre Joergues. Este projeto tem se expandido muito e tem atualmente mais de 30 locais de trabalhos na Grande Vitória e norte do estado (São Matheus).

Todos os anos, ocorre um evento tradicional de graduação onde os alunos sobem de nível de graduação (na capoeira, isto é representado pela cor das cordas). Este ano, no evento que acontecerá em setembro, o Contramestre Joergues será contemplado com a graduação de mestre, bem como outros alunos também serão contemplados com graduações de professor, monitor e estagiário. Além dos alunos que sobem o nível de suas graduações.

O projeto contou no primeiro semestre de 2015 com o total de 110 (cento e dez) alunos matriculados nas turmas de jovens e adultos, que por sinal são bem assíduos. Hoje este número vem crescendo.

Na turma das crianças havia apenas 10 alunos matriculados no início do semestre e no fim do semestre já havia aumentado para 18. Atualmente temos 20 com expectativas para aumentar ainda mais visto que estamos trabalhando para melhor divulgar o projeto. Com o levantamento dos dados, verifiquei que a maioria tem frequência regular como mostra o quadro abaixo:

Total 35 aulas (100%) – de 02 de março a 08 de julho de 2015	
Nome	Frequência
AM1	72%
AF1	69%
AM2	83%
AF2	95%
AM3	95%
AM4	60%
AF3	07 *27/04 abandonou
AF4	10 *04/05 entrou de atestado e não voltou
AF5	86%
AM5	86%

Alunos matriculados depois (considera-se a partir da data de início)

Nome	Quando começou	Frequência
AM6	23 de março	90%
AF6	08 de abril	55%
AF7	04 de maio	65%
AM7	11 de maio	34%
AM8	11 de maio	*10/06 abandonou
AF8	11 de maio	67%
AM9	18 de maio	69%
AM10	10 de junho	78%
AM11	24 de junho	80%

#### DA METODOLOGIA DO PROJETO

O escrito do projeto traça critérios de avaliações e orientações muito rígidos que com a percepção da realidade e flexibilidade foram naturalmente alterados. As orientações ocorrem de acordo com a disponibilidade de horário do orientador, dos colaboradores externos e internos e discentes. Muitas vezes ocorrem separadamente e algumas vezes em conjunto, porém sempre pautados em leituras e análises de textos visando a elaboração do planejamento das aulas para a comunidade. Normalmente acontecem nas dependências do CEFD.

As aulas para a comunidade acontecem duas vezes por semana (segunda e quarta), das 18H as 19H para as crianças, das 19H as 20H30min para a turma de jovens e adultos iniciantes na prática da capoeira e das 20H30min as 22H para os alunos mais graduados na capoeira. Essa foi uma alternativa pautada na realidade do professor responsável e mestre de capoeira e principalmente dos alunos envolvidos para melhor atender e respeitar o nível de desenvolvimento de cada grupo. Essas aulas são planejadas no tempo disponível de cada ministrante e normalmente abordam os aspectos musicais incluindo o ensino-aprendizado dos instrumentos e cantigas que fazem parte da roda de capoeira. Também aborda a gestualidade da capoeira através dos jogos, exercícios individuais e em duplas e demonstração dos gestos e imitação destes pelos alunos. Inicialmente, será ensinado os golpes, contragolpes, defesas ou acrobacias, fora do contexto de jogo, para que os alunos percebam a técnica do gesto e o executem. À medida que o repertório gestual dos alunos seja ampliado, a complexidade da demonstração dos exercícios a serem executados será aumentada.

#### REFERÊNCIAS

- ABREU, Frederico José de. Capoeiras – Bahia, sec. XIX: imaginário e documentação. Salvador, Instituto Jair Moura, 2005.
- BRITO, Elto Pereira de. No caminho do Mestre. Edição Atualizada. Editora Artcrio. Goiânia, 2003.
- CASTRO JÚNIOR, Luis Victor. A pedagogia da capoeira: olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de Educação Física. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2002.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. O Jogo da Capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- LOUREIRO, Fábio Luiz. Oficina de docência de Capoeira. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2013.
- MOURA, Jair. A capoeiragem no Rio de Janeiro através dos séculos. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2009.
- SILVA, Paula Cristina da Costa. O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar. 2009. Tese (Tese em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850). Campinas: UNICAMP: Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.
- SILVA, Gladson de Oliveira & HEINE, Vinicius. Capoeira: instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.
- SILVA, Josiana da. De pernas pro ar – Recontando a nossa história. Campinas: Reverbo Editora, 2010.
- TEXTOS DO BRASIL, Capoeira. Ministério das Relações Exteriores. Teixeira Gráfica e Editora: Brasília - DF, 2008.
- VIEIRA, Luiz Renato. A capoeira e a política de salvaguarda de patrimônio imaterial: legitimação e conhecimento de manifestação cultural de origem popular. Brasília: FCP, 2012.

# A ARTICULAÇÃO ENSINO/PESQUISA/EXTENSÃO NA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOS/AS ACADÊMICOS/AS ENVOLVIDOS/AS NO PROJETO CRIADANÇA

Docente: Erineusa Maria da Silva

Discente: Rafaella Battisti

## RESUMO

Objetivou compreender a experiência de formação dos/as acadêmicos/as envolvidos/as em um projeto que articula ensino/pesquisa/extensão. Após pesquisa qualitativa, com realização de análise de conteúdos, concluiu que a articulação ensino/pesquisa/extensão tem se demonstrado significativa em possibilitar uma aprendizagem mais autônoma e reflexiva.

## PALAVRAS-CHAVE

*Educação física 1; Formação 2; Ensino/pesquisa/extensão 3.*

## INTRODUÇÃO

A formação tem se constituído um desafio enorme para as instituições de ensino, pois esta não se constrói puramente por acumulação de conhecimentos/técnicas, mas fundamentalmente situando a práxis como um espaço interativo de formação de saberes como a reflexividade e a autonomia. Nessa linha, temos privilegiado a articulação ensino/pesquisa/extensão como “[...] redes de (auto) formação participada [...]” (NÓVOA, 1995, p.26) onde o sujeito passa a ser compreendido em sua totalidade num processo dinâmico e interativo, viabilizando trocas de informações e formação mútua, além do protagonismo como formador/a em simultaneidade com o papel de formando/a. Para tal, trabalhamos num processo de interrelação entre a disciplina “Atividade interativa de formação” (Atif): linguagens II, o projeto de extensão Criadança<sup>1</sup> e a presente pesquisa que tem como questão principal analisar as aprendizagens provocadas na trajetória de formação dos/as acadêmicos/as envolvidos/as nessa experiência de formação vivida pela articulação ensino/pesquisa/extensão.

1. O CriaDança é um projeto de extensão que trabalha com danças para crianças matriculadas no CEI Criarte/Ufes.

Aprendizagens essas que foram elaboradas por acadêmicos/as envolvidos/as nas/pelas experiências de formação realizadas durante as intervenções no projeto CriaDança, produzidas concomitantemente na/pela disciplina Atif linguagens II. Especificamente busca-se analisar as alegações de aprendizagens dos/as acadêmicos em referência as suas trajetórias de formação antes e após suas intervenções com/ no projeto CriaDança e disciplina Atif, em especial quanto ao conteúdo dança nas aulas de Educação Física; Identificar possíveis dificuldades e potencialidades dos acadêmicos na realização das intervenções em relação com a sua formação;

A pesquisa tem natureza qualitativa com objetivos exploratórios e descritivos (GIL, 1999). Os sujeitos são os acadêmicos da disciplina Atif linguagens II no semestre 2013.2. Como instrumentos de recolha de dados utilizamos de entrevistas semiestruturadas. Os dados recolhidos foram categorizados e cruzados conforme sugere Bardin (2009) e as análises se guiaram por uma perspectiva interpretativa.

## APRENDIZAGEM: DO QUE FALAMOS?

Para a discussão de aprendizagem nos referenciamos na ideia de ensinagem proposta por Selma Garrido Pimenta. Segundo Pimenta (2005) o ato de ensinar passa não apenas por expor o conteúdo, mas se consagra na necessidade de um bom resultado do ensino. Para tal, a participação dos/as professores/as e alunos/as é imprescindível para uma compreensão do conteúdo. O ato de ensinar deveria ser seguido da ação de aprender, mas o que ocorre na prática é que o ensinar se encerra ao fim da aula. O aprendizado, então, apresenta-se como uma meta a ser atingida ao fim de cada encontro.

Nessa assertiva, o próprio cotidiano de intervenção faz com que a aprendizagem seja tencionada, pois lhe apresenta questões que certamente, pela sua própria incerteza (SACRISTÁN, 1998) nos remete a repensar, a reelaborar e a ressignificar. Nesse sentido, o processo de reflexão se torna constante e inerente ao fazer pedagógico.

Na pesquisa realizada pudemos perceber como a ideia de aprendizagem produzida pelos discentes após a disciplina atif. Fala da entrevistada S:

*[...] Durante o processo, percebi que existe todo um método pedagógico, levar em consideração a capacidade das crianças em relação ao conteúdo, ter uma maneira mais lúdica para passar o conhecimento para as crianças. [...] A experiência com a atif ajudou a me comunicar melhor, porque você tem que falar na mesma linguagem que elas... para elas poderem entender o que está sendo passado.*

E a entrevistada M finaliza dizendo que a faixa etária das crianças é muito importante devido ao conteúdo a ser ministrado, e o lúdico deve estar sempre presente nas aulas de Educação Física.

Ao falarmos da docência falamos também das técnicas, dos métodos e das teorias desenvolvidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem (ANASTASIOU; PIMENTA, 2005). Os/as entrevistados/as compreenderam a importância da troca de conhecimento e experiências para com seus alunos/as quando citam a preocupação

com a faixa etária, com o desenvolvimento e até mesmo com a linguagem lúdica a ser utilizada com as crianças para que elas façam parte dessa aprendizagem.

### PROFESSORES REFLEXIVOS: TENCIONANDO A PRÁXIS<sup>2</sup>

Schon (*apud* NÓVOA, 1995) defende a ideia do professor reflexivo, onde o/a docente deve ser capaz de analisar os conteúdos, identificar problemas, erros e acertos ocorridos durante sua atuação. Tal teoria se solidifica em três pilares, sendo eles a reflexão na ação, reflexão da ação e a reflexão sobre a reflexão da ação.

Entretanto, Zeichner e Pérez Gómez (2002) questionam a teoria de Schon (*apud* PIMENTA, 2002) apontando que ele tenta mascarar os problemas ocorridos no âmbito escolar com medidas superficiais, que não tendem a atingir a raiz, ou seja, a real situação do problema. Com isso, a banalização do/a professor/a reflexivo/a vem à tona, onde o/a educador é protagonista da sua própria reflexão/ação, levando talvez a uma inapropriação coletiva das origens contextuais, históricas e sociais dos problemas (PIMENTA, 2002).

A partir da análise de dados é possível perceber na fala dos/as acadêmicos/as a ideia do ser reflexivo. A entrevistada S diz:

*[...] Quando a gente começou a Atif eu tinha muito pouco conhecimento, mas eu já esperava que para dar aula para criança, seja qualquer tema que você fosse dar você tem que ter todo um cuidado, um tratamento diferenciado, para a criança poder se identificar naquilo que você está dando. [...] com a Atif que eu estou vendo que tem que ter todo um plano, que diz os métodos para você passar o conteúdo da dança para as crianças.*

A fala da entrevistada acima ocorreu antes que ela pudesse ministrar aulas no Projeto. Com isso, se torna evidente que mesmo antes da disciplina Atif, os/as discentes já possuíam uma breve noção a respeito do trato infantil, mas não sabiam como na prática a dança nessa faixa etária se efetivava. O “plano de aula” citado pela entrevistada nos remete a compreensão de que como o “preparar”, elaborar e planejar a aula perpassa do fazer pelo fazer, pois apresenta um embasamento teórico do/a professor/a para com a aula e um contexto histórico-social levado em consideração, conforme Zeichner e Pérez Gómez (2002) defendem.

Entrevistado L após ministrar aulas no Projeto:

*Antes não tinha ideia de como dar uma aula de dança para a Educação Infantil. Hoje eu tenho ideia de como devo pensar uma aula para as crianças, o que elas são capazes de fazer ou não. Existe toda uma preocupação por trás das aulas sobre o quê e o porquê de estarmos passando o conteúdo.*

O ambiente da Atif se tornou indispensável para esses discentes, pois em suas falas é possível perceber o quão importante foi esse lugar de aprendizado para além

2. Para Gamboa (2007), a práxis se apresenta como uma inter-relação entre teoria e prática que se tencionam gerando um movimento dinâmico de superação e contradição entre elas.

do espaço mais comum da sala de aula. Esse de fato se tornou o espaço do/a professor/a reflexivo/a, onde os/as alunos/as construíam em conjunto.

### AUTONOMIA: CONSTRUÇÃO PELA FORMAÇÃO

Na área educacional onde o ensino é de forma intencional, o/a professor/a deve trabalhar para que seu aluno consiga “pensar por si próprio”. Todavia não deve ser um “pensar por pensar”, quando se tem um pensamento autônomo este deve ser crítico, reflexivo, contextualizado e criativo.

Nóvoa (1995) considera essencial alguns aspectos para além da formação puramente curricular. Para ele, a autonomia, a integridade e a responsabilidade são uns destes aspectos, dialogando com a reflexão tecida por Carreiro da Costa (1996), que entende ser viável e necessário que os/as professores/as sejam capazes de realizar e assumir tarefas, como os/as professores/as mais experientes, desde as primeiras intervenções. Evidenciando que a formação como um todo não deve ignorar a importante dimensão do formar-se professor/a, e sim privilegiar também o desenvolvimento pessoal, ressaltando que esta não se constrói somente por acumulação, situando a práxis como um espaço interativo de formação de saberes (NÓVOA, 1995).

Sobre a autonomia a entrevistada M diz que:

*Eu tenho um pouco de insegurança, porque faz muito tempo que eu não tenho essas práticas, mas eu pretendo com os nossos encontros perder um pouco.*

É indiscutível a presença da falta de autonomia, a insegurança e o medo apontado pela acadêmica acima. Mas para o/a professor/a ser autônomo é necessário que ele também esteja inserido em um contexto que o permita ser autônomo. Vejamos agora como se comporta a fala dos/as entrevistados/as após concluir a disciplina Atif.

Entrevistada D comenta como foi importante esse espaço no qual teve a oportunidade de desenvolver a autonomia que antes ela não tinha.

*Hoje eu me sinto mais segura de ir para escola, porque antes eu ficava pensando: “ai meu Deus como vou dar aula para as crianças?” Após atif já saio com uma segurança fora do normal, aqui eu tive oportunidade de ser professora[...].*

A autonomia denomina a capacidade do educando a buscar suas próprias respostas as suas perguntas, a partir das experiências construídas e vividas ao longo da vida. Na relação aluno/a e professor/a, o/a aluno/a passa a se tornar também sujeito ativo no processo de aprender e a ensinar devido à autonomia que seu professor/a transmite. Seguindo com a análise, percebemos que a Atif proporcionou a esses educandos em formação a se tornarem/serem sujeitos do seu próprio processo, ou seja, construtores/as de sua autonomia e produtores do seu próprio conhecimento em relação com o/a outro/a.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo as aprendizagens elaboradas nas experiências de formação articuladas pela tríade da universidade tem se demonstrado mais significativas em possibilitar uma práxis mais autônoma e reflexiva. Assim, potencializa aos/as discentes uma (re)estruturação e uma (re)significação da sua prática pedagógica e da sua didática nas aulas de Educação Física.

A autonomia que os/as entrevistados/as nos dizem ter desenvolvido, configura-se a partir das experiências e dos saberes desenvolvidos na disciplina com os/as discentes ao longo do processo. O lugar do planejar, vivenciar e criar foi instituído por meio da práxis. Esse exercício motivou esses futuros/as professores/as a se tornarem sujeitos ativos, reflexivos e autônomos ao pensar como o processo de ensino-aprendizagem se efetivava e como isso pode ser capaz de transformá-los em pessoas mais críticas, tanto em relação ao conhecimento como em relação a sua ação pedagógica.

Conforme apontam os entrevistados em geral, a disciplina se apresenta com um caráter de proporcionar aos/as acadêmicos/as uma experiência única e que traz uma ideia de complementariedade em relação às outras disciplinas no curso, onde o/a discente é capaz de articular as aprendizagens do curso com as aprendizagens experienciadas no processo em um futuro próximo. Percebemos também que os/as acadêmicos/as deixaram a disciplina demonstrando mais confiança em si mesmos/as, ainda que isso reverberasse a própria escolha do curso, e se reconhecendo como profissionais potentes no ideal de transformarem a realidade da Educação Física escolar por meio da percepção da importância da reformulação da prática pedagógica na área.

Compreendemos a importância de se criar mais disciplinas com esta perspectiva no sentido de preparar e motivar esses jovens a se enxergarem como professores/as autônomos e capazes de se tornarem práticos da sua própria teoria.

## REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. G. C.; PIMENTA, S. G.. Docência no ensino superior. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005. BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CARREIRO DA COSTA, F. et al. Formação de Professores em Educação Física. Concepções, Investigação, Prática. Edição Faculdade de Motricidade Humana. 1996.
- GAMBOA, S. S.. Epistemologia da educação física: as inter-relações necessárias. Maceió: EDUFAL, 2007.
- NÓVOA, A. (org.). Os professores e a sua formação. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. PIMENTA, S. G.. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta, S. G.. Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito. SP: Cortez, 2002. SACRISTÁN, J.G.; PÉREZ GÓMEZ, A.I. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: OLHAR DE UMA BOLSISTA DO PROJETO DE EXTENSÃO “CUIDADORES QUE DANÇAM” NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO.

Lisandra Rosa Damaceno

### RESUMO

Trata-se de um relato da experiência baseado no projeto de extensão “Cuidadores que dançam” desenvolvido em parceria pelos laboratórios Práxis e Laefa, ambos vinculados ao Cefd/Ufes. O projeto atende um grupo de pessoas (em sua maioria mulheres) responsáveis por alunos/as que possuem deficiência intelectual, participantes de outros projetos no Laefa. O objetivo deste relato foi perceber as potenciais aprendizagens que a bolsista do projeto desenvolveu no período que esteve à frente do projeto. Conclui que o projeto tem possibilitado o aprendizado dos conhecimentos da Dança, mas fundamentalmente, proporcionado uma formação mais autônoma e responsável.

### Palavras-Chave

*Projeto de extensão, processo ensino-aprendizagem, formação, dança e yoga.*

### INTRODUÇÃO

O projeto Cuidadores que Dançam foi criado em Março de 2011 vinculado à disciplina optativa Atividade Interativa de Formação (Atif), ofertada com o intuito de promover um espaço/tempo de conhecimento em Dança para os acadêmicos/as e para as pessoas (a maioria mulheres) responsáveis pelos jovens e adultos com deficiências intelectuais atendidos pelo Laboratório de Educação Física Adaptada<sup>1</sup> (Laefa/Cefd/Ufes).

Observou-se que essas pessoas no tempo que seus filhos eram atendidos no Laefa acabavam não realizando uma atividade específica e aguardavam pelas escadas e bancos dos corredores. Por outro lado, percebia-se o desejo de praticarem alguma atividade nesse momento em que não estavam cuidando de seus filhos/parentes.

1. No Programa permanente “Práticas corporais de esporte e lazer para pessoas com deficiência e seus familiares”.

O projeto foi criado considerando esse desejo e também levando em conta que a família é envolvida em todo tempo no trato da vida da pessoa com deficiência desde o momento em que sabe dessa deficiência, e que o papel de cada um da família acaba sendo remodelado (BUSCAGLIA, 1993) o que afeta em especial a mãe que é que fica normalmente com a responsabilidade desse cuidado (SILVA, BERNARDES, 2014). Conforme Buscaglia (1993) normalmente, nesse tipo de estrutura familiar, o pai fica responsável pela parte financeira e a mãe pelos cuidados da casa e filhos. Esse cuidado se estende ao acompanhamento integral das atividades que os filhos realizam (médico, fisioterapia e atendimentos em diversos locais) e, com isso, o tempo para si desses/as cuidadores/as fica exaurido, acabam por vezes deixando de lado a vaidade, atenção e cuidado de si em prol do outro.

Assim, o projeto busca o objetivo de proporcionar conhecimentos a respeito da linguagem da Dança (tanto no aspecto da linguagem corporal como o conhecimento da história e cultura da dança), mas também de promover momentos de autoconhecimento, reconhecimento do outro, melhora da autoestima, reconhecer a necessidade do cuidado de si, além de descobrirem-se como seres dançantes.

No segundo semestre de 2014 me inseri no projeto como voluntária, e aos poucos fui me interessando pela proposta que o projeto apresentava. Durante o semestre atuando como voluntária aprendi muito com os professores e acadêmicos que estavam se formando. No primeiro semestre de 2015 iniciei no projeto como bolsista e essa vivência me fez pesquisar mais sobre dança e sobre como tratar pedagogicamente seus conhecimentos. Também busquei compreender meu papel no projeto e como atuar em face às demandas apontadas pelo mesmo. Enfim, busquei aprender como ser professora.

Assim, esse relato de experiência tem como objetivo apresentar, a partir do olhar de bolsista, as aprendizagens que tive como bolsista e as mudanças percebidas sobre essas aprendizagens durante as experiências de formação no projeto.

## O PROJETO, SEUS PROCEDIMENTOS E ALGUMAS IMPRESSÕES COMO BOLSISTA

O projeto é realizado na universidade Federal do Espírito Santo e vem trabalhando com o conteúdo dança. No semestre de 2015/1 o projeto trouxe uma nova forma de dança e prática corporal: a dança circular e o *Yoga*. Sendo o projeto coordenado pela professora Erineusa Maria da Silva, eu como bolsista, três voluntários e a professora Laís Albuquerque Rodrigues.

Foram atendidos nesse período cerca de 20 cuidadoras<sup>2</sup> com idade que variava de 25 a 65 anos que participaram semanalmente das intervenções. Foram realizadas 12 intervenções, nas quintas-feiras no horário de 14h às 16h, quando eram ministradas as aulas de Dança circular e, em seguida, a de *Yoga*.

Os conteúdos trabalhados nesse semestre chamaram a atenção de todos do projeto, pois assim como a maioria, eu nunca havia praticado essas vivências corporais. No início houve um estranhamento com os conteúdos, por ser um tanto diferente dos conteúdos normalmente praticados tanto no curso de formação em Educação

2. O projeto também atende aos homens, ainda que esses sejam raros, pois normalmente é a mulher que assume a tarefa de cuidadora. Durante todos os anos de atendimento a comunidade o projeto atendeu apenas três homens.

Física quanto em ambientes educativos externos a Ufes. Porém, aos poucos fomos juntos construindo um conhecimento que se caso não tivéssemos disponíveis no projeto, provavelmente nunca conheceríamos. Então, foi um momento muito especial para as cuidadoras e também para minha formação.

O *Yoga* contribuiu muito para a compreensão da necessidade do silêncio para a construção da concentração, do esforço, do cuidado com o próprio corpo e do ouvir-se. Segundo Saraswati (2009) o termo *Yoga* significa ‘unidade’ e deriva da palavra sânscrita ‘*Yug*’ que significa ‘unir’. A unidade, ou união, em termos espirituais representa “[...] a união da consciência individual com a consciência cósmica. Em um nível mais prático, *Yoga* é um meio de equilibrar e harmonizar o corpo, a mente e as emoções” (p. 1).

Em uma das intervenções no momento da avaliação em roda uma das cuidadoras disse que o que tinha aprendido no *Yoga* tinha levado para casa para que conseguisse se concentrar e resolver suas dificuldades encontradas no dia a dia nas tarefas do cuidado com o indivíduo com deficiência intelectual. Pude perceber que isso também era um fato em minha vida.

A partir dessa experiência foi possível perceber que o projeto não tem sido em vão, que ele tem ajudado as pessoas (sejam cuidadoras, voluntárias ou bolsistas) a mudarem seus hábitos e tornando-as pessoas melhores, com mais disposição e cuidado consigo. É o que confirma Saraswati (2009) quando diz que o

*Yoga está longe de ser simplesmente exercícios físicos. Ele é uma ferramenta para se estabelecer um novo modo de vida que integra tanto a realidade interna quanto a externa. Porém este modo de vida não é apenas intelectual, é uma experiência que se tornará um conhecimento vivo através da prática e da experiência direta com o Yoga. (p. 6).*

Já as Danças circulares, têm sua origem na tradição de diferentes povos, e por isso, é uma prática que é capaz de promover o reencontro com diversas culturas. De acordo com Wosien (2000), o qual inspirou o movimento das Danças Circulares, “Ao dançar, o mundo é de novo circulado e passado de mão em mão” (p. 120). Nessa linha, a partir das minhas observações como bolsista pude perceber o quanto a dança estimulou o convívio social, o relacionamento interpessoal, o cuidado com o outro, e trouxe, em conjunto com o *Yoga*, a paz, a tranquilidade, diversão e a atenção.

Em algumas intervenções foram apresentadas pela Professora colaboradora Laís Albuquerque, informações sobre a dança circular e o *Yoga*, aumentando assim o campo de conhecimento das cuidadoras, dos voluntários e da bolsista.

Um das coisas que mais marcaram o semestre foi o aumento do número de participantes e da qualidade da participação. Isso se deveu bastante ao fato de as participantes terem adotado o exercício do silêncio nas aulas de Dança circular também como forma de manter a concentração. As cuidadoras alegaram ser um momento em que elas podiam parar, olhar para dentro de si e se ouvir. Puderam de verdade se ouvir e compreender que são seres que precisam parar um pouco, sair da rotina, reconhecer-se como uma pessoa que também necessita de cuidados e de bem-estar.

As atividades foram realizadas de forma socializadora e dialógicas, propiciando a troca de conhecimentos e experiências entre as cuidadoras, estudantes e professores/as. O projeto é centrado na participação de todos, prioriza-se a formação de conhecimento de forma progressiva. Acredita-se que o/a professor/a e o/a aluno/a são protagonistas do processo, o/a professor não apenas transmite, existe um diálogo entre ensino e aprendizagem, o que PIMENTA (2005) chama de “ensinagem”. Isso foi vivenciado de forma intensa pelas trocas de experiências possibilitadas nas reuniões, após os atendimentos, para reflexão sobre o ocorrido na aula e no projeto de forma mais geral.

Inicialmente quando entrei no projeto como voluntária percebi o quanto o trabalho realizado era significativo para as cuidadoras e me esforçava com meus colegas de curso para preparar uma aula de excelência para elas nas quintas-feiras. Porém, quando iniciei o ano de 2015/1 como bolsista pude ver o outro lado de como é difícil preparar uma aula, tendo que levar em consideração o aspecto que muitas delas chegam lá cansadas, sem força de vontade para realizar as atividades e que o nosso papel não é meramente passar um conteúdo e sim também incentivá-las a querer algo a mais na vida. Ajudá-las a se sentirem como pessoas que precisam estar bem para que o dia seguinte não seja um fardo muito pesado.

De acordo com Pacheco e Flores (1998, p.29 e p.30), A experiência é um saber que resulta da prática, ou seja, o conhecimento prático é conduzido para uma ação, decorrente da experiência pessoal e também da transferência de conhecimento dos professores. Nesse projeto tenho praticado de forma complementar os conhecimentos aprendidos em sala de aula e também tratados pelo projeto durante as intervenções e após as mesmas quando refletimos sobre o realizado. Isso tem ajudado na minha formação como futura professora, pois através desse trabalho desenvolvo autonomia, responsabilidade e conhecimento.

Talvez se não tivesse participado do projeto nunca experimentaria a prática do *Yoga* e dança circular. Nesse sentido, o projeto acrescentou conhecimentos a minha formação e, certamente, será um conhecimento importante em outros espaços, principalmente pela autonomia e segurança no ato de ministrar aulas que o mesmo me propiciou.

Acredito que a formação propiciada pelo projeto, articulada pela relação ensino-pesquisa e extensão, tem possibilitado uma formação acadêmica mais reflexiva e autônoma, pois a prática em projetos leva o/a bolsista a ter mais comprometimento com a própria formação, dando também a ele subsídios para exercer o papel do professor fora da universidade. Além de ser um espaço de desenvolvimento pessoal, através do contato com diferentes pessoas e culturas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer a reflexão para essa escrita de experiência, lançando mão de minhas memórias, percebi o quanto é importante criar possibilidades de oferecer aos/as acadêmicos/as recursos que os/as preparem para a prática docente, levando-os/as ao compromisso com a própria formação.

Acredito que esse projeto tem sido uma ferramenta importante para a vida desses cuidadores, na medida que por meio do envolvimento da bolsista, voluntários e

da professora com o projeto permitiu as mães e/ou responsáveis perceberem que existe uma equipe que pesquisa e desenvolve atividades com responsabilidade para promover o bem-estar deles, mostrando também a eles a importância do cuidado com o próprio corpo para que, então, com saúde, possam cuidar do outro.

Desta forma, penso que esse projeto de extensão consegue realizar o máximo objetivo da Universidade que é garantir a realização do tripé ensino, pesquisa e extensão. Tal objetivo é fundamental para uma formação mais autônoma dos/as seus profissionais.

## REFERÊNCIAS

- BUSCAGLIA, L. Os deficientes e seus pais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- SARASWATI, Swami S. Asana Pranayama Mudra Bandha. Satyananda Yoga Center, Brasil. Yoga Publications Trust, Murger, Bihar, Índia, 2008.
- WOSIEN, B. Dança: um caminho para a totalidade. São Paulo: TRIOM, 2000.
- PACHECO, J. A. e FLORES, M.A. Formação e avaliação de professores. Porto: Ed. do Porto, 1999. (Escola e Saberes).
- PIMENTA, S. G.. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta, S. G.. Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito. SP: Cortez, 2002.
- SILVA, Erineusa Maria da; Cuidadoras de pessoas com deficiências: uma análise à luz da categoria gênero. 2014. Disponível em: <[http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1404258159\\_ARQUIVO\\_artigoIIISem.Geps19.06doc.pdf](http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1404258159_ARQUIVO_artigoIIISem.Geps19.06doc.pdf)>. Acesso em 03 set. 2015.

# PROJETO IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLINHAS ESPORTIVAS – FUTSAL

Docente: Edson Castardeli

Discente: Eduardo Américo C. Casotti

## INTRODUÇÃO

A extensão universitária possibilita o contato entre a ciência e a comunidade. No Brasil, a extensão, o ensino e a pesquisa constituem os pilares da universidade. MENDONÇA e SILVA (2002) afirmam que poucos são os que tem acesso direto aos conhecimentos gerados na universidade pública e que a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos, assim como para o redimensionamento da função social da própria universidade, principalmente se for pública. Ressaltam que uma das principais funções sociais da Universidade é a de contribuir na busca de soluções para os graves problemas sociais da população, formulando políticas públicas participativas e emancipadoras.

Tendo em vista essa importância, a Universidade Federal do Espírito Santo conta hoje com diversos projetos de extensão voltados para a comunidade, em áreas de vários cursos. Um deles é o Projeto Implementação de Escolinhas Esportivas- Futsal que acontece no bairro próximo a universidade, em Maria Ortiz. O local escolhido está relacionado com um dos objetivos do projeto, por ser uma área de vulnerabilidade social, o projeto leva até a comunidade uma “faísca” de esperança para a formação de futuros cidadãos. Através do esporte, no caso o futsal, além do aprendizado da iniciação esportiva, são transmitidos valores que vão além das técnicas esportivas, que irão refletir no dia a dia, na escola, em casa e nas ruas das crianças envolvidas, que tem de 07 a 12 anos de idade. O principal objetivo deste projeto é levar até a comunidade o que é discutido dentro das salas de aula e laboratórios do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, que é trazer aos moradores mais um instrumento que os auxiliassem na sua formação como cidadãos do mundo. Além disso, com um olhar mais específico oferecer o

conhecimento necessário para que o indivíduo desenvolva atividades na comunidade, contribuindo para a formação de novos cidadãos conscientes aptos a decidir e atuar na realidade social e ambiental. Assim como a implantação de ações e atitudes no âmbito desportivo que promovam a inclusão social, levando a redução da exposição de crianças e adolescentes às situações de risco, desigualdade, discriminação e outros encaixos sociais, e estimular o desenvolvimento das potencialidades das famílias que fortaleçam a autoestima, enriqueça e complemente a sua formação. Dentro do campo do lazer, o projeto visa levar até a comunidade uma opção de ocupação para as crianças. Pois ao invés de estarem nas ruas ou em casa durante o tempo ocioso, terão a oportunidade de estar sendo inseridas em uma atividade lúdica.

## METODOLOGIA

O projeto funciona habitualmente duas vezes por semana e atende crianças de 07 a 12 anos de idade que moram aos arredores da região do bairro Maria Ortiz, em Vitória no ES. O método utilizado é baseado nos estudos científicos de autores que afirmam que a iniciação esportiva deve ser realizada de forma lúdica aonde a criança não seja cobrada por movimentos técnicos, e sim somente incentivada a realizar os movimentos motores básicos (correr, saltar...). A partir daí irão desenvolver habilidades suficientes para a prática do futsal. “Não devemos esquecer que a grande maioria das crianças que iniciam em uma escolinha de futsal não serão jogadoras de futsal, estão ali por vários motivos e, mesmo os que têm potencial para praticar futuramente o futsal competitivo, ainda são crianças e nada melhor para a criança do que brincar.” (MELO & MELO, 2006, p.31) São utilizadas como método atividades de cunho lúdico, como jogos e brincadeiras, envolvendo dentro deles os movimentos motores básicos, incluindo os movimentos utilizados no futsal, fazendo uma mesclagem do aprendizado.

A metodologia também se baseia em transmitir alguns valores do esporte, como destaca GALVÃO 2002: “o esporte como uma ação social institucionalizada, composta por regras, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre dois ou mais oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, por meio de comparação de desempenhos, determinar o vencedor ou registrar o recorde. Os resultados alcançados pelos praticantes são resultantes das habilidades ou estratégias utilizadas por esses, e podem ser intrínseca ou extrinsecamente gratificantes.” (p.179) É também aplicado o jogo do futsal nos treinamentos, explorando o comportamento perante o coletivo, incentivando o trabalho em equipe dos alunos ao mesmo tempo simulando uma partida de futsal.

Como forma de incentivar as crianças, frequentemente são marcados jogos em outras quadras nas proximidades, para realizar jogos amistosos com o clima festivo, sem nenhuma cobrança de rendimentos ou resultados, fazendo com que haja a interação com outras crianças da comunidade local. Isso acaba levando até os alunos, uma experiência de competição porém saudável. A presença dos pais nesses jogos é um fator importante no desenvolvimento do projeto, que além de incentivo para as crianças serve de afirmação para o trabalho que está sendo realizado.

## RESULTADOS

Através desse projeto de extensão é possível enxergar algumas mudanças na comunidade. Mas é claro que não se pode concluir nada em definitivo, até porque esse projeto é exigido em longo prazo. O objetivo é trabalhar com crianças para colher frutos no futuro, porém algumas análises já podem ser feitas com olhar cuidadoso. Um exemplo foram algumas observações que foram feitas no início do projeto em relação as atitudes dos alunos que chegaram lá. Atitudes de desrespeito com o próximo, agressividade com os companheiros, e outros maus comportamentos. Além disso no início era complicado administrar as aulas, em relação a comportamento. A maioria dos alunos demonstravam pouco interesse e desobediência quando se tratava de fazer atividades que não fosse “jogar bola”. Isso tudo foram observações feitas no início do projeto. Porém, com o passar de alguns meses, já é possível refletir sobre algumas mudanças simples, porém interessantes, principalmente em se tratando de comportamento. Até mesmo na linguagem dos alunos, já é possível perceber alteração desde o início do projeto. O respeito ao próximo também foi possível notar, e o trabalho em equipe proporcionado pelo esporte, fez crescer a união do grupo e o espírito de equipe.

É claro que em poucos meses não se pode concluir nada, mas com uma breve reflexão de quem convive no projeto, foi possível perceber sim, pequenas porém significativas mudanças, principalmente de comportamento perante o professor e os demais alunos, isso é visto como uma conquista, e que para um longo prazo, com certeza refletirá na formação humana desses alunos.

## CONCLUSÃO

Enfim, com base no projeto implementação de escolinhas esportivas-futsal podemos concluir que é uma das coisas positivas que a Universidade leva até a população. Além do ensino e da pesquisa, a extensão serve como ponte para que a ciência chegue até a comunidade como forma de beneficiá-la. E este projeto é uma prova disso. Assim como o governo através das políticas públicas leva até a população projetos de esportes e lazer, seja eles por simples obrigação ou real preocupação com o povo, a Universidade também mantém seu comprometimento para além dos muros, levando até o povo uma oportunidade, que por mais que faça uma pequena diferença, poderá sofrer boas consequências no futuro. Além de uma prática esportiva, esse projeto busca levar até os beneficiários uma opção de vida, não só como carreira profissional, mas principalmente, uma maneira de mostrar que existem coisas boas e desviar o olhar dos alunos das drogas, violências e demais coisas ruins que a rua pode oferecer. Com o apoio da família e da escola, sem dúvidas o projeto tem tudo para ser uma ótima ferramenta de ensino-aprendizado, levando uma conscientização da realidade através do esporte.

## REFERÊNCIAS

- MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.
- MENDES, J.; TAVARES, A.; « Risco, vulnerabilidade social e cidadania », Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 93 | 2011, colocado online no dia 01 Outubro 2012, criado a 15 Setembro 2015
- SANT'ANNA, F. M. Processo de ensino-aprendizagem na perspectiva humanística. (Tese de Livre Docência). Porto Alegre, URGs, 1976.
- MELO, Leonardo; MELO, Rogério. Ensinando Futsal. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
- SANTIN, S. Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade, Ijuí, Liv. Unijui ed., 1987
- MUTTI, Daniel. Futsal: da iniciação ao alto nível. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2003.
- GALVÃO, Zenaide. Educação física e esporte: a prática do bom professor. In: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 1 (1), p.65-72, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

# KARATÊ UNIVERSITÁRIO: ARTE MARCIAL FORMANDO CIDADÃOS (SIEX/UFES 401063)

Docente: Prof. Dr. Fabian Tadeu do Amaral

Discente: Walkíria Alexa dos Anjos Santos



Esse projeto de Extensão Universitária se propõe em ministrar aulas teóricas e práticas de Karatê-dô, estilo Shotokan, para comunidade acadêmica (Docentes, Discentes e Funcionários) da UFES, e comunidade externa à UFES, com o intuito de melhorar a qualidade de vida das pessoas por meio de uma atividade física direcionada, organizada e sistematizada.

O Projeto Karatê-dô Universitário é de fundamental importância para a comunidade acadêmica, pois por meio dos ensinamentos técnicos, condicionamento físico e dos princípios filosóficos dessa arte marcial, seus praticantes desenvolvem um elevado nível de autoestima, equilíbrio mental e físico, e ainda o aprimoramento da sua consciência como cidadãos de bem, honestos e íntegros, que possuem autocontrole para enfrentar as adversidades que a vida apresenta no seu cotidiano.

O Karatê-dô como arte marcial, não deixa de ser um esporte, porém, não está vinculado a competições e disputas, indo muito além dessas temáticas, servindo fundamentalmente como um instrumento de inclusão social.

O Karatê-dô é uma arte marcial japonesa originada a partir das técnicas de defesa sem armas, vindas de Okinawa (uma das ilhas do Japão), e tem como base a filosofia do “*Budô*” (“*Bu*” consiste em controle da violência, disciplina de vida, estabelecimento de normas e leis de conduta, conquista da segurança, contribuição pessoal para a pacificação da sociedade; e “*dô*” que significa caminho, método, doutrina).

Através de muito trabalho e dedicação o praticante de Karatê busca a formação do caráter e o aprimoramento da sua personalidade na integralização mente/corpo colaborando com a formação integral do ser humano.

O Karatê-dô não é apenas uma prática puramente esportiva, mas sim um conjunto de técnicas e conteúdos históricos os quais se tornam tradições pautadas na disciplina e perseverança, atrelada ao crescimento e maturidade do indivíduo de forma universal.

Muitos são os benefícios que podem ser obtidos com a prática correta do Karatê-dô tais como:

- Manutenção da saúde e fortalecimento do físico.
- Estímulo à coragem para enfrentar obstáculos.
- Respeito ao próximo e ao meio ambiente,
- Equilíbrio, boa postura e respiração correta, que são estimulados pelos rituais tradicionais.
- Incentivo ao aperfeiçoamento pessoal no sentido de tentar vencer os próprios limites (medo, desconfiança, preguiça, indecisão, etc).

Para o praticante de Karatê-dô é cobrado muito empenho e dedicação, exigindo o máximo do corpo e da mente, treinando com paciência e perseverança até fazer desses objetivos um hábito.

O Karatê-dô na educação e formação do ser humano é de grande importância, pois nos dias de hoje, valores morais como disciplina, respeito e companheirismo são muitas vezes deixados de lado. Mesmo quando se fala de educação em nível universitário, a prioridade ocorre na qualificação cognitiva e intelectual do indivíduo, sem nenhuma ênfase aos fundamentos da educação moral e da construção da “felicidade” humana em seu contexto disciplinar e social.

A prática do Karatê-dô sob a orientação de instrutores e mestres qualificados traz benefícios inestimáveis para crianças, jovens e adultos de todas as idades, pois, se bem orientados e motivados, será um grande passo para evitar o aparecimento de comportamentos nocivos à sociedade e ao bem comum, como o uso de drogas, violência, intolerância e preconceitos das mais diversas ordens.

Nesse sentido, podemos dizer que a prática correta do Karatê-dô auxilia extraordinariamente na educação, formação e desenvolvimento de seus praticantes. Eles aprendem a respeitar, prestarem mais atenção e a melhor se relacionarem com os outros.

O karatê-dô é uma arte marcial do oriente, suas técnicas foram desenvolvidas e aperfeiçoadas através de longos anos de estudo e de prática, mas para se fazer o uso eficiente é preciso conhecer e entender o aspecto espiritual dessa arte de defesa pessoal e dar importância a ele.

Gishin Funakoshi, criador do estilo Shotokan de Karatê-dô, observou diversas vezes que o propósito máximo da prática dessa arte é o cultivo de um espírito sublime e de humildade. E, ao mesmo tempo, desenvolver uma força capaz de destruir um animal selvagem enfurecido com um único golpe. Assim, só é possível se tornar um verdadeiro praticante de Karatê-dô quando se atinge a perfeição nos dois aspectos, o físico e o espiritual. (1977, NAKAYAMA, p. 9).

É muito debatida durante as aulas e treinamentos do Karatê a postura pessoal do seu praticante e sua responsabilidade no processo de formação do ser humano inserindo os lemas do karatê no seu dia-a-dia.

## Lemas do Karatê: Dojo Kun

- Esforçar-se para a formação do caráter;
- Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão;

- Criar o intuito de esforço,
- Respeito acima de tudo;
- Conter o espírito de agressão.

A disciplina é uma forma de educar o praticante por meio de ações voltadas sempre ao bem comum, tais como está descrito no Nijyu Kun abaixo:

#### Nijyu Kun

- Não se esqueça de que o Karatê deve iniciar com saudação e terminar com saudação.
- No Karatê não existe atitude ofensiva.
- O Karatê é um assistente da justiça.
- Conheça a si próprio antes de julgar os outros.
- O espírito é mais importante do que a técnica.
- Evitar o descontrole do equilíbrio mental.
- Os infortúnios são causados pela negligência.
- O Karatê não se limita apenas à academia.
- O aprendizado do Karatê deve ser perseguido durante toda a vida.
- O Karatê dará frutos quando associado à vida cotidiana.
- O Karatê é como água quente. Se não receber calor constantemente torna-se água fria.
- Não pense em vencer, pense em não ser vencido.
- Mude de atitude conforme o adversário.
- A luta depende do manejo dos pontos fracos (KYO) e fortes (JITSU).
- Imagine que os membros de seus adversários são como espadas.
- Para cada homem que sai do seu portão, existem milhões de adversários.
- No início seus movimentos são artificiais, mas com a evolução tornam-se naturais.
- A prática de fundamentos deve ser correta, porém na aplicação torna-se diferente.
- Não se esqueça de aplicar corretamente: (1) alta e baixa intensidade de força; (2) expansão e contração corporal; (3) técnicas lentas e rápidas.
- Estudar, praticar e aperfeiçoar-se sempre.

Proporcionar qualidade de vida (aqui entendido como direito ao lazer e a saúde e esporte) para comunidade acadêmica da UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO e para população do entorno da Instituição por meio da prática do Karatê-dô – estilo Shotokan é o objetivo geral desse projeto.

- Dentre os objetivos desse projeto destacam-se os seguintes:
- Desenvolver Atividade coletiva e trabalho em equipe;
- Criar uma equipe Universitária de Karatê-dô;
- Desenvolver por meio de atividades desportivas de lutas o autocontrole, a concentração, o equilíbrio psicomotor e condicionamento físico, o gosto pela atividade física, o espírito de liderança, a autoconfiança e a solidariedade;
- Diminuir a agressividade;
- Estimular o interesse dos docentes, técnico-administrativos e alunos pela Universidade e pelo convívio familiar.

As aulas e treinamentos de Karatê são ministrados no Dojô do Centro de Educação Física e Desportos – CEFD, respeitando-se sempre as condições físicas e as respectivas faixas etárias de cada praticante.

As aulas tem duração de uma hora e meia cada no horário vespertino das 16hs às 19hs, todas as segundas, quartas e sextas-feiras, sendo divididas em uma primeira parte como aquecimento e condicionamento físico geral e em sua segunda parte para o desenvolvimento de técnicas específicas da modalidade, tais como a prática dos “Kihons”, “Kata”, e “Kumitê”. Além das atividades básicas dessa arte, serão também praticadas aulas de defesa pessoal, sempre mantendo a segurança e integridade física dos seus praticantes.

Por se tratar de um projeto de Karatê-dô Universitário, também são ministradas aulas teóricas sobre a filosofia da arte marcial e dos fundamentos do Karatê.

Atualmente esse projeto conta com a participação de 35 alunos de graduação e de pós-graduação de diversos cursos da Universidade, os quais participam ativamente de todos os treinamentos desenvolvendo suas habilidades de forma bastante importante.

Ao longo de sua evolução, os alunos integrantes desse projeto já participaram voluntariamente de duas etapas do campeonato estadual de Karatê, mesmo não sendo esse o tema principal dessa ação de extensão, mas existe a vontade de superar cada dia mais por parte desses alunos, e essa vontade os leva a querer interagir com outros praticantes de karatê em outras regiões do estado.

Algumas atividades extra-aula (treino) de karatê também são desenvolvidas, tais como torneio interno (UFES Butoku-kai e Butoku-kai/ES) envolvendo alunos de karatê filiados à Associação Butoku-kai de Karatê do Espírito Santo, na qual o projeto Karatê Universitário está registrado como parte dessa entidade, envolvendo os alunos de Vitória e Vila Velha, e da mesma forma filiados à Federação Espiritosantense de Karatê – FEK.

Além das aulas ministradas pelo coordenador do projeto, ainda são ministrados cursos e treinamentos específicos de Kihon, Kata e Kumitê por Professores (Sensei) convidados de outros estados e municípios, e com a participação ativa dos alunos desse projeto, tendo a oportunidade de trocar experiências com outros praticantes e conhecer os fundamentos, história e a filosofia do karatê de uma forma mais ampliada.

Esse projeto vem desenvolvendo, juntamente com a FEK, treinamentos para os atletas da seleção capixaba de karatê que irá representar o Estado do Espírito Santo no campeonato brasileiro de karatê, mantendo estreitos os laços entre a entidade que representa o karatê no Estado, a Confederação Brasileira de Karatê e a Universidade Federal do Espírito Santo, demonstrando assim a seriedade das ações direcionadas ao crescimento do karatê estadual.

# ESCOLINHA DE INICIAÇÃO À GINÁSTICA DO LABORATÓRIO DE GINÁSTICA – LABGIN

Coordenadora: Paula Cristina da Costa Silva

Bolsista: Ana Paula Dias

Voluntários: Letícia Nascimento Santos Neves, Anna Stella Silva de Souza, Weibert Fernando da Silva, Rafael Isayama, Yan Tavares Galdino

## INTRODUÇÃO

O Projeto Laboratório de Ginástica (Labgin) foi implantado, via extensão, no ano de 2010, a partir de uma demanda espontânea dos alunos de graduação do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD/UFES) os quais tinham o desejo de praticarem as diferentes modalidades de Ginástica e aprimorar sua formação profissional para atuar em distintos espaços sociais.

Em março de 2010 iniciamos duas ações nesse sentido: a Escolinha de iniciação à Ginástica e o Grupo de Ginástica Geral LABGIN. Esse projeto original que comportava dois tipos de intervenção foi subdividido em julho de 2011, com a separação entre o projeto da Escolinha de Iniciação da Ginástica do LABGIN e do Grupo Ginástico LABGIN.

Embora separados ambos os projetos têm como objetivos oferecer, para além das aulas curriculares obrigatórias e optativas, vivências de ensino-aprendizado da Ginástica nos cursos de formação inicial em Educação Física. Concomitantemente, primamos atender a comunidade por meio de aulas gratuitas de iniciação à Ginástica em suas distintas manifestações. Além disso, desde a sua fundação, os projetos objetivaram ir além das atividades vinculadas ao ensino e a extensão ao articular e fomentar pesquisas no âmbito da Ginástica. Essas ações permitiram a troca de saberes com a comunidade democratizando o conhecimento adquirido e conscientizando a população dos benefícios da atividade física.

A Ginástica Geral ou Ginástica para Todos que é a principal modalidade esportiva trabalhada com as crianças e jovens e pode ser compreendida:

*Ao contrário das demais manifestações ginásticas competitivas, regradas e claramente delimitadas por seus códigos, na GG a liberdade é uma característica marcante, que a permeia, em diferentes aspectos: no uso ou*

*nao de aparelhos, na faixa etária e no número de praticantes, nas vestimentas utilizadas, no estilo musical, etc. No entanto, tamanha 'liberdade' acaba dificultando o estabelecimento de uma definição para a mesma, ou seja, sua própria conceituação é difícil de ser estabelecida e, principalmente, padronizada, dada esta ampla gama de possibilidades que oferece e porque esta liberdade em suas características é refletida também na liberdade que os autores têm de interpretá-la e conceituá-la (TOLEDO, TSUKAMOTO; GOUVEIA, 2009, p. 26).*

Ela pode ser caracterizada como:

*[...] uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc), integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes (GALLARDO; SOUZA, 1994, p. 292, apud TOLEDO; SCHIAVON, 2008, p. 221).*

No caso do Projeto Escolinha de Iniciação à Ginástica adotamos a Ginástica Geral como modalidade chave e temos como objetivo o de inserir a cultura da Ginástica no universo infantil sem a perspectiva de formação de atletas de alto rendimento, mas direcionada para a formação e capacitação humana para que esses indivíduos sejam agentes sociais. Nesse projeto são trabalhados os fundamentos das Ginásticas visando dar uma formação de base às crianças desenvolvendo os aspectos motores e cognitivos e a abordagem desses aspectos é realizada de forma lúdica englobando atividades gímnicas e rítmicas.

## METODOLOGIA

O projeto funciona com duas turmas, uma com a faixa etária de 04 a 06 anos no horário de 14h. as 15h. e outra de crianças de 07 a 12 anos, das 14h. às 16h., atendendo um total de 50 alunos. As aulas ocorrem em espaços distintos do CEFD/UFES: sala de ginástica, quadras externas e sala de dança, eventualmente, realizamos aulas ao ar livre e na época de verão também ministramos atividades na piscina do CEFD/UFES.

Os conteúdos abordados no decorrer do semestre englobam a Ginástica Artística (GA), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica Acrobática (GAcro) e a Ginástica de Trampolins (GT). Ao final do semestre as crianças apresentam uma composição coreográfica de Ginástica Geral, pois podem demonstrar de forma sintética tudo o que aprenderam. De acordo com Ayoub (2003, p. 94-95)

*[...] a demonstração das composições coreográficas [...] pode constituir-se num importante momento avaliativo em que os alunos sintetizam e organizam as suas experiências e reflexões acerca da GG, de forma criativa e com liberdade de expressão, apresentando-as para apreciação de seus pares e do professor [...]*

As aulas são planejadas e avaliadas pela professora responsável pelo projeto em conjunto com os bolsistas (PIBEXT e voluntários), com os alunos do curso de Licenciatura matriculados na Disciplina “ATIF - Educação Física e Cultura Escolar I e II – O processo de ensino-aprendizado nas aulas de educação física escolar com ênfase na ginástica”, e com os alunos do curso de Bacharelado matriculados na Disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Física e Lazer”, esses encontros pedagógicos ocorrem no primeiro dia de aula de cada mês para o planejamento mensal das atividades. Nesses momentos são discutidas as ações realizadas, planejadas novas aulas e estudados textos, livros, artigos e manuais de ginástica com vistas ao aprimoramento da formação dos alunos. Além desse momento mensal, a avaliação de cada aula ocorre imediatamente após seu encerramento ocorrendo uma roda de conversa entre os alunos, bolsistas e voluntários PIBEXT e professora responsável pelo projeto.

A regência das aulas na escolinha de iniciação à ginástica é realizada pelos bolsistas, voluntários e alunos das disciplinas mencionadas sob supervisão da professora responsável pelo projeto e também pelas disciplinas. Durante os anos de 2014 e 2015 tivemos o envolvimento de 23 estudantes e 5 voluntários, além de uma bolsista PIBEXT.

A avaliação da bolsista, voluntários e alunos se dá de forma processual “[...] serve para verificar se o trabalho do professor está sendo produtivo e se os alunos estão de fato aprendendo com as situações didáticas propostas” (WEISZ, 2000, p. 94). Ademais, permite que o professor avalie o progresso dos discentes na práxis. Optamos por essa abordagem, pois sabemos que é necessário superar a visão de avaliação classificatória com função de notificar, classificar, selecionar, excluir e punir (SILVA, 2004). Na concepção desse projeto a avaliação é compreendida como instrumento de aprendizagem e o método selecionado propicia isso.

O processo avaliativo contempla todas as etapas desde a busca de novos conhecimentos, o planejamento das atividades, a implementação das aulas e, por conseguinte, a reflexão do que foi efetivado no contato direto com a comunidade. Cabe citar que o aluno se torna parceiro nesse processo avaliativo.

Já as crianças são avaliadas pelos discentes responsáveis pela regência das aulas e elas também fazem uma auto avaliação ao final de cada aula. Esse processo promove uma interação entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizado e faz com que se responsabilizem pelos êxitos e lacunas que ocorrem no processo de ensino.

## RESULTADOS

Ao aliar as ações extensionistas com a formação inicial e a pesquisa, o Projeto Escolinha de Iniciação à Ginástica Labgin vem acolhendo, a cada semestre, os estudantes em formação inicial dos dois cursos presenciais em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) do CEFD/UFES com vistas à sua vivência profissional e aprimoramento no campo das atividades gímnicas.

No decorrer dos anos de vigência do projeto já tivemos em torno de 15 bolsistas PIBEXT e monitores voluntários. Devemos ressaltar que a rotatividade de bolsistas e monitores voluntários nos projetos é desencadeada por diferentes razões, como: a

conclusão do curso de graduação, obtenção de outra bolsa, participação em outra atividade remunerada, entre outras.

Em termos de alunos envolvidos no projeto tivemos de 2010 até o primeiro semestre de 2015 a participação de 8 turmas da disciplina “Atividades Interativas de Formação I e II (ATIF) - Eixo Educação Física e Linguagens”, com ênfase nos “Processos de ensino-aprendizado da Ginástica”. E, durante os anos de 2012-2015, 4 turmas de “Estágio Supervisionado em Educação Física e Lazer” atuaram no planejamento, acompanhamento e avaliação das aulas ministradas à comunidade junto com a equipe de bolsistas, voluntários e coordenadora do projeto/professora das disciplinas.

Ao longo destes anos atendemos em torno de 400 crianças e tivemos a produção de 12 trabalhos acadêmicos sobre o projeto que incluem resumos e comunicações orais apresentadas em congressos, trabalhos de conclusão de curso e capítulos de livros.

Com esses resultados positivos seguimos animados em difundir a Ginástica na Universidade com vistas a formar professores de Educação Física aptos a ensinar esse conteúdo em diferentes espaços sociais e a estimular um número cada vez maior de crianças a praticarem Ginástica no decorrer de toda a sua vida.

## REFERÊNCIAS

- AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Unicamp, 2003.
- SILVA, J. F. *Avaliação na perspectiva formativa-reguladora: pressupostos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; GOUVEIA, Carlos Ramos. *Fundamentos da ginástica geral*. In: NUNOMURA, Miriam; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. *Fundamentos das ginásticas*. Jundiaí: Fontoura, 2009. p. 23-49.
- TOLEDO, Eliana; SCHIAVON, Laurita. *Ginástica Geral: diversidade e identidade*. In: PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.) *Ginástica geral: experiência e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. p. 218-238.
- WEISZ, T. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

## LABORATÓRIO INSTRUMENTAL DE DANÇA (LIDA)

Coordenadora: Rosely Maria da Silva  
Pires e Karen Calegari

Bolsista: Douglas Josephe da Silva,  
Josiele Soares Ribeiro, Leonardo Luíz  
da Silva Araujo, Lucas Yuri Silva Reis

Este projeto busca: Contribuir na formação dos alunos do Curso de Educação Física proporcionando a vivência com o ensino da dança; Atender as diretrizes curriculares proporcionando ao aluno a realização de atividades complementares oferecendo oficinas de danças para os acadêmicos de EF; Fortalecer uma parceria entre o Centro de Educação Física da UFES e Instituições que desenvolvem atividades com dança.

O laboratório instrumental em dança fica localizado na sala de dança do Centro de Educação Física da UFES, nele oferecemos curso de danças a cada semestre. O Laboratório começou a funcionar em 2012/2 com a aprovação do Projeto de Extensão FOR-DAN. Desde então temos formado alunos que estão matriculados regularmente no curso de Educação Física da UFES e que desejam trabalhar com o conteúdo dança. Os cursos oferecidos foram em 2014/2, 2015/1. Cada turma tem em média 35 alunos. O material utilizado no curso é fornecido pelo próprio CEFD e preparado pelos bolsistas com a orientação dos professores que atuam que coordenam o projeto.

O projeto possui hoje um bolsista e vários alunos voluntários. São oferecidas várias modalidades de dança no Curso de Formação: Hip hop, Afro, contemporâneo e dança de salão. Como metodologia o projeto trabalha com a perspectiva reflexiva de Educação Física em que os bolsistas estudam propostas interativas e reflexivas de ensino com base na disciplina Fundamentos da Dança, oferecida pelo curso e articulada com o projeto e a partir de um diagnóstico com os alunos que se inscreveram no curso de formação em dança eles fazem o planejamento, o cronograma com a seqüência de aula, mas a medida que as aulas vão acontecendo eles vão modificando para atender as necessidades dos alunos. Embora os bolsistas busquem fortalecer o ensino técnico das danças, pois estão formando futuros professores, o curso também oportuniza discussões sobre a formação e ensino da dança com profissionais convidados para esse fim.

A relação teoria e prática têm sido problematizadas, principalmente, revendo metodologias de ensino-aprendizagem e concepções de formação humana necessária a realização das mesmas.

Temos utilizado autores como Bosi (1992), Pires (2007) e Bourcier (1987) e Nanni (2003) compreendendo a importância da técnica, mas ampliando as possibilidades da dança ao re-significar os movimentos da dança como um diálogo entre o homem e o mundo. Esse curso de formação em dança oferecido aos alunos tem sido fundamental para repensar o ensino da dança na disciplina Fundamentos da dança e também em outros momentos do curso. Os monitores que atuam no projeto possuem saberes que se complementam em relação à dança. Alguns têm experiência com vários estilos de dança, por isso o projeto estimula essa troca de experiência, já que no laboratório instrumental eles passam por uma formação ao ensinar para os outros os saberes instrumentais que possuem. São alunos que já tiveram experiência com a dança em outros espaços de dança. O projeto selecionou esses alunos para principalmente complementar a formação desses com a dimensão pedagógica e social, já que serão professores de dança e não apenas dançarinos e bailarinos. Para tanto acompanhamos o desenvolvimento acadêmico dos alunos, pois estamos sempre nos reunindo, revendo saberes e valores necessários ao projeto, o que favorece essa relação entre teoria e prática e isso acontece no grupo de estudo uma vez por semana. Os monitores voluntários e o bolsista estão construindo estudos (monografias, artigos e projetos de mestrado) com base nas experiências realizadas no projeto e nas discussões do grupo de estudos.

Afirmamos a contribuição do projeto em várias instancias: contribuiu na formação de cada um de nós bolsistas que ao planejarmos as oficinas, estudarmos temas relacionados a dança, escrevermos artigos, darmos aulas nas oficinas, ampliamos nossas possibilidades de aprendizado e formação acadêmica. Contribuiu também na nossa formação ao realizarem os cursos de dança promovidos pelo projeto, além de fornecer certificação como atividade complementar. Contribui ainda com as discussões em sala de aula ampliando saberes sobre a formação e a interação com a dança realizada na comunidade.

O projeto contribuiu ainda com a formação de pessoas da comunidade que trabalham com dança ao participarem dos seminários e eventos de dança promovidos pelo projeto. Contribuiu com produção acadêmica sobre a cultura da dança a partir das participações dos bolsistas e professores nos eventos de diversas áreas.

O caráter interdisciplinar e de abrangência social tem sido bastante contemplados pelo projeto, pois embora este tenha característica de oficinas de dança, os alunos passam a fazer parte dos debates e também do grupo de dança que tem como foco a dança a partir de uma problematização da realidade.

Ao nos apresentarmos nos espetáculos de dança construídos no grupo de dança, promovido pelo projeto de extensão, divulgamos o nome do CEFD e da Proex/UFES. Este ano organizamos um espetáculo de dança que teve como temática: “O homem criativo “intervendo” na violência, com base nos estudos de Picasso e também da discussão de educação e direitos humanos sobre a complexidade da violência”. Esta apresentação é base das nossas discussões nos eventos que participamos, pois apresentamos dança e fazemos as discussões dos temas.

Os fatores negativos estão ligados às despesas com figurinos, transportes e também porque muitos alunos ainda são voluntários. Os fatores positivos é a visibilidade que a dança passa ao ganhar no Centro de Educação Física da UFES, como uma cultura necessária e possível de ser incorporada a qualquer atividade profissional exercida por nossos alunos, seja no âmbito escolar e não escolar.

Temos publicado alguns artigos para apresentar as pesquisas e intervenções do projeto. Tivemos: Oito trabalhos publicados no Congresso Estadual de Educação Física realizado aqui na UFES em Setembro de 2014; Um espetáculo de dança: O homem Criativo Intervindo na Violência, apresentado no Teatro da UFES, no Teatro do Ifes de Piuma e outros eventos de Vitória; Um trabalho aprovado no I Colóquio Internacional de Mobilidade Humana e Circularidade das ideias; Um trabalho aprovado no VI Seminário Internacional de Políticas Culturais da Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro; Um trabalho no XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE e o VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE).

## REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter et al. Pesquisa em ação: educação física na escola. Ijuí:Unijuí, 2003
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345
- BOURCIER, Paul. História da Dança no Ocidente. In: Opus 86. Marina Appenzeller (Trad.). São Paulo: Martins. Fontes, 1987
- NANNI, D. Dança educação, princípios métodos e técnicas. 2.ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998. p.8
- PIRES, R; Et.al. PROSADANÇA: O Encontro entre pessoas que dançam para Dançar e Prosear. In: Anais do V Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte – CIPE e II Congresso Internacional de Educação Física e Esporte Olímpico. UEM. Maringá – Santa Catarina. 2014.
- PIRES, R; GONÇALVES, G; ARAUJO, L. Formação em dança: a experiência do laboratório instrumental em dança. In: Anais do 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belem - Pará, 2014. PIREs, R; GONÇALVES, G; ARAUJO, L. Formação instrumental em dança. In: Anais do 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belem - Pará, 2014.
- PIRES, R. M. S. Dança; poética Popular In: X Congresso Espírito-Santense de Educação Física: Megaeventos esportivos no Brasil: Implicações para a prática pedagógica em Educação Física., 2010, Vitória ES.
- PIRES, R. M. S. Dançando para um mundo melhor: uma pesquisa-ação In: VI Jornada Científica. FAESA, 2007, Vitória-ES.
- PIRES, R. M. S. Narrativas de Professores: Um caminho Para Reinventar a Educação Básica. Guarapari ES : Psiquê, 2010, v.600. p.134.
- PIRES, R. M. S. Projeto de extensão Dança e Educação In: VI Jornada Científica FAESA, 2007, Vitória-ES.
- PIRES, R. M. S., PAIVA, F., CAPARROZ, F., DELLAFONTE, S. S., BRACHT, V. Pesquisa em ação: educação física na escola. Unijuí : Ijuí, 2002
- PIRES, R. M. S. A Pesquisa-intervenção: Narrativa do Projeto Escola Sonhos do Futuro In: Saúde, educação e cidadania: múltiplos olhares. 1 ed. Vila Velha-ES : Psique, 2009, v.II, p. 123-130.

# MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE NO ESPÍRITO SANTO: ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS ARQUIVOS DO CEFD/UFES

## INTRODUÇÃO

Da região Sudeste, o Espírito Santo é o Estado que possui o menor desenvolvimento em relação a pesquisas sobre a História e a Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer. Desse modo, os estudos produzidos em regiões vizinhas, com grupos de pesquisa mais consolidados, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, tornaram-se referências para se compreender o desenvolvimento desses temas. As experiências que ocorreram em outras regiões, apesar de interessantes, não são explicativas para o vasto território nacional. Cada localidade possui seu próprio ritmo de desenvolvimento da Educação Física, do Esporte e do Lazer, pois dizem respeito às condições de produção da escolarização e dos interesses sobre o efeito civilizatório do Esporte e do lazer nas sociedades modernas.

No levantamento de estudos sobre a História e a Memória da Educação Física e do Esporte no Estado Espírito Santo, é possível perceber que poucas investigações foram realizadas tendo como foco essa área do conhecimento. Em relação aos anos anteriores à década de 1930 não foi localizado nenhum trabalho e apenas dez foram encontrados relacionados ao momento posterior à criação da escola de Educação Física do Espírito Santo, no ano de 1931.

Simões e Franco (2004), ao tecerem algumas reflexões sobre a produção, socialização e investigações sobre a História da Educação no Espírito Santo, relatam que, no caso dessa região, dois desafios se apresentam aos pesquisadores preocupados com a escrita da História da Educação local, quais sejam: “[...] a) a escassez da produção historiográfica dirigida ao Estado [...] e à realidade educacional em particular; b) a precariedade e a dispersão de fontes”. Essa reflexão também faz sentido quando pensamos na História e na Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, pois poucos investigadores se preocuparam em compreender como aconteceu no Espírito Santo a inclusão da Educação Física na escola como disciplina, sua escolarização frente à *forma escolar* e sua incorporação à cultura escolar.

Docente: Omar Schneider

Discente: Michel Ferreira Muniz

Essa situação, como foi diagnosticada por Simões e Franco (2004), é fruto do baixo investimento na organização dos acervos de documentos, da baixa visibilidade dos arquivos institucionais e da dispersão dos arquivos. Esses fatos tender a se tornar empecilhos aos jovens pesquisadores que demandam em seus estudos monográficos cumprir os prazos das agências de fomento e dos programas de pós-graduação.

Estudos que tratam da História da Educação Física brasileira reconhecem a importância do curso de Educação Física da UFES, criado em 26 de junho de 1931, federalizado em 1940, passando a ser reconhecido como curso superior de Educação Física 21 anos mais tarde, em 30 de janeiro de 1961. Ele é reconhecidamente o primeiro curso civil de formação de professores de Educação Física criado no Brasil. Funcionando ininterruptamente desde a sua criação, ele completou 84 anos de existência e vem se destacando nacionalmente como Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) pela excelência da formação inicial (licenciatura e bacharelado em Educação Física), pela pós-graduação (Mestrado e Doutorado em Educação Física) e pelas investigações realizadas pelos grupos de pesquisa que na instituição estão sediados.

Durante os seus primeiros trinta anos de existência o curso de Educação Física do Espírito Santo gerou uma grande quantidade de documentos que hoje estão guardados no Arquivo Permanente do CEFD/UFES. Esse arquivo é composto por um conjunto de documentos, como programas de ensino das disciplinas, atas das reuniões do departamento, movimentação de professores no interior do curso, matrículas e dossiês de ex-alunos, avaliações de disciplinas, livros de ponto de professores e funcionários etc.

Essa documentação ainda não foi tratada, organizada e analisada. Seu uso tem sido muito pontual, principalmente para localizar documentos administrativos e substituir diplomas perdidos em momentos de urgência. Essa não pode ser a única função de um arquivo histórico, ele deve proporcionar as condições para a compreensão de uma realidade.

Como arquivo que guarda a história e a Memória administrativa do curso de Educação Física do Espírito Santo ele pode revelar os caminhos percorridos para a constituição e a viabilização da Educação Física no Estado. Essa viabilização pode ter sido realizada de diversas formas, com a introdução do Método Francês, como modelo de formação para os professores, que já trazia em sua proposta os jogos esportivos como conteúdo e práticas de lazer com a relação que estabelece com a cultura popular. Com a criação das olimpíadas escolares como vitrine das práticas escolares que ocorriam nas instituições de ensino. Por meio da proposta do curso de Educação Física de introduzir os professores em uma nova *cultura escolar* para a Educação Física, reformando os primeiros alunos do curso que já possuíam o título de normalistas, com uma cultura de ensino da ginástica no seu modelo sueco.

A proposta de tratamento, organização e análise do Arquivo Permanente do CEFD pode abrir várias possibilidades para se entender a História e a Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer no Espírito Santo. Proporcionando o resgate e preservação por meio de pesquisas e socialização por meio de exposições sobre o impacto da sistematização da Educação Física como disciplina escolar, como práticas competitivas e de lazer popular.

## OBJETIVOS

O estudo busca propiciar a organização da História e da Memória da Educação Física, do Esporte e Lazer Capixaba, no período compreendido entre os anos de 1931 e 1961, objetivando criar as condições para o acesso e o desenvolvimento de pesquisas que permitam à comunidade de professores, alunos e interessados nas temáticas da memória da Educação Física, dos Esportes e do Lazer desenvolverem os seus estudos.

Busca se organizar o conjunto de registros depositados sob a guarda do CEFD, Arquivo Permanente, e dar-lhe sentido, para que deixe a condição de “Arquivo Morto”, que raramente é utilizado para que se torne um arquivo ativo de uso corrente para a escrita da História e Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer no Espírito Santo.

Em função desse objetivo, ao final do projeto, espera-se ter criado as condições para a inauguração do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte Capixaba (Cemefe). Dessa forma, o Espírito Santo terá assim como outros Estados do Sudeste o seu Cemef, o que propiciará o desenvolvimento de outras pesquisas, explorando as questões abertas nos estudos desenvolvidos. Essa é uma condição necessária para que o fluxo de trabalhos, sobre a temática da História e da Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer Capixaba, sejam constantes, superando a condição com que estamos lidando na atualidade, da dispersão dos arquivos e dos documentos.

## METODOLOGIA

O Projeto de Extensão *Centro de Memória da Educação Física e do Esporte Capixaba* (Cemefe) é uma ação conjunta que envolve professores, estudantes de pós-graduação, estudantes da graduação e a comunidade de ex-alunos do Centro de Educação Física e Desportos e Departamento de Arquivologia da UFES. Ele se constitui em um campo de suma importância para a formação acadêmica, permitindo que o Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos seja revitalizado e os alunos do Departamento de Arquivologia possam desenvolver disciplinas práticas para a realização das atividades de gestão documental, preservação de suportes de informação, pesquisas e questões teóricas sobre bancos de dados.

O conceito de extensão universitária definida pela Resolução 54/97 CEPE-UFES relata que “A Extensão, atividade acadêmica identificada com os fins da Universidade, é o processo educativo, cultural e científico, articulado com o Ensino e a Pesquisa, de forma indissociável, ampliando a relação entre a universidade e a sociedade”.

Este processo educativo articulado entre estes departamentos é possível através das atividades de extensão que associada ao ensino e a pesquisa garante o estímulo e o apoio ao desenvolvimento de programas e projetos extensionistas como processo de construção coletiva do qual participam diferentes atores: institucionais, comunidade interna e externa da Universidade, para avançar no processo de formação e produção do conhecimento nos cursos de graduação. Propicia “[...] uma relação dialógica entre professores e alunos [...] vinculada à concepção de educação humanizadora que permite a tomada de consciência crítica da realidade [...]” (PAS-CHOALINO; 2009, p. 17)

A proposta didático-pedagógica do projeto foi planejada como um meio para materializar a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pois acreditamos que deve haver conexões entre essas três dimensões.

Como projeto de ensino ele vem recebendo os alunos do curso de Arquivologia da UFES, matriculados na disciplina de “Práticas em Arquivos”, matéria obrigatória na formação do arquivista.

Como meio para o desenvolvimento de pesquisas o projeto possibilita a realização de pesquisas sobre a História da Educação Física, dos Esportes e do Lazer no Espírito Santo, auxiliando os alunos do curso de Educação Física da UFES, tanto da formação inicial, quanto da pós-graduação, na obtenção de documentos para o desenvolvimento de seus estudos monográficos.

Como projeto de extensão permite o acesso pela comunidade de professores, aluno e interessados na temática da História da Educação Física, do Esporte e do Lazer o acesso a documentos que contem a memória do desenvolvimento dessas prática no Espírito Santo, entre os anos de 1931 até o ano de 1961.

Busca-se no projeto realizar a digitalização dos documentos para que sejam posteriormente acessados pela web, criar um controle de consulta para eles, promover e conservá-los por meio da higienização mecânica e de pequenas intervenções estruturais, acondicioná-los de forma adequada, criar fundos arquivísticos que possibilitem tematizar o arquivo permanente, elaborar e obedecer a um arranjo cronológico – tipológico para a triagem e guarda dos documentos, estabelecer métodos técnico – científicos na organização dos processos físicos e eletrônicos, facilitar a manutenção das condições de limpeza e preservação dos documentos, divulgar os resultados do projeto para incentivar uma cultura de preservação documental relacionada a Educação Física e ao Esporte no Espírito Santo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto está contribuindo para o desenvolvimento de monografias, de dissertações e de teses, além de servir como espaço para atividades práticas, estágio supervisionado dos estudantes do Curso de Arquivologia da Ufes, fazendo com que os alunos tenham oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula. O projeto de extensão presta um importante serviço não só para o CEFD, como também para a sociedade, pois contribui para a preservação da memória e cultura do Estado do Espírito Santo.

## CONCLUSÃO

O Arquivo Permanente do CEFD está em fase de organização, passando pelo processo de seleção documental, higienização e catalogação. Hoje ele não é mais visto como um simples local para a guarda de documentos, um arquivo morto, mas como um arquivo histórico ativo que guarda a memória da Educação Física capixaba, disponibilizando informações de forma eficiente, para a pessoa certa, no momento certo. Com isso, contribuindo para o avanços das pesquisas realizadas no CEFD, tanto na graduação, quanto na pós-graduação. O Arquivo Permanente é um legado para

as novas gerações pois é um meio para garantir a preservação do sentido da Educação Física, do que ela foi e do que ela é na contemporaneidade, dando visibilidade aos caminhos percorridos e a garantia da recordação das práticas e dos atores sociais que estiveram envolvidos no processo na constituição da Educação Física como disciplina escolar.

## REFERÊNCIAS

PASCHOALINO, Renata. Relações dialógicas entre professor e aluno na sala de aula a partir das contribuições de Paulo Freire. Monografia (Departamento de Metodologia do Ensino) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em: <<http://www.processoseducativos.ufscar.br/tcc1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

SCHNEIDER, Omar. Memórias da Educação Física e do Esporte no Espírito Santo: organização e tratamento dos arquivos do CEFD/UFES. Vitória: UFES, Pró-Reitoria de Extensão da UFES/PROEX, jun. 2012.

SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel. História da Educação no Espírito Santo: catálogo de fontes. Vitória – Espírito Santo: EDUFES, 2004.

# POR UMA GINÁSTICA PARA E POR TODOS: A GINÁSTICA GERAL NO PROJETO LABGIN

Docente: Mauricio Santos Oliveira

Discentes: Yan Tavares Galdino da Silva e Rafael de Souza Iyama

## INTRODUÇÃO

*A ginástica é universal. Ela é educacional, esportiva e, de alguma forma, vida, com suas sombras e luzes. Ela é de igual modo um exemplo, um modelo de vida para todos (BRUNO GRANDI apud AHLQUIST, 2000)<sup>1</sup>.*

A fala do presidente da Federação Internacional de Ginástica (FIG), supracitada, sinaliza o caráter e a abrangência mundial da ginástica com suas diferentes nuances e sua proeminente contribuição na vida de seus praticantes.

Dentre as diferentes modalidades, a Ginástica Para Todos (GPT) se consolida como a base para todos os esportes e demais formas gímnicas, pois contempla no seu cerne os fundamentos da ginástica e, também, devido o regozijo que emerge de sua prática (RUSSELL, 2010).

Corroboramos Ahlquist (2000) que um dos fatores mais significativos da GPT é que ela pode ser praticada por qualquer indivíduo não importando a idade, tamanho, sexo ou o nível de habilidade. Segundo Ayoub (2003, p. 48), a GPT é apontada

*[...] como uma ginástica para todos, acessível a todas as pessoas, aberta para a participação; como uma ginástica de grupos, com grupos; como uma ginástica simples, sem restrições a regras e que, portanto, cria espaço para a diversidade e para a criatividade; e, em especial, como uma ginástica do prazer, da felicidade e do divertimento.*

Podemos conceituar a GPT segundo a perspectiva de Gallardo e Souza (1995). Os autores definem a modalidade como:

*“[...] uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc), integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes (GALLARDO; SOUZA, 1995, p. 292)*

Parra-Rinaldi e Paoliello (2008), ao realizarem uma reflexão acerca da formação inicial em Educação Física (EF), destacam que os saberes ginásticos devem ser dominados pelos professores e, para que isso seja possível, é necessário centrar esforços nessa etapa da formação acadêmica.

Nesse sentido, em busca de oferecer e propiciar o contato dos alunos de graduação em EF com os saberes ginásticos, o Laboratório de Ginástica (LABGIN) desenvolve, desde 2010, o Grupo Ginástico LABGIN. Trata-se de um projeto que transita entre a extensão, o ensino e a pesquisa e que visa, por meio da prática da GPT, contribuir com o entendimento dessa manifestação gímnic.

## GRUPO GINÁSTICO LABGIN: PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

No decorrer dos anos, o Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) se consolidou como formador de docentes e pesquisadores por meio de atividades vinculadas ao ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente, essa instituição oferece formação em duas modalidades de graduação em EF, as quais: licenciatura e bacharelado. Ademais, em nível de pós-graduação, oferta cursos de especialização, mestrado e doutorado.

O CEFD acompanha a política da UFES, no sentido de ampliar e consolidar a relação entre a instituição e a sociedade, por meio da interação propiciada pela partilha de conhecimentos, ideias, projetos e experiências de extensão.

Por sua vez, a extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.

Como podemos inferir, a extensão universitária se tornou um instrumento que permite a inter-relação entre a Universidade e a sociedade catalisando a democratização do conhecimento acadêmico. Ademais, serve como oxigenação da própria Universidade, porque torna propícia a (re)produção desse conhecimento através da troca de saberes com a comunidade na qual está inserida (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012).

A Universidade tem o dever de propor e desenvolver atividades de extensão, pois, de acordo com a Constituição de 1988, em seu art. 207, “as universidades [...] obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). Por isso, podemos dizer que a extensão constitui um dos apoios do tripé sobre o qual a Universidade está sustentada.

1. Tradução nossa.

Ao analisarmos o currículo de formação inicial em Licenciatura em EF do CEFD/UFES, observamos a emergência de 5 eixos teóricos, os quais dão vida a matriz curricular. O denominado “Conhecimento Advindo da Experiência (CAE)” é um desses eixos e, por sua vez, relaciona-se

*[...] às práticas próprias da atividade docente articuladas ao conhecimento teórico e corresponde a 400 horas vivenciadas pelos licenciandos, com envolvimento efetivo, nas seguintes situações didáticas: projetos desenvolvidos no interior das disciplinas do curso; projetos desenvolvidos em disciplinas de outros cursos de licenciatura; participação em estudos/pesquisas que tenham como foco a realidade escolar e favoreçam a vivência, observação e reflexão das práticas de pesquisa e docência em Educação Física; projetos de Extensão e nas Oficinas oferecidas pelo curso (PAIVA et al, 2006, p. 224).*

Assim como na licenciatura, verificamos que o currículo do curso de Bacharelado em EF, desta mesma instituição, contempla a participação dos alunos em projetos de extensão por meio das disciplinas de Estágio Supervisionado no campo do Lazer, Esporte e Saúde e, também, nas atividades complementares.

Nessa conjuntura, os alunos têm oportunidade de aprimorar sua prática profissional por meio da inserção em diferentes projetos de extensão oferecidos. Além disso, constatamos que pesquisas de Iniciação Científica e de trabalhos de conclusão de curso estão vinculadas a esses projetos.

No rol de atividades de extensão, uma se consolida desde 2010 e oferece à comunidade universitária e do seu entorno a prática da GPT por meio do Grupo Ginástico LABGIN, o qual está inserido no Programa de Extensão do Laboratório de Ginástica (LABGIN).

A abordagem da GPT implementada no Grupo Ginástico LABGIN tem como propósito oferecer, para além das aulas curriculares obrigatórias, vivências práticas e de ensino-aprendizado da Ginástica. Trata-se de um projeto que surgiu da demanda espontânea dos alunos de graduação em EF.

Nesse sentido, o envolvimento discente nas ações desse projeto torna-se de extrema importância, pois complementa os estudos realizados em sala de aula. Trata-se de um momento no qual são compartilhados os conhecimentos, adquiridos nas disciplinas curriculares e no grupo de estudos. E, por conseguinte, novos conhecimentos são recebidos por meio dessas experiências. Resumos, artigos, coreografias sinalizam a produção do conhecimento.

Corroboramos Paoliello (2008, p. 210) quando a autora cita que “é interessante observar que a vivência como ginasta é constantemente transferida para a sua capacitação como profissional”. E, a possibilidade de experimentar essa prática contribui com a formação profissional e científica dos indivíduos que compõem o grupo de GPT.

## POR UMA GINÁSTICA PARA E POR TODOS

*A fantasia e o poder da criação misturados com o conhecimento e o interesse de levar as pessoas ao movimento são a resposta (AHLQUIST, 2000, p. 172)<sup>2</sup>.*

2. Tradução nossa.

Nista-Piccolo (1995) expõe que um dos caminhos para legitimar a ginástica como conhecimento da EF no ambiente escolar é o trato da GPT. Poderíamos acrescentar que essa forma gímnica, também, favorece e corrobora a prática da ginástica em outros âmbitos que ultrapassam as aulas do ensino formal.

Isso se deve, pois a GPT não possui um cunho competitivo e, desta forma, não possui regras rígidas. Assim, “abre espaço para a participação de todos, para a criação, buscando atingir a liberdade gestual, além de valorizar as experiências individuais e coletivas dos alunos advindas da história de vida destes” (NISTA-PICCOLO, 1995).

De acordo com Fiorin-Fulgsang e Paoliello (2008), a GPT se torna “um grande palco” no qual é possível compartilhar conhecimentos e experiências. Trata-se de um espaço onde as diferentes formas de ginástica dialogam e interagem com outras formas de expressão corporal.

Nesse palco, podemos estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações da ginástica. E, conforme Ayoub (2003), fundamentados nesses conhecimentos que emergem da prática buscar novos significados e, também, procurar e desenvolver outras possibilidades de expressão gímnica.

Concordamos com Fiorin-Fulgsang e Paoliello (2008) que a possibilidade de ver, apreciar, conversar, opinar, criar em conjunto é o que diferencia a GPT das demais formas de ginástica. E, nessa perspectiva, o trabalho do Grupo Ginástico LABGIN é orientado de forma que as experiências individuais e coletivas sejam valorizadas no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho coletivo torna-se ferramenta essencial, aspecto que na concepção de Souza (1997) é um dos pilares da GPT, pois enquanto todos estão aprendendo, todos estão ensinando. Por isso, as atividades do grupo devem ser desenvolvidas para todos e por todos com o intuito de compartilhar a responsabilidade no processo de planejamento, organização, implementação e avaliação das aulas. E, conseqüentemente, contribuir com a formação inicial dos graduandos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Braga (2008) expõe que há uma convergência entre a EF, numa perspectiva crítica, e a GPT. A qual ocorre na fundamentação metodológica de ambas que está centrada no indivíduo que as pratica numa perspectiva pedagógico-humana.

Acreditamos que o trato da GPT na formação inicial, por meio de um projeto de extensão oferecido aos discentes, contribui para a reflexão e a resignificação da Ginástica e de seus valores em busca de novas formas de intervenção que sejam inclusivas e democráticas. E, que servirão de referência para esses futuros profissionais de EF.

Assim como Parra-Rinaldi e Paoliello (2008), consideramos que a capacitação do professor deve ser norteada por uma proposta que não perda de vista a formação humana. Objetivo que pode ser logrado com a proposta do Grupo Ginástico LABGIN no qual o respeito às individualidades, abrangência, acessibilidade, construção coletiva, criatividade ilimitada, atividade lúdica, liberdade, valorização das características do grupo, ênfase na aprendizagem e interação, preocupação maior com o

processo do que com o produto, prazer, expressão corporal, pluralidade, formação integral são alguns de seus pressupostos<sup>3</sup>.

Por fim, ao analisar o Grupo Ginástico UNICAMP, o qual serviu de referencial para o Grupo Ginástico LABGIN, Braga (2008) considera que a possibilidade de atuar no grupo contribui para a realidade prática do futuro profissional de EF na medida em que proporciona ideias, propostas, mudanças e experiências.

## REFERÊNCIAS

- AHLQUIST, M. S. A sport for anyone. In LANGSLEY, E. *Gymnastics in perspective*. Moutier: FIG, 2000.
- AYOUB, E. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Unicamp, 2003.
- BRAGA, J. M. P. *Música e movimento*. PAOLIELLO, E. (Org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008.
- BRASIL. Constituição da república federativa do Brasil. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 28 out. 2013.
- FIORIN-FULGSANG, C. M.; PAOLIELLO, E. Possíveis relações entre a ginástica geral e o lazer. In PAOLIELLO, E. (Org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Política nacional de extensão universitária. 2012. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2012/legislacao/Politica%20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf>. Acesso em: 28 out 2013.
- GALLARDO, J. P.; SOUZA, E. P. M. La experiencia del Grupo Ginástico UNICAMP en Dinamarca. In *Anais Congresso Latinoamericano – Ichpersd, Foz do Iguaçu*, p. 292-298, 1995.
- NISTA-PICCOLO, V. A educação motora na escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In MARCO, A. (Org.). *Pensando a educação motora*. Campinas: Papirus, 1995.
- PAIVA, F. S. L.; ANDRADE FILHO, N. F.; FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação inicial e currículo no CEFD/UFES. *Pensar a prática*, v. 9, n. 2, p. 213-230, 2006.
- PAOLIELLO, E. Nos bastidores da ginástica geral: o significado da prática. PAOLIELLO, E. (Org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008.
- PARRA-RINALDI, I.; PAOLIELLO, E. A ginástica geral nos cursos de formação profissional de licenciatura em educação física. In PAOLIELLO, E. (Org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008.
- RUSSELL, K. *Gymnastics foundations*. Saskatoon: Ruschkin, 2010.
- SOUZA, E. P. M. *Ginástica geral: um campo de conhecimento da educação física*. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

3. Características elencadas por Braga (2008) ao analisar o Grupo Ginástico UNICAMP que exerceu proeminente influência na concepção do projeto Grupo Ginástico LABGIN.

## PRÁTICA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

### RESUMO EXPANDIDO

O presente projeto de extensão tem por objetivos: a) promover campo de estágio em Educação Física Adaptada para os acadêmicos do Curso de Educação Física; b) expandir os serviços de Educação Física a comunidade, por meio do atendimento às crianças, jovens e adultos com deficiência; c) promover práticas corporais (ginástica, esporte, dança, jogos, lutas, lazer...) e orientações educacionais aos alunos com deficiência que participam do projeto; d) incrementar a prática de pesquisa (disciplinares, interdisciplinares, trabalhos de conclusão de curso, monografias e dissertações) nesta área de interesse em Educação Física.

O Projeto Permanente “Prática pedagógica de Educação Física adaptada para pessoas com deficiência”, desenvolvido no Laboratório de Educação Física Adaptada - LAEFA/CEFD/UFES, desde 1995 vem se consolidando na UFES como um eficaz agente na formação profissional, produção de conhecimentos e extensão universitária em Educação Física Adaptada. Ao longo desses anos, participaram do Programa mais de seiscentos estagiários do curso de Educação Física da UFES, com a maioria deles defendendo a monografia de final de curso com trabalhos desenvolvidos no LAEFA, apresentação e publicação de trabalhos em eventos científicos, além do atendimento a mais de 200 crianças, jovens e adultos com deficiência.

O momento da educação física brasileira é de transformação, construção e (re) significação dos conhecimentos e práticas corporais. Hoje, a área do conhecimento Educação Física promove sua universalização e prática em todos os segmentos de nossa sociedade. Por isso, o LAEFA tem adotado como princípio para o desenvolvimento de seus programas e projetos o que preconiza a Carta Internacional de Educação Física da UNESCO (1978, p. 3), em seu Art. 1º: “A prática da educação física e do desporto é um direito fundamental de todos”. Na alínea 1.3 estabelece que “Devem

Docente: Prof. Dra. Maria das Graças Carvalho Silva de Sá e Prof. Dr. José Francisco Chicon

Discente: Bryan Rios e Jackson Pereira Rocha

ser dadas condições especiais aos jovens, inclusive às crianças em idade pré-escolar [educação infantil], aos idosos e às pessoas com deficiência, a fim de permitir o desenvolvimento integral da sua personalidade, através de programas de educação física e de desporto adaptado às suas necessidades”. Em seu Art. 3º preconiza que “Os programas de educação física e de desporto devem corresponder às necessidades dos indivíduos e da sociedade”. Na alínea 3.1 orienta que “Os programas de educação física e de desporto devem ser concebidos em função das necessidades e das características pessoais dos praticantes, assim como das condições institucionais, culturais, socioeconômicas e climáticas de cada país”. E ao finalizar a alínea, destaca: “Eles [os programas] devem dar prioridade às necessidades dos grupos especialmente carenciados no seio da sociedade”.

A UNESCO tem estabelecido critérios pelos quais se pressupõe haver em nosso país um índice de 10% da população constituída de pessoas com deficiência. Esses dados apresentados justificam a existência deste projeto que já é desenvolvido no LAEFA/CEFD, junto à Pró Reitoria de Extensão desde julho de 1995 e apresenta anualmente resultados significativos para a formação de um profissional de Educação Física conhecedor dos problemas dessas pessoas.

O processo de inclusão desencadeado na década de 1990 tem enfatizado as potencialidades das pessoas com deficiência em detrimento de suas limitações, o que tem contribuído para ressignificar os valores socioculturais da população, demonstrado com o reconhecimento de que a sociedade é que precisa se modificar para atender aos seus cidadãos e não o contrário, aumentando a tolerância, a aceitação da diversidade/diferença.

Procuramos atender essas pessoas com deficiência intelectual, síndrome de Down, hiperatividade e síndrome do autismo dentro de uma proposta de participação ativa e tendo como debatedores, além desses principais destinatários do programa, a família e a suas *Instituições de reabilitação básica, a APAE de Vitória, a Associação Pestalozzi da Serra e o Centro de Atendimento Psicossocial infanto-juvenil de Vitória.*

Considerando os aspectos acima evidenciados e entendendo estar contemplando na execução deste Projeto a Tríade: Ensino, Pesquisa e Extensão, missão da Universidade Pública e Gratuita, é que pretendemos manter nosso compromisso profissional com a formação de recursos humanos melhor preparados para atuar com a Educação Física Adaptada e de estender estes serviços a comunidade, no atendimento às crianças, jovens e adultos que apresentam deficiências e na produção e socialização do conhecimento.

## METODOLOGIA

No Projeto “Prática Pedagógica de Educação Física adaptada para pessoas com deficiência”, organizamos propostas pedagógicas para o desenvolvimento do atendimento educacional, de esporte e lazer para pessoas que apresentam deficiência. Essas propostas são envolventes e buscam em todos os seus momentos, não apenas um compromisso com o movimento e suas implicações diretas, mas também

com os aspectos sociais, culturais, afetivos e perceptivos. Razão da necessidade de constituir nas atividades, momentos de diálogo, de compartilhar as brincadeiras, de trabalhar com valores de respeito pelas diferenças/diversidade, colaboração etc., compreensão de conceitos e regras, em que a liberdade de expressão e apropriação da cultura corporal de movimento é a tônica.

O projeto é realizado no Laboratório de Educação Física Adaptada, do Centro de Educação Física e Desportos - LAEFA/CEFD/UFES, no período de fevereiro a dezembro de 2015, envolvendo a participação de 2 professores coordenadores, 2 professoras colaboradoras internas, 2 bolsistas, 10 voluntários de extensão, 7 acadêmicos da turma de Estágio supervisionado em educação física, esporte e lazer do curso de Bacharelado. O atendimento educacional é realizado com 25 alunos adolescentes, jovens e adultos que apresentam deficiência intelectual e transtornos globais do desenvolvimento (autismo), de ambos os sexos, com idades entre 12 e 60 anos, oriundos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-Vitória), da Associação Pestalozzi da Serra e da comunidade, em um encontro semanal, todas as quintas-feiras, no horário das 14 às 16 horas, participando de duas atividades: Atividades circenses e práticas corporais da juventude.

### Funcionalmente as atividades estão organizadas no seguinte esquema

As atividades circenses são realizadas das 14 às 14h50min — na sala de dança e das 15h10min às 16h aula de Práticas Corporais da Juventude, na quadra coberta do CEFD/UFES. As aulas são coordenadas pelos bolsistas de extensão em revezamento com os demais integrantes da equipe. Dois dos integrantes da equipe em revezamento ficam responsáveis pela observação e registro das aulas. Logo após o atendimento a equipe de trabalho se reuni, das 16 às 17h30 min., na sala do Laefa para avaliar e planejar as aulas da semana seguinte. Todas as segundas-feiras, das 14 às 17 horas a equipe se reúne para participar do grupo de estudos.

Para a realização dos trabalhos junto aos alunos, buscamos orientação na abordagem pedagógica crítico-superadora (Coletivo de Autores, 1992) e nos métodos de ensino referentes as atividades circenses e das práticas corporais da juventude.

Quanto a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, o Laefa está organizado nos seguintes moldes:

### Quanto ao ensino

Oportunizar aos acadêmicos do Curso de Educação Física da Licenciatura e Bacharelado, processo de aprendizagem consistente, crítico e reflexivo, por meio do estudo de teorias e conceitos, capaz de fornecer os aportes teóricos e práticos para o desenvolvimento das práticas educacionais inclusivas e do esporte e lazer para pessoas com deficiência e seus familiares. No Laefa são ministradas as disciplinas: “Atividade interativa de formação: Educação Física e Programas Sociais I” (Licenciatura) e a disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Física, Esporte e Lazer” (Bacharelado). Além dessas, no Laefa se produz material didático para fomentar o ensino na disciplina Educação Física, Adaptação e Inclusão (bacharelado e licenciatura), disciplina de “Conhecimento e metodologia do Ensino do Jogo”.

### Quanto à pesquisa

Incrementar a prática de pesquisa nesta área de interesse em Educação Física, com a produção pelos acadêmicos dos trabalhos de final de curso (mais de 100 TCCs), bem como produção e socialização de conhecimento, com apresentação de trabalhos em eventos científicos e publicação de artigos em anais e revistas (mais de trinta trabalhos produzidos e socializados). Participação no Congresso Espírito Santense de Educação Física, Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, com apresentação de trabalho na forma de comunicação oral e publicação de texto completo dos anais do evento.

### Quanto à extensão

Oferecer serviço de qualidade e gratuito a comunidade em geral, na forma de práticas corporais de esporte, lazer, danças, ginástica, lutas, jogo infantil a crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência e seus familiares. Zelar para manter estreitos os laços entre Universidade e comunidade. Promover campo de estágio em Educação Física Adaptada para os acadêmicos do Curso de Educação Física e seus egressos.

### Relevância da proposta/impactos e melhorias sociais/implicações nas políticas públicas

O projeto vem suprir uma lacuna existente na comunidade no que se refere à ausência de oferta de serviços públicos e privados para o atendimento no âmbito da saúde, esporte e lazer para adolescentes, jovens e adultos com deficiência, melhorando por esta via, a qualidade de vida destas pessoas. Além disso, é necessário fomentar princípios que contribuam para uma sociedade que não só reconheça a diversidade humana, mas também, e, principalmente, a conceba enquanto uma premissa de vida. Quantitativamente realizamos 80 atendimentos semanais, 320 mensais e 1280 semestrais. No ano, somando os atendimentos do primeiro e segundo semestre, realizamos um total de 2560 atendimentos.

Com relação a participação dos alunos do Curso de Educação Física e seus egressos possibilitamos a experiência prático/teórica do exercício da função docente com toda sua complexidade no atendimento educacional, esporte e lazer de pessoas com deficiência e seus familiares, transformando em potência sua condição de atuar de forma mais qualitativa no campo profissional futuro, tendo a sensibilidade e a preocupação de defender e oferecer os seus serviços a todas as pessoas, tenham elas deficiência ou não. A cada semestre temos um número de 20 acadêmicos participando deste projeto.

Além disso, contribuímos para ampliar a produção de conhecimento na área, constituindo subsídios teórico-práticos que possam auxiliar o governo em relação a organização de políticas públicas coerentes, para melhorar a qualidade de vida dessa população tão sofrida e marginalizada e de formação continuada aos professores que atuam nas diferentes redes de ensino, sejam municipais, estadual e federal. E com isso, marcar nossa posição política a favor da redução da desigualdade social que tanto assola o país. Destaca-se na produção científica: produção de dois livros, organização de seis livros, sete capítulos, dez artigos publicados em revista de qualis A2 e B1, mais de 20 trabalhos apresentados em congressos com publicação de texto em anais.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO

A carência de serviços na comunidade para o atendimento de crianças, jovens e adultos que apresentam deficiência é notória, principalmente quando se trata de indivíduos que não conseguem acompanhar o currículo escolar referente a sua faixa etária, aí o problema se agrava ainda mais. Normalmente estas pessoas apresentam dificuldades em diferentes áreas do desenvolvimento, exigindo para o seu melhor atendimento a ação conjunta de uma equipe interdisciplinar.

Nesse sentido, a Universidade por meio do Laboratório de Educação Física Adaptada (Laefa/CEFD/Ufes) vem cumprindo este papel social oferecendo à comunidade, por meio da extensão, um serviço de qualidade no atendimento socioeducacional dessas pessoas.

Neste âmbito, cabe enfatizar também a importância do projeto para a formação inicial e continuada de professores que vem se consolidando com a possibilidade de enriquecer a experiência crítico-reflexiva do professor/estagiário, oportunizando a este um ambiente multivariado, no qual pode colocar em evidência seus conhecimentos, por meio do planejamento, execução e avaliação de atividades organizadas para atender crianças, jovens e adultos que apresentam deficiência intelectual e transtorno global do desenvolvimento. Além disso, este tipo de atividade gera a necessidade de estudos e pesquisas, que se realizam simultaneamente a ação, favorecendo a construção de conhecimento na área, qualificação profissional e consequentemente a socialização deste conhecimento, por meio de publicações, participação em eventos científicos, capacitação profissional e similar.

Evidencia-se também nesse momento, a importância do apoio da Proex/Ufes ao desenvolvimento deste projeto, seja na forma de bolsa de extensão, na emissão de certificados e outras, sem o qual não seria possível a realização de tão importante projeto social.

### REFERÊNCIAS

CARTA INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO DA UNESCO, 1978. Disponível em: < <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc119.pdf> >. Acesso em: 18 maio 2010.

SOARES, Carmem Lúcia et al. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

# INTEGRAÇÃO COMUNIDADE ACADÊMICA E LOCAL COM AS PRÁTICAS ESPORTIVAS DO VOLEIBOL

Docente: Mariana Duran Cordeiro

Discentes: Kamilla Beatriz Gandara Sacramento e Edgar Salardani Senhorello

## RESUMO

A prática desportiva é amplamente reconhecida como atividade valiosa e indispensável para o crescimento humano. Além disso, o esporte atua como agente de formação do cidadão, auxiliando no desenvolvimento de características como sociabilidade, autocontrole, respeito, disciplina, organização e capacidade de trabalho em grupo. É um esporte sem violência e que pode ser praticado por todas as faixas etárias e classes sociais. Dessa forma, os objetivos do presente projeto são estimular a prática desportiva do voleibol como atividade recreativa, inserindo a comunidade local em conjunto com a acadêmica dentro da presente instituição, incentivar a prática do voleibol em contextos diversificados, tanto para lazer quanto para competição, promover o aumento da autoestima dos participantes e fortalecimento físico e, como consequência melhora da saúde através do vôlei.

## Palavras-chave

*Voleibol; interação; lazer*

## INTRODUÇÃO

O voleibol foi originado em 1895 nos Estados Unidos, e a partir desse momento sua prática se difundiu por diversos países, entre eles o Brasil, sendo o segundo esporte mais praticado, com em torno de 15,3 milhões de praticantes, perdendo apenas para o futebol com 23 milhões. Em levantamento feito de 1970 a 2003, em 33 anos o número de atletas registrados na modalidade vôlei teve um crescimento expansivo de 261% (DA COSTA, 2006).

A prática desportiva é amplamente reconhecida como atividade valiosa e indispensável para o crescimento humano. Essa importância terapêutica e preventiva da atividade física vem sendo descrita desde 3000 a.C. Na Grécia antiga, o reconhecimento de

que quantidades apropriadas de atividade física eram necessárias para viver com saúde foi publicado nas chamadas leis da saúde, há cinco séculos antes de Cristo, entretanto, foi a partir do século XX, com a publicação de estudos epidemiológicos pioneiros por Morris et al. (1953), que a relação entre atividade física e doenças crônicas não transmissíveis se tornou fortalecida. Inúmeros trabalhos científicos no campo da medicina desportiva destacam que a prática de uma atividade física tem papel fundamental na melhora da qualidade de vida, sendo fundamental para prevenção de determinadas doenças cardiovasculares e respiratórias. A prática de atividade física pode prevenir o surgimento precoce, atuar no tratamento de diversas doenças metabólicas e interferir positivamente na capacidade funcional, reduzindo a adiposidade corporal, a pressão arterial, além de melhorar a sensibilidade à insulina, promover o aumento da capacidade cardiorrespiratória, da flexibilidade e do equilíbrio (COELHO & BURINI, 2009). Além disso, o esporte atua como agente de formação do cidadão, auxiliando no desenvolvimento de características como sociabilidade, autocontrole, respeito, disciplina, organização e capacidade de trabalho em grupo. É um esporte sem violência, e que pode ser praticado por todas as faixas etárias e classes sociais.

“O esporte é uma importante arma social para melhor desenvolvimento da nação, visando aproximar os povos e fazer com que estes exercitem não somente o corpo, mas também a mente, para que possam obter resultados mais expressivos na sua vida, seja ela profissional, estudantil ou dedicada ao lazer. (...) A prática regular do esporte, além de uma vida mais saudável, proporciona ao praticante, uma forte inclusão social, que inclui um ciclo de amizades e diversão.” [4]

Desde o ano de 2013 a prática da atividade ocorre regularmente na quadra poliesportiva do Centro de Ciências Agrárias, entretanto com o aumento do número de participantes, surgiu a necessidade de elaboração de um projeto para regularização da atividade. No ano de 2013, como fruto dessa prática, a instituição participou com um time masculino representando a mesma na I Copa das Montanhas de Vôlei, que aconteceu na cidade de Conceição do Castelo, entre os dias 01 e 03/11/2013. Apesar da equipe não ter conseguido se classificar para a final, obteve grande destaque visto que o time foi reunido em menos de uma semana para participação no evento. Além da prática esportiva como interação entre comunidade local e universitária, o projeto vislumbra a participação em torneios com times masculinos e femininos representando a instituição.

## OBJETIVOS

O projeto tem como objetivos, além de promover a interação da comunidade local em conjunto com a acadêmica a partir da oferta de esporte, aliando à promoção de lazer e saúde e incentivar a prática do voleibol em contextos diversificados, tanto para lazer quanto para competição, visa também promover a interação da comunidade local em conjunto com a acadêmica dentro da presente instituição na prática desportiva do voleibol como atividade recreativa, promover o aumento da autoestima dos participantes e, por último, promover o fortalecimento físico e, como consequência melhora da saúde através do voleibol. Para alcançar estes objetivos, foram executadas no período três principais etapas:

1. Treinamento com times masculino e feminino formados por alunos e pessoas da própria comunidade;
2. Participação de campeonatos representando a universidade e jogos amistosos;
3. Formação de equipe composta por alunos do Campus e pessoas da comunidade.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente projeto de extensão Integração Comunidade Acadêmica e Local com as Práticas Esportivas do Voleibol, realizado pela professora, e coordenadora do projeto, Mariana Duran Cordeiro, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (ProEx) desde abril de 2014, é desenvolvido na quadra poliesportiva da Universidade Federal do Espírito Santo, situada no Centro de Ciências Agrárias, na cidade de Alegre - ES.

Os materiais empregados para prática desportiva são mastros, rede, antenas e bolas, nos quais já foram disponibilizados pela presente instituição. A prática acontece em dois dias da semana, as segundas e quintas-feiras, de acordo com a disponibilidade da quadra, a partir das 21:00 e 20:00hs, respectivamente, e eventualmente sábados e domingos entre às 15 e 17:00hs, tendo como público alvo qualquer pessoa da comunidade acadêmica ou membro da comunidade local, que tenha interesse em participar da prática. O projeto conta com o auxílio de um bolsista e um monitor voluntário, que são alunos pertencentes ao quadro acadêmico da UFES, e que também são atletas da modalidade, responsáveis por montar e desmontar todo equipamento necessário para prática, realizar a divulgação e o cadastramento dos participantes no projeto, bem como observar a frequência dos mesmos e auxiliar nos treinamentos e busca de torneios para participação das equipes.

Como é um projeto aberto, os participantes são cadastrados a medida que iniciam sua participação no mesmo, e a partir desse momento são observados de acordo com a frequência na prática da atividade. Os dados são computados em planilhas do Excel, e com eles são gerados gráficos para a avaliação dos seguintes parâmetros: quantidade de indivíduos pertencentes à comunidade acadêmica x comunidade local; número de participantes do sexo feminino x masculino; faixa etária dos participantes no projeto e melhora observada com relação à saúde. Para a avaliação e computação dos dados é realizada trimestralmente um questionário através de meio digital ou impresso, para verificação do alcance dos objetivos do projeto.

## RESULTADOS

Como citado na metodologia, os participantes são avaliados através de questionários, onde se buscavam resultados para deixar claro o avanço teórico, experimental ou prático obtido pela atividade de extensão, destacando aspectos como o impacto e abrangência social, interdisciplinaridade e publicidade. O questionário continha questões que abordavam a faixa etária (15-20, 21-25, 26-30, acima de 30), local de estudo (na própria Universidade, na cidade, em outra cidade, apenas trabalho, não estudo), o tempo (aproximadamente 1 ano, comecei esse ano, mais de 2 anos) e a frequência (sim, não, as vezes) que participa do projeto, há quanto tempo pratica o esporte

(aproximadamente 2 anos, há mais de 2 anos, comecei recentemente) e a contribuição do esporte na vida do participante do projeto (diversão, hobby, entretenimento, lazer, saúde), sendo essa última pergunta podendo ser selecionado mais de um item.

Dos resultados obtidos, 44% dos participantes tem entre 15 e 20 anos de idade, 31% entre 21 e 25, 6% entre 25 a 30 e 19% acima de 30 anos. Com relação a estudo, 78% ainda estudam, sendo que 62% na própria Universidade, enquanto que 22% apenas trabalham. A maior parcela dos participantes, em torno de 42%, está incluso no projeto a mais de dois anos, seguido de 34% que iniciou no último ano e 25% a mais de um ano, demonstrando que a maioria depois que inicia não abandona o esporte. Um dado importante é que 91% dos participantes já pratica o esporte a mais de dois anos, mas os 9% restante iniciaram recentemente, o que demonstra que o projeto está conseguindo captar pessoas que nunca praticaram o esporte mas que por fatores como diversão ou saúde estão inserindo o mesmo na sua rotina de vida. Em torno de 84,4% dos integrantes, praticam o voleibol como lazer, seguidos de 78,1% como diversão e 65,6% de saúde. Em levantamento realizado entre 2013 e 2014, observou-se em média 100 frequentadores, sendo que 49% destes pertence à comunidade acadêmica e 51% a comunidade local, demonstrando um equilíbrio e interação entre os participantes.

Como fatores positivos observamos assiduidade dos participantes, interação entre comunidade e Campus, melhora na condição física, disponibilidade de horário na quadra para realização do projeto. Como fatores negativos, que interferem na execução da atividade são a gestão ineficiente do Centro com relação à rotina de limpeza e manutenção da quadra poliesportiva e a indisponibilidade de recursos para compra de materiais necessários para prática da atividade, como bolas de vôlei, cordas para rede e mastro novo, que sejam de excelente qualidade, pois apesar da Universidade ter fornecido três bolas, as mesmas não são utilizadas por conta da péssima qualidade e risco de causar risco de lesão nos integrantes devido ao seu grau de dureza. Como citado anteriormente, desde o ano de 2013 a prática da atividade ocorre regularmente na quadra poliesportiva da UFES, e como fruto dessa prática e do projeto que se iniciou em 2014, a instituição participou com um time masculino representando a mesma na I Copa das Montanhas de Vôlei onde ficou em quarto lugar. Já em 2014 na II Copa das Montanhas de Vôlei, a participação contou com o time feminino que ficou em segundo lugar e com o time masculino que ficou em terceiro, além da participação em 2015 da Copa UFES, com os times feminino e masculino alcançando o terceiro lugar.

## CONCLUSÃO

Os membros que integram ou que conhecem o projeto acham que é de grande valia pois, além de ser um incentivo à prática do esporte dentro do Campus, seja para os próprios alunos ou para quem não é, gera interação entre os discentes, as pessoas da cidade e até mesmo alguns docentes, além de promover melhora na saúde e descontrair os participantes, promovendo num aspecto geral, melhoras no rendimento diário e na qualidade de vida, seja ela dentro ou fora do meio acadêmico. É notório que outras modalidades do esporte têm muito mais apoio e investimento do que o Voleibol, e, por este, motivo, essa iniciativa de projeto é de grande importância para que o vôlei seja mais valorizado quanto esporte.

## REFERÊNCIAS

- DA COSTA, L. Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confefe, 2006.
- COELHO, C.F., BURINI, R.C. Atividade física para prevenção e tratamento de doenças crônicas não transmissíveis e da incapacidade funcional. Rev. Nutri., 22(6): 937-946, Nov/dez, 2009.
- MORRIS, J.N., HEADY, J.A., RAFFLE, P.A.B., ROBERTS, C.G., PARKS, J.W., Coronary heart disease and physical activity of work. *Lancet*, (2): 1053-1057, 1953.
- SIFUENTES, Jefferson Prado; PASCHOAL, Sandra Regina Remondi Introcaso. O incentivo à prática do esporte como forma de inclusão social. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010.

## PROBLEMATIZANDO A VIOLÊNCIA: A EXPERIÊNCIA NO ENSINO DO FORRÓ COM AS CRIANÇAS DA ONG LBV

A Capital Vitória participa de um quadro geral de pobreza e concentração econômica que termina por conceder oportunidades bastante desiguais para as suas crianças e adolescentes. Práticas políticas autoritárias e coronelistas, ocupações urbanas desorganizadas, marginalização dos morros, exclusão social, educação de qualidade para poucos, e grande distancia entre ricos e pobres, não faz de Vitória uma capital diferentes das demais do Brasil, mas explica em parte, seu destaque como a mais violenta. (ZANOTELI et al 2000).

Segundo relatório do programa contínuo de Segurança com Cidadania da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2010, 26% dos homicídios de Vitória ocorria na Grande São Pedro. Dos assassinatos na região, entre 2006 e 2009, quase metade – 49,5% – teve como vítimas jovens, de 15 a 24 anos, que são 17,5% da população do local. Uma realidade apontada pelo relatório como “crítica e preocupante”.

Este artigo busca apresentar a experiência realizada na ONG/LBV. A Legião da Boa Vontade (LBV), é reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho nas áreas da educação e da assistência social, localizada no bairro Inhanguetá em Vitória, com o projeto Criança no Presente que atua com crianças e adolescentes de 07 a 15 anos para contribuir com desenvolvimento, promovendo valores, habilidades, dentre outros.

A Legião da Boa Vontade (LBV) é uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica, educacional, cultural, filosófica, ecumênica, altruística e sem fins econômicos, reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho nas áreas da educação e da assistência social. Fundada em 1º de janeiro de 1950 (Dia da Paz e da Confraternização Universal), pelo radialista e poeta Alziro Zarur (1914-1979), tem como diretor-presidente o jornalista, escritor, compositor, educador e também radialista e poeta José de Paiva Netto.

Todo o trabalho é realizado graças ao apoio valoroso do povo, de voluntários e parceiros que, juntos, promovem a Solidariedade àqueles que mais precisam. Em todo o Brasil, a LBV vem amplian-

Docente: Rosely da Silva Pires

Discente: Josiele Soares Ribeiro

do as suas ações transformadoras por meio de mais de 70 unidades socioassistenciais, lares para idosos e escolas, oferecendo um atendimento de qualidade, espaço seguro e acolhedor. Isso é possível graças à credibilidade da Instituição, conquistada por meio de uma gestão transparente e resultados comprovados.

O artigo refere-se ainda na intervenção na realidade social das crianças da ONG/LBV, criando estratégias de problematização e enfrentamento da violência tomando como referência a cultura do forró.

Analisando também as contribuições do forró no fortalecimento de valores democráticos e promoção dos direitos humanos e ainda construindo estratégias pedagógicas de intervenção na problematização e enfrentamento da violência urbana tomando como base a cultura do forró.

O forró foi tema escolhido para intervenção, visto que no estado do Espírito Santo o forró tem forte influência nos jovens. Utilizando essa influência, experiência de dançar forró e dar aulas no Laboratório Instrumental de Dança (LIDA), UFES.

Este projeto tem como metodologia a pesquisa-ação. A experiência com a pesquisa-ação foi publicada no livro Pesquisa em ação: educação física na escola (2002) de autoria da minha orientadora e outros autores.

A pesquisa vem sendo realizada todas as terças-feiras com 20 crianças de 7 a 12 anos que estudam na LBV no horário matutino 08:30 as 09:30. Estas moram próximas a ONG, ou seja, no bairro Grande São Pedro. São crianças em risco social de classe popular. Como instrumentos de pesquisa são feitas entrevistas semi-estruturada, grupo focal, fotografias, diário de campo, materiais produzidos pelos sujeitos durante as intervenções (desenhos, gravação das dramatizações, composições de música etc). O local que a pesquisa está sendo realizada é na ONG LBV que fica localizada em Inhanguetá localizada na Grande São Pedro, Vitória- ES.

Esse projeto de extensão tem como reflexão sobre a violência os estudos de Hannah Arendt. Essa autora tem grandes estudos sobre a violência e a banalização do seu conceito. Arendt a violência contrapõe-se ao poder, uma educação onde os sujeitos não são protagonistas, é uma educação que perpetua e reitera a violência. Entendemos a partir dos estudos da autora que a problematização e o enfrentamento da violência passa pela oportunidade da expressão das necessidades e reivindicações dos sujeitos, pela sadia busca do dissenso e da diferença e pela criação de espaços coletivos de discussão.

Para Arendt (1994) é importante observar as curiosas contradições inerentes à impotência do poder. Os governos podem controlar os processos mais complexos como por exemplo as que tornam possíveis as viagens a Lua, tornando essa viagem menos perigosas que um passeio ao final de semana, mas são impotentes para acabar com uma guerra. Se a idéia de que querer é poder, fosse sinônimo de poder, na perspectiva da autoras poderíamos dizer que o nosso poder perdeu a força, tornou-se impotente. No entanto, os progressos da ciência nada têm a ver com a vontade “eles seguem as mesmas leis inexoráveis compelindo-nos a fazer aquilo que pudermos, independentemente das consequências. Será que à vontade e a possibilidade não mais estão juntas?” (p. 37).

Rodrigues (2009) em suas pesquisas sobre violência compreende esta como um fenômeno social, multicausal e multifacetado, e portanto o desafio está em pensar

políticas públicas que promova o desenvolvimento humano, para tanto é necessário que as pesquisas sobre violência avancem para além da dicotomia racionalidade e irracionalidade.

Mas como o trabalho com a cultura popular do forró poderá contribuir com essa perspectiva defendida? Bosi (1992) um dos maiores estudiosos da cultura popular ao estudar a cultura popular e cultura universitária em um encontro amoroso afirma que um projeto democrático não deixará de ser pluralista e o mais abrangente possível. Para Bosi educar junto ao povo é educar para criar novos valores de solidariedade precisa ser na perspectiva de Paulo Freire, ou seja, educar para a liberdade.

Para melhor compreensão do forró como dança escolhida, Santos (2007) relata sobre a propagação do forró a partir da década de 40, onde Luiz Gonzaga alcançou boa parte da população do Brasil através das ondas de rádio e em festas.

Junior e Volp (2005) abordam o forró na região sudeste, com jovens universitários tocando e dançando forró ao som de Luiz Gonzaga e Jacson do Acordeom (1975), aborda também as categorias atuais de forró: o Forró Pé-de-serra, Forró Universitário e o Forró eletrônico.

Foi construída com as crianças uma coreografia de forró, onde todos da turma deveriam participar para se apresentar no encerramento de final de ano. A música escolhida foi Asa Branca, de Luiz Gonzaga. A coreografia foi composta com as crianças dançando sozinhas, fazendo o “xaxado”, original de Luiz Gonzaga, passos básicos de forró, giros e deslocamentos.

Inicialmente houve certo desconforto das crianças quando fizemos a proposta de forró pé de serra, pois muitos não queriam fazer alegando ser “coisa de velho”, outros não queriam dançar juntos por isso a opção de deixa-los dançando sem par. Ao longo das aulas a turma se envolveu mais e com isso o interesse pela dança foi aumentando, esse interesse era demonstrado muito mais pelas meninas, nos meninos o envolvimento foi aos poucos, pois muitos alegavam que dançar não era coisa para “homem”, que o pai não iria gostar de vê-lo dançando, já outros faziam aula tranquilamente. Na apresentação de final de ano, todas as crianças da turma dançaram, foi confeccionado chapéus semelhante de Gonzaga para os meninos, para as meninas foi confeccionado saias para a para a apresentação de forró, e figurinos feitos pelos bolsistas, voluntários e professores da UFES para as demais coreografias desenvolvidas por outros monitores. As crianças ficaram satisfeitas com as apresentações e muitos parentes presentes elogiaram bastante o trabalho dos oficinairos.

## REFERÊNCIAS

- ARENDR, H. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345:
- BRACHT; V., et al. Pesquisa em ação: educação física na escola, intervenção e conhecimento. Ijuí: Unijuí, 2002.
- EHRENBERG, M.C. A dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar: aproximações entre a formação e a atuação profissional. Campinas: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- Gazeta Online. Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2012/08/noticias/cidades/1810-sao-pedro-lugar-onde-mora-a-violencia.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/08/noticias/cidades/1810-sao-pedro-lugar-onde-mora-a-violencia.html). Acesso em: 06/11/2014

JUNIOR A.C. de Q; VOLP C.M. Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. v.11, n.2, p.127-130, mai./ago. 2005

LEGIÃO DA BOA VONTADE. A LBV. Disponível em: < <http://www.lbv.org/quem-somos/a-lbv>> Acesso em: 13/11/2014

PEREIRA A.N.dos S.. DANÇA: POÉTICA POPULAR. 2010. Iniciação científica (Educação Física) – Escola de Ensino Superior do Educandário Seráfico São Francisco de Assis.

RODRIGUES, M. B.F. Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: Revista Dimensões. Vitória:Universidade Federal do Espírito Santo- CCHN, nº 17, 2005, pp.213-221.

SANTOS, J. S. Forrós: eu quero um pra desgustar. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013: Natal. Rio Grande do Norte. 22 a 26 de Junho.

UGAYA, A.S. A dança no projeto “arte, educação e cidadania”: um relato de experiência, 2007.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari;Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

ZANOTELI, C.; CASTRO, M. de; LIRA, P; OLIVEIRA, E. G. Entre espaço do poder e espaço do saber: a segregação sócio espacial e os homicídios na grande vitória – ES, 2000. Disponível em:<[http://www.revistahumanas.org/zanotelili\\_artigo1.pdf](http://www.revistahumanas.org/zanotelili_artigo1.pdf)>. Acesso em 14 Nov de 2014.

## UMA EXPERIÊNCIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE: A INCLUSÃO SOCIAL POR MEIO DA AÇÃO EDUCATIVA DE JIU- JITSU NO PROGRAMA ADOLESCENTE CIDADÃO NO MUNICÍPIO DE SERRA – ES

### PERÍODO DE REALIZAÇÃO

Outubro de 2014 a março de 2015.

### DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Jiu-Jítsu como dispositivo para promoção social de crianças e adolescentes na escola municipal Prof. Naly da Encarnação Miranda de Serra ES.

#### Objetivos

- Promover a saúde, a educação e a inclusão social para crianças e adolescentes residentes em bairros do município de Serra, ES, com alto índice de vulnerabilidade.
- Dialogar sobre temas relevantes para esta fase na perspectiva dos valores humanos.

### METODOLOGIA

A ação educativa do Jiu-Jítsu é desenvolvida como dispositivo provocador de diálogo e reflexão sobre saúde, educação, ética e valores humanos. As aulas iniciam com roda de conversa e seguem com aquecimento, alongamento e exercícios do método do Jiu-Jítsu. A atuação da equipe do projeto de extensão junto ao programa municipal contempla o planejamento, o apoio ao educador social no desenvolvimento e avaliação da ação educativa, além do controle de frequência.

### RESULTADOS

Foram contemplados 74 alunos, entre meninos e meninas, na faixa etária entre 7 e 14 anos, matriculados em uma escola municipal que atende a dois bairros do município.

Décio Euzébio Gonçalves Silva e Mara Rejane Barroso Barcelos

Na avaliação desta etapa da ação educativa pela equipe pedagógica da escola, houve 100% de aprovação nos quesitos pontualidade, relevância do conteúdo, comunicação, conhecimentos pela equipe pedagógica da escola.

Realização de entrevista com aluno e pai, o que revelou grande satisfação de ambos com relação à ação.

Registro em diário de campo das experiências do aluno extensionista.

Apresentação da experiência na modalidade comunicação oral curta no ABRASCO 2015.

## CONCLUSÕES

A ação desenvolvida mostrou-se relevante pelo desenvolvimento de autêntico trabalho em equipe na promoção da saúde e da cidadania, que redundou em crescimento e benefício para os sujeitos envolvidos no processo: o estagiário, a equipe do programa e, principalmente, os adolescentes, que por meio do esporte fazem reflexões sobre saúde, ética e valores humanos.

A ação educativa com adolescentes é uma atividade complexa, uma vez que a adolescência é uma fase de grandes mudanças biopsicossociais, o que exige a articulação de forças de diversos setores. O esporte mostrou-se um potente dispositivo provocador do diálogo e uma grande oportunidade para os adolescentes exercerem seu protagonismo e cidadania. Daí a importância da continuidade e ampliação de atividades dessa natureza com os adolescentes.

## REFERÊNCIAS

BARCELOS, MRB, VASCONCELLOS, LCF, COHEN, SC. Extraindo lições de uma história inconclusa: política pública para adolescentes em Serra/ES. RBPS, Fortaleza, 24(1): 86-92, jan./mar., 2011.

BUSS, PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ciência & Saúde Coletiva.; 5(1)163-177, 2000.

GRILLO, CFC et al., Saúde do Adolescente. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2012.

# UMA EXPERIÊNCIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE NO PROGRAMA ADOLESCENTE CIDADÃO (PAC) NO MUNICÍPIO DE SERRA - ES

Décio Euzébio Gonçalves Silva e Mara Rejane Barroso Barcelos

## PERÍODO DE REALIZAÇÃO

De fevereiro de 2014 a agosto de 2015 (ação em curso)

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Ação educativa com adolescentes em escolas da rede municipal de Serra, ES, com temas relacionados à saúde desse público.

## OBJETIVOS

- Minimizar vulnerabilidade social de adolescentes da rede municipal de ensino;
- Dialogar sobre mudanças na puberdade, prevenção da gravidez precoce e DST;
- Distribuir caderneta da saúde do (a) adolescente;

## METODOLOGIA

Desenvolvimento por meio de rodas de ação, estratégia que privilegia o diálogo e a interação, por meio de dinâmicas e brincadeiras, em que a educadora social (pediatra especialista em ginecologia infanto-puberal) responde às perguntas que os adolescentes registram em formulário específico.

A atuação da equipe do projeto de extensão junto ao Programa Adolescente Cidadão, deu-se no planejamento e avaliação das ações, na produção e organização do material pedagógico e no apoio à realização das rodas de ação e no controle de frequência dos alunos.

## RESULTADOS

Foram contemplados 2.404 adolescentes, pertencentes a 15 escolas e residentes em 12 bairros de Serra (ES).

Construção de portfólio com perguntas e opiniões dos alunos cuja leitura revelou grande carência de informação e uma visão de sexualidade ainda marcada por desconhecimentos e mitos.

Registro em diário de campo das experiências do aluno extensionista.

Na avaliação realizada junto à equipe pedagógica das escolas houve 100% de aprovação nos quesitos pontualidade, relevância do conteúdo, comunicação, conhecimentos pelas equipes pedagógicas das escolas.

Apresentação da experiência na modalidade comunicação oral curta no ABRASCO 2015.

## CONCLUSÕES

Esta ação mostrou-se relevante pelo autêntico trabalho em equipe na promoção da saúde e cidadania, redundando em crescimento e benefício para os sujeitos envolvidos no processo: equipe do projeto de extensão, equipe do programa e, principalmente, adolescentes que tiveram oportunidade de dialogar sobre temas relevantes para sua saúde e exercício da cidadania. A parceria contribuiu para a realização, acompanhamento e registro desta ação educativa.

A promoção da saúde para adolescentes é uma atividade complexa, pois a adolescência é uma fase de grandes mudanças biopsicossociais, o que exige a articulação de forças de diversos setores. Houve grande receptividade pelos adolescentes e os seus registros demonstram desconhecimentos e mitos sobre sexualidade e saúde, demandando um maior investimento em mais ações educativas relacionadas à saúde com esse grupo.

## REFERÊNCIAS

- BARCELOS, Mara R. B., VASCONCELLOS, Luiz C. F., Cohen, Simone C. Extrair lições de uma história inconclusa: política pública para adolescentes em Serra/ES. RBPS, Fortaleza, 24(1): 86-92, jan./mar., 2011.
- CECCIM, Ricardo Burg and FEUERWERKER, Laura C. M.. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis [online]. 2004, vol.14, n.1, pp. 41-65. ISSN 0103-7331.
- ONOCKO, Rosana Teresa; FURTADO, Juarez Pereira. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 1090-1096, 2008.